

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU – MESTRADO EM
COMUNICAÇÃO E CULTURA

Viviane Gonsales Pimenta Madureira

O USO DO CELULAR PELA MULHER CONTEMPORÂNEA –
VINCULAÇÃO E CAPILARIDADES NA COMUNICAÇÃO E NA
CULTURA

Sorocaba – SP

2012

Viviane Gonsales Pimenta Madureira

**O USO DO CELULAR PELA MULHER CONTEMPORÂNEA –
VINCULAÇÃO E CAPILARIDADES NA COMUNICAÇÃO E NA
CULTURA**

Dissertação de Mestrado
apresentada à Universidade de
Sorocaba (UNISO), para obtenção
do Título de Mestre em
Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Miriam
Cristina Carlos Silva

Sorocaba – SP

2012

Universidade

	T
Class	302.235
	M159u
	2012
Acervo:	83881

Madureira, Viviane Gonsales Pimenta
M267u O uso do celular pela mulher contemporânea – vinculação e
capilaridades na comunicação e na cultura. / Viviane Gonsales
Pimenta Madureira. – Sorocaba: 2012
114 f : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, UNISO,
Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu – Mestrado em
Comunicação e Cultura, 2012.

1 Mulher. 2 Celular. 3 Reterritorialização. 4 Comunicação. I.
Autor II. Título.

CDD 384.5

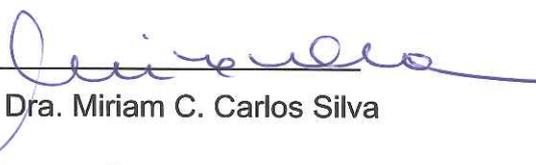
Viviane Gonsales Pimenta Madureira

**O USO DO CELULAR PELA MULHER CONTEMPORÂNEA –
VINCULAÇÃO E CAPILARIDADES NA COMUNICAÇÃO E NA
CULTURA**

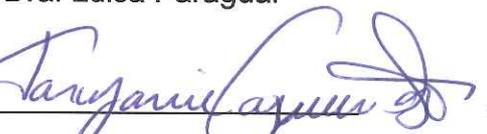
Dissertação de Mestrado
apresentada à Universidade de
Sorocaba (UNISO), para obtenção
do Título de Mestre em
Comunicação e Cultura.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Ass.: 
Profª Dra. Miriam C. Carlos Silva

Ass.: 
Profª Dra. Luisa Paraguai

Ass.: 
Profª Dra. Tarcyanie Cajueiro Santos

AGRADECIMENTOS

Imaginei que essa seria a parte mais fácil da dissertação, porém, não menos importante. Continua sendo importante, mas não foi tão fácil quanto eu imaginava. Não é à toa que ela começou a ser escrita antes mesmo do primeiro capítulo ser finalizado e foi o último texto inserido no arquivo para impressão. Foi revisada com o mesmo empenho que toda a dissertação obteve. Tive a preocupação e fiz o possível para lembrar de todos aqueles que realmente contribuíram para que eu chegasse até aqui. Durante esse processo, muitas pessoas entraram nesse texto. Outras, infelizmente, saíram, apesar de continuarem fazendo parte dessa história.

Por isso, com toda a minha forma pragmática, publicitária e jornalística de escrever, aqui vão os meus mais sinceros e consistentes agradecimentos, pois se você está citado aqui; é porque realmente fez diferença no meu mestrado.

Primeiramente, agradeço a Deus. Somente Ele sabe o quão árduo foi todo esse trajeto, e o quanto Ele foi importante em todos esses momentos.

Aos meus pais, Isa e Alberto, que sempre me incentivaram aos estudos e me apoiaram irrestritamente em todas as minhas escolhas. À minha irmã Evelise, que sempre tive como exemplo de dedicação e comprometimento.

Ao meu marido, Mauricio, pela paciência e pelo suporte. Às minhas filhas, Ana Laura e Ana Luiza, que mesmo muito novas, souberam lidar com a minha ausência em tantas horas de estudo.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Miriam Cristina Carlos Silva, sem dúvida nenhuma, uma das pessoas mais inteligentes, competentes, pacientes e generosas que conheço.

Aos meus amigos da ESAMC, que acompanharam toda essa trajetória. Em especial, Érika Pozetti, pelos nossos longos almoços, com muitos conselhos e dicas. À Fabiana Olivieri, pela preciosa ajuda na pesquisa de campo. À Manuela Santin e Quelen Torres pelo forte apoio, principalmente após a qualificação, quando me motivaram a não desistir e reescrever um novo começo. E também à Ana Renata Gonçalves, Anderson Pellegrino, Anderson Fávero, Carla Giuliani, Carolina Defillipi e Eliane El Badouy, que sempre me apoiaram e me incentivaram.

A todas as 100 mulheres que responderam a pesquisa de campo e que me ajudaram na justificativa e embasamento do projeto.

A todos àqueles que fizeram parte da minha trajetória e contribuíram de uma maneira ou de outra para a conclusão do meu mestrado.

Muito obrigada!

RESUMO

Com todas as suas lutas e conquistas, a mulher contemporânea desempenha um papel fundamental na sociedade, com muitas mudanças sociais e culturais após sua entrada no mercado de trabalho. Possui alto grau de instrução, investe na carreira, ocupa cargos de alto escalão e ainda administra a vida familiar e doméstica. Para dar conta de todas as suas atribuições, recorre às pessoas próximas, como marido, avós, babás, empregadas entre outros, mas também ao uso de dispositivos móveis, especialmente o celular, na tentativa de otimizar o seu tempo. Além desse aspecto relacionado à produtividade, acredita que o celular traz a sensação de estar mais próxima daqueles que estão distantes fisicamente. Isso é pertinente tanto nas situações em que ela quer encontrar alguém, quanto nos momentos em que ela precisa ser encontrada. Ou seja, a entrada da mulher no mercado de trabalho, somada ao uso de um dispositivo de comunicação, no caso o celular, trouxe mudanças culturais significativas, interferindo até na forma como as pessoas se relacionam. Segurança e controle também são aspectos analisados nesta dissertação sobre o uso do celular pela mulher, que é mãe, e que quer ter apenas alguns toques, o controle sobre a sua vida, de sua família e de seu trabalho. Utiliza-se a pesquisa exploratória, descritiva e, por último, uma pesquisa de campo, aplicada por meio de questionário online com 100 mulheres, com alto grau de escolaridade, de classe média alta, que vivem nas cidades de Sorocaba, Campinas e São Paulo. Este trabalho se insere na área da comunicação e da cultura, na linha de pesquisa "análise de processos e produtos midiáticos", por tratar de um aparato utilizado para promover comunicação. Os aparatos, em geral, e o celular, em particular, não diferem de outras tecnologias comunicacionais, já que transforma, não apenas veicula informações, mas modifica as relações, as percepções, a cultura em que se insere e, principalmente, cria vínculos. Os principais autores usados nestas discussões foram Asa Briggs e Peter Burke (2006), André Lemos (2009), Gilles Lipovetsky (2000), Adriana Lopes e Carlos Guilherme Mota (2008), Zigmunt Bauman (2011), Norval Baitello Junior (2010), Manuel Castells (1999), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000), Ciro Marcondes Filho (2008), Lucia Santaella (2007) e Milton Santos (1978).

Palavras-chave: Mulher. Celular. Reterritorialização. Comunicação. Cultura, análise de processos e produtos midiáticos.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Proporção de casamentos entre solteiros e de recasamentos-Brasil – 1999-2008.....	31
Gráfico 2: Rendimento médio do trabalho principal das pessoas de 16 anos ou mais de idade, total, ocupadas e ocupadas em emprego formal e informal, por sexo – Brasil-2009.....	34
Gráfico 3: Média de horas trabalhadas em todos os trabalhos, no trabalho formal e informal, por sexo – Brasil-2009.....	35
Gráfico 4: Percentual de pessoas de 16 anos ou mais de idade, ocupadas em trabalho formal e informal, por sexo – Brasil – 1999/2009.....	36
Gráfico 5: Posição na ocupação das mulheres, segundo alguns países selecionados – 2006.....	37
Gráfico 6: Distribuição percentual dos arranjos familiares com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo – Brasil-1999/2009.....	39
Gráfico 7: Média de horas semanais gastas em afazeres domésticos, total e pessoas ocupadas segundo o sexo – Brasil-2009.....	41
Gráfico 8: Percentual de domicílios com telefone, no total de domicílios particulares permanentes, segundo o tipo – Brasil-2004-2009.....	61
Gráfico 9: Idade.....	68
Gráfico 10: Grau de instrução.....	69
Gráfico 11: Perfil da atividade profissional.....	70
Gráfico 12: Quais são os canais <i>online</i> /dispositivos tecnológicos que você utiliza?.....	71
Gráfico 13: Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais <i>online</i> /dispositivos tecnológicos?	72
Gráfico 14: Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com o cônjuge, babá, avós, escola, empregada, etc), quando fora de casa?.....	73
Gráfico 15: Caso seus filhos fiquem sob responsabilidade de avós, babás ou empregada doméstica dentro de casa, através de quais meios você obtém notícias deles?.....	74
Gráfico 16: Quando seu cônjuge e/ou filho precisam encontrá-la, através de qual meio eles te acharão com maior facilidade?	75
Gráfico 17: Falando especialmente sobre celular.....	76
Gráfico 18: Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos.....	77
Gráfico 19: Idade.....	91
Gráfico 20: Cidade onde mora.....	92
Gráfico 21: Grau de instrução.....	92
Gráfico 22: Estado civil.....	93
Gráfico 23: Quantos filhos você tem?	93
Gráfico 24: Você trabalha?	97
Gráfico 25: Escolha o perfil que melhor retrata sua atividade profissional.....	97
Gráfico 26: Quais são os canais <i>online</i> /dispositivos tecnológicos que você utiliza?.....	100
Gráfico 27: Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais <i>online</i> /dispositivos tecnológicos?.....	101
Gráfico 28: Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com cônjuge, babá, avós, escola, empregada etc), quando fora de casa?.....	102
Gráfico 29: Caso seus filhos fiquem sob responsabilidade de avós, babá ou empregada doméstica dentro de casa, através de quais meios você obtém notícias deles?.....	103
Gráfico 30: Quando seu cônjuge e/ou filhos precisam encontra-la, através de qual meio	

eles te acharão com maior facilidade?.....	104
Gráfico 31: Falando especialmente sobre celular.....	104
Gráfico 32: Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos: (Marque a frase que condiz melhor com a realidade).....	105

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A ENTRADA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E A MUDANÇA NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA PATRIARCAL.....	16
2 A CULTURA DA MOBILIDADE E OS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS.....	45
2.1 O acesso à telefonia e o uso do celular.....	61
3 A MULHER CONTEMPORÂNEA, A MATERNIDADE E O USO DO CELULAR COMO UM DISPOSITIVO DE CRIAÇÃO DE VÍNCULOS.....	65
3.1 Mulher: consumidoras e produtoras.....	67
3.2 Pesquisa de Campo.....	68
4 CONSIDERAÇÕES.....	83
REFERÊNCIAS.....	88
APÊNDICE A - Pesquisa de campo.....	92

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa se insere no campo da Comunicação e da Cultura, na linha de pesquisa “análise de processos e produtos mediáticos”. Por isso, é necessário esclarecer, inicialmente, o conceito de comunicação aqui empregado, entendido na vertente de Flusser (2007), a comunicação como um artifício.

O homem cria a linguagem, os meios de comunicação, os signos, a arte, com a finalidade de escapar da morte:

A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos. Os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira não “natural”: na fala, não são produzidos sons naturais, como, por exemplo, no canto dos pássaros, e a escrita não é um gesto natural como a dança das abelhas (FLUSSER, 2007, p. 89).

As formas da comunicação, segundo Flusser (2007), são influenciadas pela cultura, gerando uma espécie de segunda natureza, a qual é continuamente esquecida. Esquecemos que aprendemos a falar, e falamos como se isto fosse algo natural. Deste modo, nosso corpo se relaciona aos aparatos da comunicação como se eles sempre tivessem existido, quando, na verdade, foram criados e naturalizou-se, artificialmente, a nossa relação com eles. O uso comum que se faz, hoje, do celular, por exemplo, guarda um processo artificial de nossa relação com a comunicação e a cultura, que é necessário se descortinar. Por isso, a necessidade de entender o celular, objeto desta investigação, como um aparato que, mais do que uma ferramenta, possibilita mudanças na cultura, que significam mudanças no comportamento, nas relações, na percepção do tempo e do espaço, na criação de vínculos, como a entende Baitello Júnior, a comunicação como vinculação (2010).

Flusser (2007) explica que o fato da comunicação ser um artifício humano nem sempre é consciente. “Após aprendermos um código, tendemos a esquecer a sua artificialidade” (FLUSSER, 2007, p. 90). Para o autor, o mundo codificado, cheio de significados em que vivemos, tem um objetivo fundamental:

Que esqueçamos que ele consiste num tecido artificial que esconde uma natureza sem significado, sem sentido, por ele representada. O objetivo da

comunicação humana é nos fazer esquecer desse contexto insignificante em que nos encontramos – completamente sozinhos e “incomunicáveis” - , ou seja, é nos fazer esquecer desse mundo em que ocupamos uma cela solitária e em que somos condenados à morte – o mundo da “natureza” (FLUSSER, 2007, p. 90).

A brutal solidão humana, segundo Flusser (2007), impele o homem à comunicação. O autor resume a noção política de homem, afirmando que:

Em suma, o homem comunica-se com os outros; é um “animal político”, não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão (FLUSSER, 2007, p. 91).

E para facilitar este processo, criamos meios que acabam por modificar o nosso contato com o outro, a nossa tentativa de apreendê-lo, bem como de dominar a comunicação. Uma questão fundamental a ser discutida neste projeto é: o que muda com a comunicação realizada por celulares, na vida da mulher contemporânea, trabalhadora, intelectual, mãe?

É também Flusser (2007) quem nos alerta que, sendo a comunicação um fenômeno artificial, a teoria da comunicação é uma ciência interpretativa, não explicativa.

Com este trabalho, buscamos interpretar um fenômeno da comunicação e da cultura; não se busca explicá-lo, o que implica no risco de não respondermos a todas as perguntas suscitadas por nosso objeto, mas sim em interpretar algumas dentre as múltiplas possibilidades que ele oferece, no sentido de avançar um olhar crítico que se abre para outros pesquisadores, outra característica da comunicação, segundo Flusser (2007): a de ser negativamente entrópica:

Pode-se afirmar que a transmissão de informações adquiridas de geração em geração seja um aspecto essencial da comunicação humana, e isso é sobretudo que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas (FLUSSER, 2007, p. 93).

A natureza tende à entropia. A comunicação, segundo Flusser (2007), é a tentativa de negar o caos e gerar a organização, para fazer com que o conhecimento permaneça e possa ser socializado, partilhado entre as gerações. Seria o celular um

truque a mais? Uma tentativa de organizar o que é entrópico e caótico, a nossa relação com o outro?

Continuando em diálogo com Flusser (2007), destacamos que este trabalho surge de uma questão pessoal, de uma angústia fenomenológica, vivida, experimentada no cotidiano. Neste sentido, impossível separar pesquisa e pesquisadora. Porém, afirma-se o esforço em estabelecer-se o diálogo com os teóricos da área e uma amostra a ser pesquisada, no sentido de ampliar-se o horizonte da própria experiência de quem vive um fenômeno a ser interpretado, já não mais a partir de um ponto de vista egocêntrico, mas agora polifônico e dialógico.

Flusser (2007) ressalta que a comunicação é composta por discursos e diálogos, ambos, recursos de armazenagem e distribuição das informações. O autor explica que os discursos são reproduções das informações recebidas, ao passo que os diálogos estabelecem uma relação entre o conhecimento armazenado e aquele produzido, novo, pelo interlocutor. O perigo, o filósofo ressalta, é que cada vez mais os discursos se sobrepõem ao diálogo. O que se pretende, nesta pesquisa, é muito mais a produção do diálogo do que a repercussão de discursos.

Assim, tendo-se a comunicação entendida como um artifício, uma tentativa de organização do caos e na expectativa da produção de diálogos, investiga-se o celular, um aparato da comunicação, em sua relação com a mulher contemporânea, trabalhadora, estudada, mãe, de classe média, e se ocorrem mudanças na cultura em que esta mulher se insere a partir do uso do celular.

Cabe aqui esclarecer que este recorte traz à tona a problematização de uma série de discussões que serão abordadas ao longo dos capítulos, entre elas, as principais são: 1. O celular, como um aparato tecnológico da comunicação, configura-se como um diferencial, no uso, na transformação da cultura e na produção de vínculos? 2. Quais as diferenças provocadas pelo uso do celular na relação da mulher contemporânea com os seus pares, no trabalho, com sua família, com seus afetos? 3. Quem é esta mulher contemporânea, como se comunica?

Essa dissertação também teve por objetivo traçar o perfil da mulher contemporânea e sua relação com os dispositivos comunicacionais da atualidade, em especial o celular, através da contextualização da mulher no ambiente de trabalho e na vida pessoal. A primeira hipótese levantada foi que a mulher seria reterritorializada através do uso do celular, o que será melhor esclarecido ao longo do trabalho.

A entrada no mercado de trabalho foi um importante fator para justificar uma possível desterritorialização da mulher. Antes, ela era territorializada, em casa, passível de ser encontrada facilmente. Uma vez fora de casa para trabalhar, ela saiu da fronteira doméstica, onde tudo, em tese, estava sob o seu controle e assim, se desterritorializou. A mulher deixou de ser apenas aquela que “ajudava” nas despesas da casa, para também ser muitas vezes, a responsável financeira pelo domicílio.

Participante ativa e que constrói novas formas de se relacionar, a mulher se esforça para equilibrar vida familiar e trabalho. A partir do momento em que se tornou mãe, a mulher teve que aprender rapidamente a gerenciar todas as suas atribuições. Observou-se também que, em um esforço para dar conta do seu papel de mãe e profissional, houve um aumento no tempo de estudo e também uma diminuição no número de filhos por mulher.

O teletrabalho, cujas atividades profissionais podem ser realizadas a partir de casa, por exemplo, se apresentou como uma alternativa para a mulher equacionar sua realização profissional e familiar. Porém, não são todas as empresas que adotam essa forma de trabalho, por não fazer parte de sua cultura corporativa, ou porque a natureza do negócio não permite. Nestes casos, onde há necessidade de se estar fora de casa para trabalhar, o celular surgiu como um dispositivo para estabelecer contato, gerando uma hibridez, na qual há um fluxo informacional que permite no mínimo alguma ilusão de controle sobre o espaço do outro.

É um tema atual, pertinente na comunicação e cultura, ainda pouco discutido e que, por isso, não poderia ter a intenção de esgotar todas as possíveis discussões acerca desse assunto.

A metodologia utilizada foi pesquisa exploratória em livros, websites, artigos e vídeos, que trouxeram teorias e discussões relacionadas direta ou indiretamente ao tema. Além disso, uma pesquisa de campo foi feita via internet, com cem mães, para conhecermos melhor o modo como lidam com a tecnologia e quais são suas percepções quanto ao aspecto relacional do uso de dispositivos. Para essa pesquisa, foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, com tamanho da amostra igual a 100.

O primeiro capítulo é uma abordagem contextualizadora, que tenta abarcar, a partir de um panorama histórico, a interpretação de aspectos que determinam, definem ou afetam, no mínimo, a mulher contemporânea, retratando a mulher desde

a Idade Média, porém com maior ênfase a partir da Segunda Guerra Mundial, quando observou-se a efetiva entrada da mulher no mercado. Para essa pesquisa, foram utilizados, principalmente, Gilles Lipovetsky (2000), que escreveu sobre a mulher, Manuel Castells (1996), com suas contribuições sobre o papel da mulher na sociedade, Adriana Lopes e Carlos Guilherme Mota (2008), com informações históricas do Brasil e Peter Burke e Asa Briggs (2006), como referências para os aparatos tecnológicos e meios de comunicação. Nesse capítulo, foi possível observar as mudanças ocorridas na sociedade com a entrada da mulher no mercado de trabalho, e com o surgimento dos meios de comunicação, que também interferem na forma como as pessoas se relacionam, trazendo mudanças culturais significativas. É a sinergia entre a Comunicação e a Cultura.

Já o segundo capítulo trouxe Marshall McLuhan (1964) como a primeira referência bibliográfica utilizada, discutindo as interferências dos meios de comunicação na cultura. Em seguida, procurou-se concentrar na questão da cultura da mobilidade, trazendo conceitos como comunicação, mobilidade, tempo, espaço, ciberespaço e território. Ciro Marcondes Filho (2008), Norval Baitello Júnior (2010), Lucia Santaella (2007) e Milton Santos (1978), foram os autores utilizados para embasar essa discussão. Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000) e André Lemos (2009) trouxeram os conceitos de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e rizoma. O teletrabalho, utilizando-se das análises Margrethe Olson (1983), também foi discutido como uma alternativa para a mulher estar presente fisicamente em casa, com suas vantagens e desvantagens. Por fim, o acesso à telefonia e o uso do celular é abordado, com informações do surgimento do aparelho e formas de uso, através de informações coletadas no PNAD 2010 e de artigo publicado por Luisa Paraguai (2007).

O terceiro e último capítulo discute dados específicos sobre a mulher contemporânea, a maternidade e o uso do celular na sua vida cotidiana. Para isso, foi realizada a Pesquisa de Campo via internet, com cem mães, para identificar a importância especificamente do celular em seu dia-a-dia. As informações obtidas foram bastantes ricas. Ao final desse capítulo, referenciamos o filósofo Zygmunt Bauman (2011), em suas discussões sobre a ambivalência da vida – segurança e liberdade, relacionando-a com as informações fornecidas pelas mães pesquisadas. É justamente o equilíbrio entre segurança e liberdade que as mulheres buscam, porém, segundo Bauman (2011) essa fórmula não existe e, por isso, é e sempre

será uma busca constante. Baitello Junior (2010) traz a comunicação como criadora de vínculos, culminando na análise final dessa dissertação.

1 A ENTRADA DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E A MUDANÇA NA ESTRUTURA DA FAMÍLIA PATRIARCAL

Este trabalho busca compreender as relações estabelecidas a partir do uso do celular pela mulher contemporânea, de classe média, com ensino superior, mãe, trabalhadora.

O campo de nossa pesquisa é a comunicação e a cultura; porém, não se descarta a necessidade de se traçar uma linha histórica para se entender a contemporaneidade, pois o risco que se corre, ao excluir-se a história de um quadro analítico, é o de esvaziarem-se os contextos em que se deram os fatos, gerando mitos, no sentido pejorativo da palavra: signos recobertos com significados superficiais, nublados em sua origem (BARTHES, 2001). Assim, justifica-se o percurso histórico e os autores utilizados, que embora discutam a realidade europeia e a norte-americana, podem servir para retratar com grande aproximação o nosso objeto: a mulher brasileira de classe média, com comportamentos, padrões e formação pautada por uma cultura hegemônica e letrada (em que se pesem todas as suas nuances e singularidades), colonizada, eurocêntrica e guiada por uma economia de caráter global. Repercutem nesta mulher avaliada os chamados valores burgueses, também apontados por Barthes (2001). Trata-se de uma burguesia no sentido de uma reprodução de valores e de comportamentos, não necessariamente uma burguesia datada:

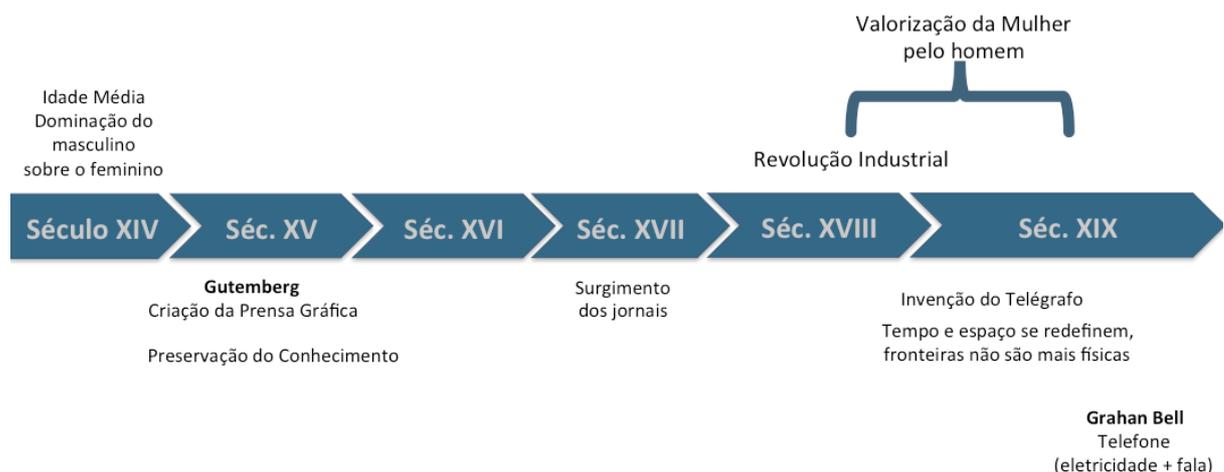
A burguesia absorve ininterruptamente na sua ideologia toda uma humanidade que não possui um estatuto profundo e que só pode vivê-lo no imaginário, isto é, numa fixação e num empobrecimento da consciência. Expandindo as suas representações graças a todo um catálogo de imagens coletivas para o uso pequeno-burguês, a burguesia consagra a indiferenciação das classes sociais; é a partir do momento que uma datilógrafa que ganha 25 mil francos por mês se reconhece no grande casamento burguês que a omissão do nome burguês atinge o auge de seu êxito (BARTHES, 2001, p. 233).

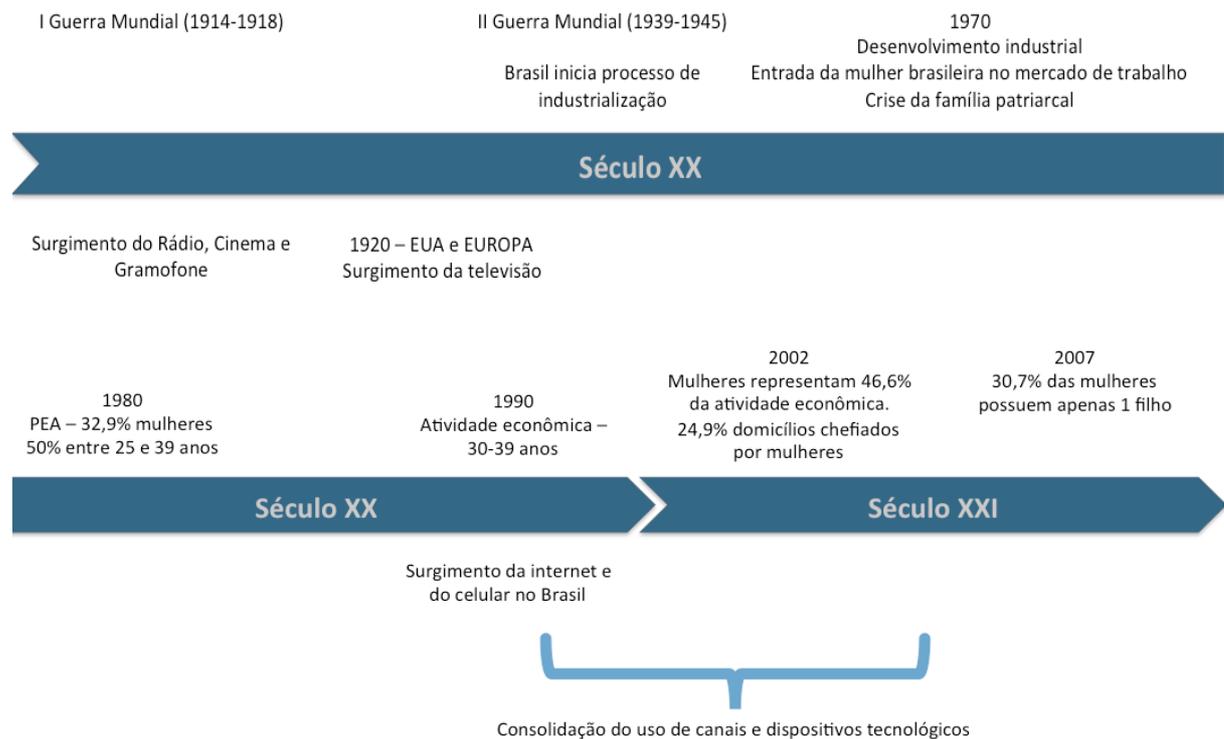
Deste modo, há um ideal burguês, transformado em signo, que perpassa gerações e nações diferentes, característicos também da sociedade brasileira, presente em todas as classes, mas especialmente nas classes média e média alta.

Portanto, para se estudar esta mulher contemporânea, faz-se necessário um panorama histórico, ainda que breve, do papel da mulher na sociedade, destacando-se alguns aspectos mais relevantes, além do contexto social e político nos diferentes períodos analisados.

Gilles Lipovetsky (2000), Manuel Castells (1996), Adriana Lopes e Carlos Guilherme Mota (2008) foram os autores escolhidos para embasar estas discussões. Além disso, é objetivo desse capítulo descrever a origem e a importância de alguns aparatos tecnológicos e meios de comunicação, da imprensa de Gutemberg ao surgimento da internet, no sentido de, posteriormente, poder-se avaliá-los como transformadores da cultura. Para essa pesquisa foram escolhidos Peter Burke e Asa Briggs (2006), como principais referências bibliográficas. Levanta-se ainda a hipótese de que, a mulher contemporânea, inserida nesse cenário social e tecnológico, utiliza esses aparatos tecnológicos, especialmente o celular, na tentativa de facilitar o cumprimento de seus afazeres. Também investiga-se o celular como, mais que um mediador da comunicação, um artifício transformador da cultura em todas as suas implicações.

Para facilitar o entendimento, apresenta-se uma linha do tempo, com os principais fatos históricos, abordados ao longo desse capítulo.





Lipovetsky, teórico e pesquisador multidisciplinar, transformou-se em um fenômeno editorial. Em uma de suas publicações, discute o que ele chama de a “revolução do feminino”. Não podemos descartar o autor, apesar da aparente falta de profundidade do que é discutido, em que se somam pontuações históricas e máximas que soam a senso comum, pelo fato de que o senso comum apresenta uma epistemologia, na medida em que dá conta de um saber prático, do cotidiano, e que permeia a conduta social:

As conversações ordinárias fecundam a sociabilidade ao promoverem a interação com o outro, conformando as relações sociais que moldam a convivência. A sociabilidade proporcionada pela comunicação dá forma ao cotidiano, ambientando a vida que se sucede dia após dia. A concepção de cotidiano constitui-se como uma chave para entendermos as práticas comunicativas das pessoas comuns (BRETAS, 2006, p. 31-32).

Desta forma, entendemos os elementos apontados pelo autor como índices de um cotidiano histórico que ainda povoa o senso comum sobre o feminino, mesmo no Brasil.

A revolução do feminino, segundo Lipovetsky (2000), passou por diversos momentos, do século XIV até os dias de hoje, com alguns fenômenos sociais que contribuíram para o surgimento da terceira mulher (LIPOVETSKY, 2000): a mudança

dos padrões familiares, o poder de decisão sobre ter ou não ter filhos, além da mulher participar ativamente das decisões do casal.

Lipovetsky (2000) afirma que, até aproximadamente o séc. XIV, na Idade Média, havia a dominação social do masculino sobre o feminino, sendo essa superioridade masculina nunca colocada em questão e aceita por toda a sociedade. Nessa época, a mulher detinha direitos e poderes em relação aos cuidados e educação dos filhos e da vida doméstica em geral, mas não em relação à política ou qualquer outra função de mais alto reconhecimento social.

É nesse período, por volta de 1450, que Gutemberg cria a primeira 'prensa gráfica'. A impressão gráfica, como então foi chamada, se espalhou pela Europa e acredita-se que, até 1500 haviam sido produzidos cerca de 27 mil edições. A Igreja foi contrária à nova tecnologia, pois acreditava que as pessoas que ocupavam uma posição baixa na hierarquia social e cultural estudariam os textos religiosos por conta própria, em vez de confiar no que as autoridades contavam, como afirmam Briggs; Burke (2006). Isto demonstra que deter o conhecimento sobre a comunicação já era uma forma de poder. Talvez por isso a mulher foi impedida de ler durante muitos anos.

Segundo Briggs; Burke (2006), a impressão gráfica mudou a estrutura ocupacional europeia, pois surgiram novas profissões, artesãos necessariamente letrados, revisores tipográficos, além de vendedores de livros e bibliotecários que aumentaram substancialmente em virtude da explosão do número de livros. No século XVII surgem os jornais.

Eisenstein (2006 apud BRIGGS; BURKE), tentou resumir o trabalho de toda uma geração sobre o assunto, incluindo os historiadores Marshall McLuhan e Ong. Em estudo lançado em 1979, ela afirma que

a impressão gráfica era a 'revolução não reconhecida', e que seu papel como 'agente de mudança' havia sido subestimado nos levantamentos tradicionais sobre Renascença, Reforma e revolução científica" (EISENSTEIN apud BRIGGS; BURKE, 2006, p. 30).

Além disso, enfatizou duas consequências a longo prazo da invenção dos impressos: primeiramente, o fato de que as publicações padronizaram e preservaram o conhecimento e, segundo, as impressões facilitaram a divulgação de pontos de vista opostos sobre um mesmo assunto.

Apesar de muito respeitada, Eisenstein (2006 apud BRIGGS; BURKE) foi questionada em algumas de suas afirmações, pois deu muita ênfase ao meio de comunicação impresso, em detrimento de escritores, impressores e leitores que usavam a nova tecnologia, cada qual segundo seus próprios e diferentes objetivos. A historiadora analisou também a impressão gráfica de forma relativamente isolada, entretanto, é necessário avaliar todos os diferentes meios de comunicação como um todo, interdependentes, tratando-os como um pacote, podendo competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar.

Quando aparece um novo gênero ou meio de comunicação (no caso, a impressão gráfica), os anteriores não somem. O velho e o novo – por exemplo, o cinema e a televisão – coexistem e competem entre si até que finalmente se estabeleça alguma divisão de trabalho ou função. (Briggs; Burke, 2006, p. 51)

A publicidade impressa se desenvolveu no século XVII. Em Londres, por volta de 1650, um jornal teria em média seis anúncios; cem anos depois, 50.

Toda a comunicação, durante o século XVII era física, ou seja, a entrega de cartas, jornais e outros conteúdos impressos era submetida por terra ou mar. Com a invenção do telégrafo elétrico, em 1837, foi quebrada a tradicional ligação entre transporte e comunicação das mensagens. A partir de então, o tempo e o espaço se redefinem e o conceito de território também ganha outra amplitude. As fronteiras não são mais físicas. O tempo e o espaço ganham uma plasticidade que se adequará, cada vez mais, aos meios. É coerente afirmar que o espaço, o tempo e as fronteiras, enfim, os territórios, são redefinidos pelo uso dos aparatos da comunicação. Isto será tratado mais detalhadamente no segundo capítulo desta dissertação.

A impressão gráfica foi consolidada e, especialmente durante o século XVIII, o Iluminismo, um movimento de educação, crítica e reforma iniciado na França, afetou as Américas do Norte e do Sul. Havia censura, os jornais não tratavam de assuntos políticos. Por isso, para difundir suas ideias, os intelectuais se reuniam em cafés ou em grupos de intelectuais promovidos por senhoras aristocráticas, conforme descrevem Briggs; Burke (2006). A descrição demonstra o poder de algumas mulheres, inclusive na promoção e na difusão do conhecimento.

A Enciclopédia, publicada entre 1751 e 1765 pelos filósofos franceses Denis Diderot (1713-1784) e Jean-Baptiste Le Rond d'Alembert (1717-1783), com 35

volumes, tinha como objetivo despertar a consciência política e transmitir conhecimento e foi considerada um importante veículo para a política. Somente os ricos podiam comprá-la, porém edições mais baratas foram impressas, além das pessoas poderem consultar os volumes em bibliotecas públicas.

O Iluminismo terminou no fim do século XVIII, com a queda do Antigo Regime e com o reconhecimento da opinião pública como uma entidade que necessitava ser informada (Briggs; Burke, 2006). Começou então a Revolução Francesa, marcada pela

invenção de uma nova cultura política e a construção de uma nova comunidade de cidadãos, onde foi criado um lugar junto às duas ordens, “estados” ou “poderes” privilegiados, o clero e a nobreza; isto é, um “terceiro estado” formado por advogados, comerciantes, artesãos e camponeses.” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 104)

A imprensa foi muito importante nesse processo, ao torná-lo público, apesar do índice de analfabetismo ser bastante alto. Assim, segundo Briggs; Burke (2006), a comunicação oral foi muito importante, com muitos debates, discursos na Assembléia Nacional e nos clubes políticos de Paris e outras cidades.

Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII e expandindo-se pelo mundo a partir do século XIX, a Revolução Industrial comportou uma série de mudanças, quando a máquina foi superando o trabalho humano, com forte impacto no processo produtivo em nível econômico e social.

O telégrafo surgiu no século XIX e sua invenção estava intimamente associada ao desenvolvimento das ferrovias, pois métodos de sinalização eram necessários, por motivo de segurança, como analisam Briggs; Burke (2006). O telégrafo “aumentou a velocidade de transmissão de informação, pública e privada, local e regional, nacional e imperial, e essa característica, a longo prazo, foi seu efeito mais significativo.” (Briggs; Burke, 2006, p. 139). Velocidade está relacionada ao tempo, e o tempo ao espaço, como veremos adiante, neste trabalho. Já com o telégrafo temos a comunicação como elemento impactante na percepção do tempo e do espaço.

Durante esse período, entre os séculos XVIII e, sobretudo no século XIX, coloca-se a esposa-mãe-educadora em um pedestal, valorizando-se ao extremo sua natureza, imagem e papel na família, de acordo com Lipovetski (2000). Sua força continua concentrada no âmbito doméstico, tendo o domínio sobre os filhos e

exercendo, portanto, grande influência sobre homens importantes. O autor explica que a mulher amada torna-se soberana ao homem, o qual se rende totalmente a ela. Ainda assim, nessa fase a mulher não possui nenhuma independência econômica e muito menos intelectual, e as decisões importantes continuam sendo tomadas pelos maridos, para os quais ainda devem obediência, afirma Lipovetsky (2000).

Lipovetsky (2000) afirma que o que difere a segunda da primeira mulher é o valor que se dá a ela, já que ela passa a ser vista e respeitada como essencial no desenvolvimento da família e da sociedade. Esse é o retrato europeu descrito pelo autor. Com a Revolução Industrial, contextualizada anteriormente, uma burguesia muito rica aperfeiçoava as máquinas e investia nas indústrias. Esse movimento trouxe ainda mais riqueza aos burgueses, porém os trabalhadores permaneciam na miséria. Mulheres e crianças trabalhavam cerca de 10 a 14 horas diariamente, contribuindo na renda familiar, apesar de seus salários serem inferiores aos dos homens. Neste sentido, o que se percebe é que, tanto nas classes consideradas superiores quanto naquelas tidas como inferiores socialmente, a mulher principia a adentrar por outros universos, o que virá a ser determinante para a construção da terceira mulher.

A terceira mulher, segundo o teórico, presente na sociedade até os dias de hoje, é sujeita de si mesma, uma autocriação feminina, é a mulher que tem a liberdade de fazer suas próprias escolhas. Nessa fase

o novo não reside no advento de um universo unissex, mas em uma sociedade "aberta" em que as normas, sendo plurais e seletivas, são acompanhadas de estratégias heterogêneas, de margens de liberdade e de indeterminação. (LIPOVETSKY, 2000, p. 239)

A afirmação do autor super-estima este poder de decisão, descrevendo a mulher como uma autocriação feminina, já que a cultura do masculino ainda rege muito das decisões que operam os comportamentos e relações, a esfera social.

Em relação ao trabalho, a partir do século XIX, a atividade profissional feminina é reconhecida socialmente e faz parte da sua identidade, estreitando a diferença das posições sociais entre os sexos.

Mesmo Lipovetsky (2000) afirmando que a mulher tem total liberdade de suas escolhas e que a sociedade é aberta, é importante lembrar que a mulher paga um preço alto por essas conquistas. Ainda muitas delas possuem salários inferiores aos

dos homens, ainda recorrentes especialmente nos países ditos emergentes, têm que provar continuamente sua capacidade, além de continuar a desempenhar suas funções como mãe, esposa e dona de casa, papéis esses exigidos pela família e pela sociedade.

Apesar do reconhecimento da mulher no mercado de trabalho, é importante frisar que mesmo atualmente, o trabalho feminino não é visto da mesma forma que o masculino. Lipovetski (2000) apresenta algumas razões que justificam esse fato: primeiro, o próprio histórico da mulher na sociedade ainda demonstra alguns resquícios de subvalorização em relação ao homem. Segundo, as formas como o homem e a mulher enxergam o trabalho e a família são diferentes. Enquanto o homem separa o profissional e o doméstico e prioriza o trabalho à paternidade, a mulher não consegue fazer essa separação e seus planos profissionais, com frequência, consideram a possibilidade da maternidade. Os objetivos dela em relação à profissão e à família em geral, embora possam haver exceções, são diferentes, simplesmente. A terceira razão é o fato da mulher ser a responsável pela rotina doméstica e, na maior parte das vezes, fazer questão de estar sob o controle.

Mesmo Lipovetsky (2000) afirmando que é da natureza da mulher assumir a responsabilidade dos filhos e da casa, a história mostra que muitos dos afazeres da mulher foram aprendidos, ou seja, em parte foi a cultura e a sociedade da época que impuseram a ela esses papéis. Como vimos isso vem desde a Idade Média, com a superioridade do homem e o difícil acesso aos estudos por parte delas. A cultura está impregnada de tal forma na humanidade que até mesmo nos mais banais processos de comunicação as mídias apelam para os arquétipos da grande mãe e do grande pai: a mãe zelosa, que alimenta e cuida, é exemplar e sempre presente e o pai provedor, que sai em busca do sustento da prole. São imagens recorrentes na publicidade, nas narrativas mediáticas em geral e acabam por compor o imaginário coletivo.

Foi no final do século XIX, que Alexander Graham Bell patenteou o “telefone”, a primeira invenção que convergia a eletricidade e a fala, portanto, um meio terciário, segundo Baitello Júnior (2010) da leitura de Pross. Durante os primeiros anos muitos associavam o telefone ao entretenimento, na comunicação ponto a ponto entre indivíduos. O inventor Theodore Puskas criou em 1893, em Budapeste, a TelefonHimondo, o que foi, provavelmente, o primeiro sistema de radiodifusão do mundo.

Os assinantes recebiam longos fios flexíveis e dois fones de ouvido redondos e macios, e podiam ouvir um programa diário com variados itens, como boletins de notícias e sumários dos jornais, relatórios sobre a Bolsa de Valores, “palestras”, notícias esportivas e “visitas à ópera”. Havia também um programa infantil semanal e “palestras linguísticas” em inglês, italiano e francês. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 150-151)

Ao se observar a gênese do telefone, nota-se que com o celular, há uma volta às origens, pois o aparelho passa a servir para múltiplas funções, dentre as quais o entretenimento é uma das principais.

No século XX, o uso do telefone se consolidou, tanto nos Estados Unidos como na Europa.

No âmbito cultural, houve a revolução dos meios de comunicação, com destaque ao rádio, com difusão de formas culturais variadas, do sertanejo ao clássico. A cultura urbana é firmada em bares, teatros, cinema, imprensa e também através da música.

O Rádio, criado por Guglielmo Marconi, surge como a “evolução da telegrafia”, na criação da comunicação sem fio, ainda no final do século XIX, mas foi no século seguinte que o meio de ‘radiodifusão’ se disseminou, primeiro nos Estados Unidos e depois na Grã-Bretanha e Holanda, sendo bastante utilizado com propósitos militares durante a I Guerra Mundial (1914-1918). David Sarnoff foi quem concebeu a “caixa de música de rádio” e desejava torná-lo como um utilitário doméstico para a recepção de informações e entretenimento. Nos EUA, em 1925, havia cerca de 5,5 milhões de aparelhos. A receita vinha, inicialmente, de um percentual da venda de aparelhos, mas próximo da década de 1930, a publicidade se tornou a principal fonte de faturamento do meio.

O Cinema teve suas origens na fotografia, imagens em movimento, ainda no século XIX. Porém foi no início do século XX que ocorreu a era de ouro do cinema, pois uma plateia de massa se formava por causa dos filmes, plateia muito maior que a do teatro. Também o cinema foi o difusor de imagens arquetípicas da mulher, bem como orientador em usos e consumo, um modelador da cultura.

Ainda no início do século XX surge o Gramofone, um aparelho toca-discos com ranhuras, que se tornou um produto de bastante sucesso, caracterizado pela gravação e difusão, com contínua melhoria de qualidade, tanto das performances quanto das gravações. Porém, entre 1929 e 1932, o gramofone sofreu uma grande

crise. Segundo Briggs; Burke (2006), a era de ouro dos discos, mesmo que não do gramofone, ainda estaria por vir.

Analisando a entrada definitiva da mulher no mercado de trabalho, observa-se que a I Guerra Mundial (1914-1918) foi um importante motivador, quando elas foram forçadas a assumir os negócios da família na ausência de seus maridos. Mesmo com o fim da guerra, muitos não retornaram e outros retornaram mutilados e sem condições de reassumir seus postos. Além disso, fatores como, a consolidação do sistema capitalista, o desenvolvimento tecnológico e o intenso crescimento da maquinaria, fizeram com que a mão-de-obra feminina fosse transferida para as fábricas. No Brasil, na Constituição de 1932 ficou estabelecido que sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor corresponde salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez. Com a Constituição, as mulheres conquistaram seus direitos em relação à maternidade e ao salário igualitário. Porém, vale lembrar que esses direitos influenciaram no processo de contratação das mulheres, uma vez que as empresas devem colocar um substituto durante o período da licença. Hoje a situação é bem diferente. A mulher tem direito a 120 dias de licença-maternidade.

Com a II Guerra Mundial (1939-1945) essa situação se consolidou, e as mulheres, até mesmo por falta de opção, tiveram de deixar seus filhos em casa para levar adiante os projetos dos maridos. Ainda nessa época, apesar de estar previsto constitucionalmente o fato de a mulher ter os mesmos direitos dos homens, e com a mesma remuneração, é notória a diferença salarial e a exploração com jornadas de trabalho abusivas, chegando até a 18 horas de trabalho. A justificativa para isso, segundo Lopez; Mota (2008), é que a sociedade da época acreditava que o homem era o provedor e que a mulher, por sua vez, não tinha necessidade de buscar emprego fora de casa.

Nessa época, durante a II Guerra Mundial, as elites brasileiras constataram o despreparo tecnológico e industrial do país. E não somente isso, mas também em relação à cultura, uma vez que a rede universitária havia sido criada há pouco tempo. A guerra, portanto, motivou não somente o desenvolvimento industrial, substituindo as importações por produtos fabricados no país, mas também uma série de iniciativas na economia, na política, na diplomacia e na vida cultural brasileira.

A intensificação da industrialização, como bem afirma Lopes; Mota (2008), trouxe uma série de consequências para a sociedade brasileira, tornando-a cada vez mais urbana, uma vez que os trabalhadores rurais dos centros agrário-exportadores dirigiram-se para as cidades em busca de melhores oportunidades de vida. Tal crescimento acelerado da população urbana provocou inúmeros problemas, pois as cidades não estavam preparadas para receber grandes quantidades de novos habitantes. Faltavam habitações e, aí, as condições de vida dos migrantes eram extremamente precárias. Além disso, a mão-de-obra não era qualificada.

Por outro lado, as chamadas classes médias ou, pequena e média burguesia urbanas, expandiram-se para o interior, especialmente nos estados de São Paulo e Paraná, por excesso de mão-de-obra qualificada nos grandes centros. Esse processo foi chamado de interiorização das metrópoles e ocorreu com mais intensidade no período de 1945 a 1964, refletindo não somente na questão trabalho, mas também em outros campos, como na educação, na literatura e na economia.

A Guerra Fria (1945–1991) entre Estados Unidos (capitalista) e União Soviética (comunista) fez com que o Brasil tentasse manter uma certa independência do conflito ideológico entre as superpotências. Porém, pressões políticas internas e externas, acabaram forçando o Brasil a adotar o capitalismo à americana, com esforços voltados à implantação do conceito de sociedade e cultura de consumo que conhecemos hoje. As relações entre os dois países foram intensificadas, adolescentes da elite brasileira eram enviados aos EUA para aprender inglês e, naturalmente, absorviam também a cultura americana.

Em 31 de Março de 1964 acontece o golpe político-militar, o mais longo período de governo ditatorial da história do Brasil. Nessa fase, as questões culturais foram fortemente representadas através da imprensa, com o surgimento de jornais e revistas alternativos, como o jornal 'O Pasquim', criado em 1969, e as revistas 'Revista Brasiliense', 'Revista Civilização Brasileira', 'Anhembí', 'Opinião', 'Movimento' e 'Veja'. Além da imprensa, a música também teve um importante papel, sobretudo 'Carcará', escrita por João do Vale e José Cândido, que se tornou o hino contra a ditadura militar, de resistência ao autoritarismo, interpretada por Maria Bethânia, no legendário show "Opinião", dirigido por Oduvaldo Viana Filho. Neste período, surgem mulheres envolvidas na política, sejam as estudantes do movimento contra a ditadura ou as artistas, que usavam a arte como um modo de protesto e reivindicação.

Em 1968 intensificam-se os movimentos contra o regime militar, por exemplo, a *passeata dos 100 mil*, liderada por estudantes, artistas e intelectuais. Inúmeros outros conflitos violentos ocorreram. Por isso, em dezembro desse mesmo ano, o governo promulgou o Ato Institucional nº 5, quando a vida brasileira passou a ser regulada por um regime policial-militar estrito e rigoroso. Conforme afirmam Lopez; Mota (2008, p. 830)

a partir do AI-5, milhares de pessoas foram presas, a censura “instaurava-se” na imprensa, nos meios de comunicação, nas escolas e universidades. Indo mais longe na escalada repressiva, houve suspensão dos direitos de muitos cidadãos, cassações de mandatos, prisões preventivas de civis por militares, demissões do serviço público e perseguições em empresas particulares, reforma de militares, confiscos etc.

Neste momento, a presença da mulher na política brasileira começa pelas estudantes que protestavam contra o regime. Curioso o fato de que uma delas, Dilma Russef, presa e torturada, viesse a se tornar presidente do Brasil. Mãe, divorciada, Dilma exemplifica a mudança de papéis assumida pela mulher brasileira de lá até os dias de hoje.

A Televisão começa a ser comercializada no final da década de 1920 e, após a criação de diferentes sistemas de transmissão tanto nos EUA quanto na Europa. A respeito desse meio de comunicação, Briggs; Burke (2006) citam Kenneth Baily, crítico de televisão do Evening Standard e editor associado de Television, que em 1949 afirma:

Milhares de pessoas e depois milhões se tornarão súditas, em certo grau, da tela de suas casas. O que isso significará para elas? Um bem ou um mal? Com este novo poder parece não haver meias-medidas; ele escolherá seu caminho e então fará o que não pode deixar de fazer. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 215)

Inicialmente acreditava-se que somente pessoas de alto rendimento teriam interesse no meio, mas não foi o que aconteceu. Rapidamente o número de aparelhos aumentou substancialmente, mais de um terço da população tinha um em 1948 (BRIGGS; BURKE, 2006). A audiência de massa começava a crescer explosivamente e roubava espaço do cinema. Na década de 1960 mais de 90 países tinham estações de televisão, com uma audiência global de mais de 750 milhões de pessoas.

As críticas ao conteúdo da televisão começaram juntamente com a explosão do meio. Enquanto alguns a chamavam de “olho universal”, outros, como Newton Minow, presidente da FCC (*Federal Communications Commission*) em 1961, disse que a televisão era uma “vasta terra inútil” (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 244). Ainda assim, o advento do cabo a partir de 1970 fez com que a variedade de canais aumentasse consideravelmente. Em meados da década de 1980, quase metade dos domicílios norte-americanos tinha TV a cabo.

Durante a década de 70, no Governo Médici (1969-1974), houve um acentuado desenvolvimento industrial, a população era de quase 100 milhões de habitantes, sendo 52% urbanos e, metade da população ativa ganhando menos de um salário mínimo.

Segundo Lopez; Mota (2008, p. 34):

Nesse quadro de crise, em que o salário mínimo real foi mantido no nível de 1967, as classes médias emergentes beneficiaram-se de aumentos salariais, pois melhorou a remuneração de técnicos e profissionais de nível superior, começando-se a usufruir então de um mercado de consumo mais sofisticado. Segmentos dessas classes médias também deram seus primeiros passos como investidores – na Bolsa de Valores e na especulação financeira -, deflagrando a impressionante euforia, que duraria até 1976, com a economia brasileira batendo todos os recordes de expansão, crescendo 8,8% em 1970 e 14% em 1973.

No fim desse ciclo, surgem os Movimentos contra a Carestia, liderados por mulheres, e o Movimento Feminino pela Anistia, que entrega a Rosalyn Carter (mulher do presidente americano Jimmy Carter) documento relatando a situação de presos, exilados e desaparecidos políticos.

O termo “milagre econômico” se deu devido à concentração de riqueza nas mãos de 25% da população e à favorável conjuntura econômica internacional. Com isso, os principais centros urbanos do país, especialmente Sudeste e Sul, tiveram acesso a produtos luxuosos e sofisticados *shoppings centers*.

Culturalmente, o governo Médici foi marcado pela eliminação total das liberdades civis. Foi instituída a censura prévia a jornais, livros, revistas, músicas, filmes e peças de teatro. Representantes da sociedade civil de uma forma geral, quando defensores de minorias, trabalhadores ou estudantes, foram tratados com violência.

Em 1975, o general Ernesto Geisel assumiu a Presidência e propôs a abertura do regime militar, porém sabe-se que, na prática, Geisel manteve um perfil ditatorial em seu governo.

Foi diante deste cenário que observamos a entrada da mulher no mercado de trabalho. Embora um pouco mais tardio, comparando-se aos EUA, esse processo aconteceu de forma semelhante àquele país. Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio – PNAD (2007), em 1973, apenas 18,4% da População Economicamente Ativa (PEA) do Brasil eram mulheres, na sua maioria jovens, solteiras e pouco escolarizadas.

Segundo Paiva (1980, p. 858-859):

(...) pode-se sugerir que o aumento da participação feminina no pós-guerra é um resultado do processo de proletarização da mulher. De um lado, o avanço do capitalismo nos últimos anos reduziu o espaço para atividades de produção não capitalista fazendo com que um volume crescente de famílias tenha que recorrer ao mercado de trabalho para sua sobrevivência. Dada a tendência da queda do salário mínimo real no período posterior a 1968, estas famílias tiveram ainda de recorrer ao trabalho adicional das mulheres para sua manutenção. De outro lado, algumas das ocupações urbanas em expansão, que requerem uma maior qualificação de mão-de-obra, não puderam se utilizar da mão-de-obra excedente vinda das zonas rurais. Assim se lançou mão das mulheres para aumentar a oferta de mão-de-obra. Esta hipótese é compatível com a queda dos níveis de fecundidade que se intensificou no período de 1965 a 1975.

Trata-se do novo papel da mulher na sociedade. Castells (1996) analisa a transformação da estrutura do emprego na economia informacional, com o crescimento do mercado de trabalho no setor de serviços e, ao mesmo tempo, o aumento da taxa da participação feminina no mercado de trabalho em nível mundial.

Apesar de ter havido muitas justificativas para explicar a entrada da mulher no mercado de trabalho, como o aumento da demanda, ou seja, surgimento de novas vagas, ou então habilidade motora da mulher para montagem de peças na indústria eletrônica, Castells (1996) argumenta que, na verdade, um dos principais fatores que contribuíram para a mulher entrar efetivamente no mercado, foi a possibilidade de pagar menos pelo mesmo trabalho. A globalização contribuiu nesse sentido: “As economias industrializadas introduziram no mercado de trabalho mulheres que recebem baixos salários em quase todos os níveis da estrutura de cargos”. (CASTELLS, 1996, p. 200)

Outro importante motivo, segundo Castells (1996), é a habilidade que as mulheres têm em se relacionar, habilidade essa cada vez mais necessária em uma economia informacional em que o gerenciamento dos fatos é menos importante do que o gerenciamento de pessoas. Essa é uma afirmação de Castells (1996), porém é importante que se pesem as controvérsias, uma vez que é arriscado generalizar, afirmar que todas as mulheres são mais habilidosas que os homens. E, por último, o principal fator que Castells (1996) aponta na contratação de mulheres é a sua flexibilidade como força de trabalho. Segundo ele, o trabalho feminino tem sido tradicionalmente considerado como complemento ao salário do marido e, como as mulheres ainda são responsáveis pelos trabalhos domésticos e o cuidado com os filhos, a flexibilidade em relação ao emprego ajusta-se também a estratégias de sobrevivência, para que possam dar conta desses dois mundos que as colocam com frequência, no limite de um esgotamento nervoso. Castells (1996) complementa:

o tipo de trabalhador exigido pela economia informacional em rede ajusta-se às necessidades de sobrevivência das mulheres que, sujeitas às condições ditadas pelo sistema patriarcal, procuram compatibilizar trabalho e família, contando com pouca colaboração de seus maridos. (CASTELLS, 1996, p. 208)

Diante desse cenário, Castells (1996) afirma que está havendo o declínio das formas tradicionais da família patriarcal, caracterizada pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar. O autor apresenta quatro fatores que, na sua visão, foram os motivadores para a crise da família patriarcal: primeiro, as condições econômicas favoráveis no final da década de 60 e início da década de 70, além das novas oportunidades no campo da educação para as mulheres. Em segundo lugar, o desenvolvimento na medicina, biologia e farmacologia, com o surgimento de métodos contraceptivos e consequente controle sobre a gravidez e reprodução humana. Terceiro, o próprio movimento feminista, com reação à discriminação sexual e abusos. E, por último, a rápida difusão de ideias em uma cultura globalizada, tornando possível a troca de informações e experiências com outras pessoas, presentes em praticamente o mundo todo. Essa última afirmação evidencia o quanto os meios de comunicação são, efetivamente, responsáveis pelas transformações culturais.

Apesar de ainda representarem apenas 32,9% da população economicamente ativa, segundo Hoffman; Leone (2004, p. 36):

(...) na década de 1980, as mulheres com idade acima de 25 anos, chefes e cônjuges, com níveis mais elevados de instrução e com nível de renda não muito baixo, foram as que mais aumentaram sua participação no trabalho remunerado. O aumento da participação da mulher cônjuge reflete, de um lado, o fato de algumas delas, com mais de 25 anos, terem começado a trabalhar por remuneração e, de outro, a permanência no trabalho remunerado daquelas que começaram a trabalhar jovens e não se afastaram da atividade econômica com a idade e a mudança no estado civil.

Cerca de 50% das mulheres ativas tinham entre 25 e 39 anos, confirmando o fato de que as mulheres não mais se retiram do mercado de trabalho em razão da maternidade e/ou cuidados com os filhos. Ainda na década de 80, o rendimento médio do trabalho da mulher equivalia a 55,7% do rendimento médio do trabalho do homem, segundo Hoffman; Leone (2004). Outro dado importante a ser analisado é o número médio de residentes por domicílio. Na década de 1980 eram 4,57 pessoas, sendo que esse número foi diminuindo gradativamente, ao longo do tempo. Esse dado pode ser justificado pela redução do índice de fecundidade e também pelo aumento do número de pessoas que moram sozinhas, seja por consequência da independência financeira e a opção por não se casar, ou pelo aumento do número de divórcios.

Castells (1996) analisa o aumento do número de divórcios como um dos principais indicadores de insatisfação com o modelo familiar patriarcal. Mesmo que as pessoas se casem novamente e reproduzam o modelo familiar anterior, ainda assim, há o enfraquecimento das estruturas de dominação, tanto em relação à mulher como aos filhos, segundo o autor.

No Brasil, por exemplo, o percentual de casamentos entre solteiros vem diminuindo, e o percentual de recasamentos vem aumentando, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

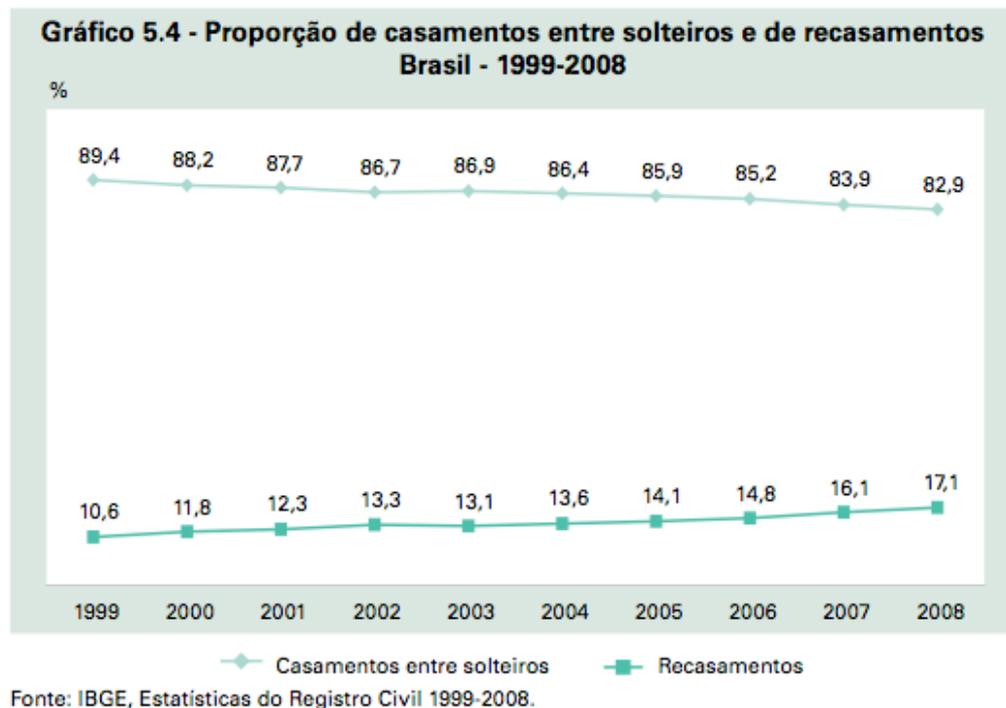


Gráfico 1: Proporção de casamentos entre solteiros e de recasamentos-Brasil – 1999-2008.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em:

<http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

Outro argumento apresentado por Castells (1996) é que com a frequência que as crises matrimoniais acontecem, provocam o adiamento da formação de casais e queda na legalização dos casamentos. Essa falta de legalização, segundo ele, enfraquece a autoridade patriarcal, tanto institucional como psicologicamente. Lares de solteiros habitados por apenas um dos pais, a autonomia da mulher com relação ao seu comportamento reprodutivo e até mesmo as mulheres que optam por terem seus filhos de forma independentes, são outras razões apontadas por Castells (1996) para o enfraquecimento da família patriarcal.

As consequências geradas na família dessa mulher após a sua entrada no mercado de trabalho são muitas. Castells (1996) argumenta que a contribuição financeira da mulher é muito importante para o orçamento doméstico e, por isso, o poder patriarcal tende a diminuir. Começam então questionamentos como: por que os homens não ajudam nas tarefas domésticas, se ambos contribuem financeiramente? Além disso, sair de casa para trabalhar aumentou sua rede de relacionamentos, também com outras mulheres, dividindo experiências e os dissabores da vida. Assim, Castells (1996, p. 210) afirma que essas mulheres

“prepararam o solo para receber as sementes das ideias feministas que germinavam simultaneamente nos campos dos movimentos culturais e sociais”.

O movimento feminista surgiu nos Estados Unidos no final da década de 60 e depois na Europa, no final da década de 70, difundindo-se pelo mundo inteiro nas duas décadas seguintes. Castells (1996) caracteriza o movimento como àquele que desafia o patriarcalismo ao mesmo tempo em que esclarece a diversidade das lutas femininas e seu multiculturalismo e, principalmente, como a (re)definição da identidade da mulher:

ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero diferenças biológicas e culturais; ora, contrariamente, afirmando a especificidade essencial da mulher, frequentemente declarando, também, a superioridade das práticas femininas como fontes de realização humana; ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade, na comunidade feminina. (CASTELLS, 1996, p. 211)

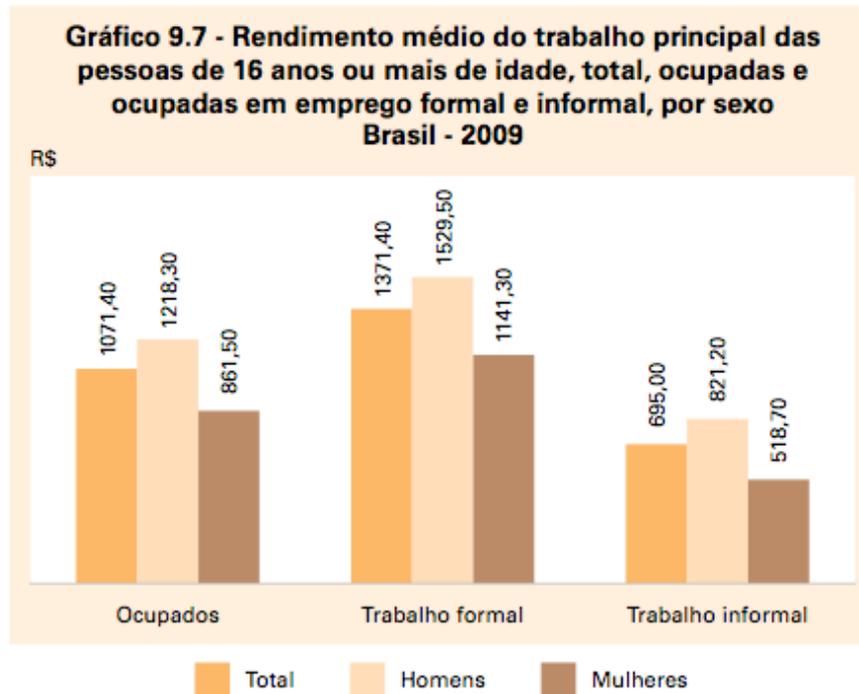
Castells (1996) não acredita no desaparecimento da família, mas na sua profunda diversificação e na mudança do seu sistema de poder. Defende que não haverá, no futuro, nenhum tipo prevalescente de família, a regra é a diversidade. Nessas novas famílias, papéis, regras e responsabilidades não mais serão garantidos como é de praxe nas famílias mais tradicionais e terão de ser negociados. Afirma ainda que

o patriarcalismo está totalmente eliminado nos casos, cada vez mais numerosos, de lares encabeçados por mulheres, e corre sério risco de extinção na maioria dos outros lares em virtude das negociações e condições impostas por mulheres e filhos. (CASTELLS, 1996, p. 264)

Apesar da iminente crise, o patriarcalismo ainda está presente no mundo inteiro.

No Brasil, em 1990, as maiores taxas de atividade econômica são verificadas para a faixa etária de 30 a 39 anos. Entre 1990 e 1995, ocorre um crescimento mais intenso da taxa de atividade na faixa de 40 a 44 anos. O padrão etário da atividade feminina move-se em direção a um padrão similar ao observado nos países desenvolvidos, onde se verifica a manutenção do nível elevado de participação feminina em idades mais avançadas, em torno dos 50 anos. No final da década, o percentual de mulheres no mercado de trabalho estava em torno de 41,1%, cerca de

33 milhões de pessoas. Mesmo com maior escolaridade, as mulheres têm rendimento médio inferior ao dos homens. Em 2009, o total de mulheres ocupadas recebia cerca de 70,7% do rendimento médio dos homens ocupados. No mercado formal essa razão chega a 74,6%, enquanto no mercado informal o diferencial entre o rendimento de homens e mulheres é ainda maior: as mulheres no mercado informal recebem somente 63,2% do rendimento médio dos homens. Este diferencial no rendimento está certamente relacionado com a maior qualificação das pessoas no trabalho formal e com a média de horas trabalhadas, que é inferior para as mulheres com trabalhos informais.



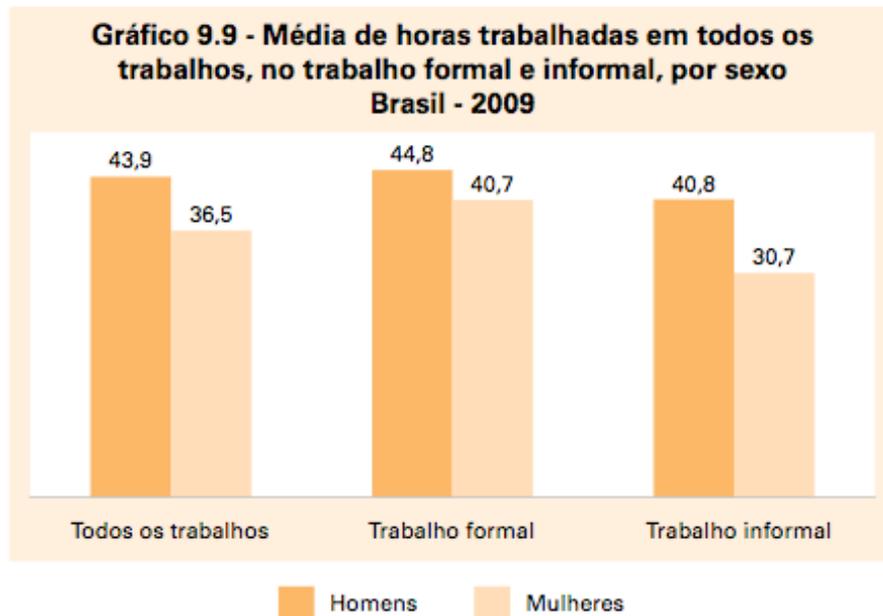
Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Gráfico 2: Rendimento médio do trabalho principal das pessoas de 16 anos ou mais de idade, total, ocupadas e ocupadas em emprego formal e informal, por sexo – Brasil-2009.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em:

<http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

Outro aspecto relevante para a compreensão do diferencial de rendimento entre homens e mulheres é o número de horas trabalhadas na jornada semanal. Enquanto a média, em 2009, para as mulheres foi de 36,5 horas semanais (em todos os trabalhos), para os homens foi de 43,9 horas.

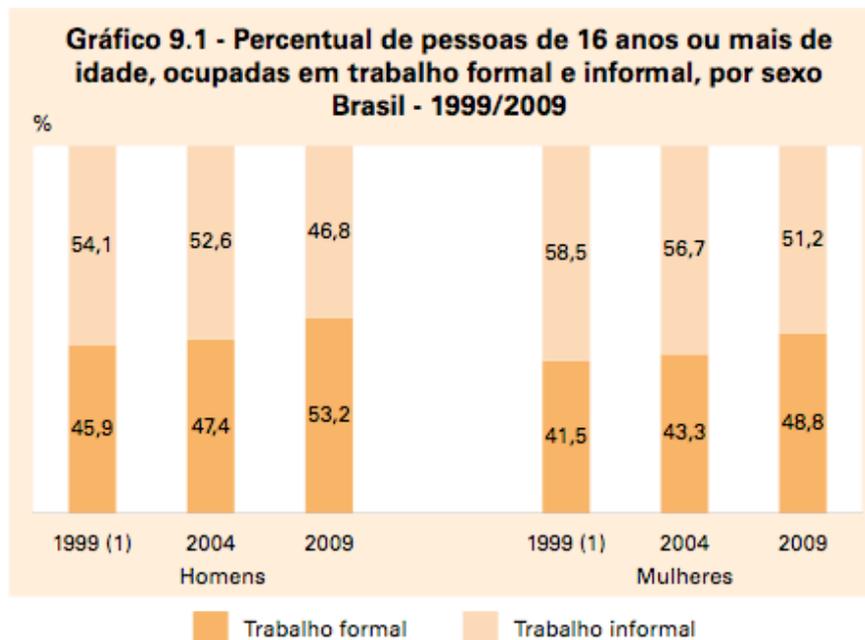


Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Gráfico 3: Média de horas trabalhadas em todos os trabalhos, no trabalho formal e informal, por sexo – Brasil-2009.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <
http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

Além disso, observa-se também um crescimento no percentual de mulheres ocupadas em trabalho formal na última década.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Notas: 1. Para classificação dos trabalhos formais ou informais, foi utilizada a definição da Organização Internacional do Trabalho - OIT (PERFIL..., 2009).

2. Inclui empregado com carteira de trabalho assinada, trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada, militar, funcionário público estatutário, conta própria e empregador que contribuíam para a previdência social.

(1) Exclusiva a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

Gráfico 4: Percentual de pessoas de 16 anos ou mais de idade, ocupadas em trabalho formal e informal, por sexo – Brasil – 1999/2009.

Fontem: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <
http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

O IBGE, através do CENSO 2010, trouxe um comparativo com outros países, sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho. Foram escolhidos alguns países com nível de desenvolvimento semelhante ao do Brasil e um representante de um país com a economia mais desenvolvida. A proporção de trabalhadoras assalariadas no Brasil ainda é baixa se comparada à de países selecionados. Em contrapartida, o número de trabalhadoras domésticas e por conta própria é bastante elevado (8,1% e 16,1%, respectivamente) mesmo quando comparado com países como Argentina, África do Sul e Rússia.

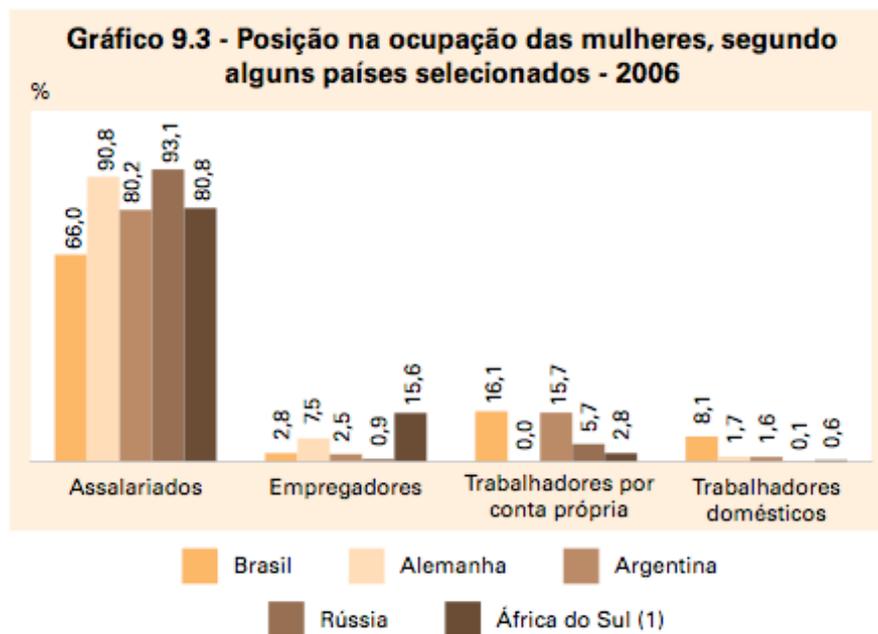


Gráfico 5: Posição na ocupação das mulheres, segundo alguns países selecionados – 2006.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <

http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

Luís Inácio Lula da Silva assume a presidência da República em Janeiro de 2003 e, durante seus dois governos, de 2003 a 2006 e 2007 a 2010, manteve a política econômica, com o controle da inflação por meio de juros altos, fiscalização cerrada e manutenção do superávit primário.

Por outro lado, o jurista e professor Fabio Comparato, citado por Lopez; Mota (2008), avalia o governo em relação às diferentes classes sociais:

As classes médias foram as mais prejudicadas a partir dos anos 90 no Brasil. Um levantamento feito com dados do Caged (Cadastro Geral do Emprego e Desemprego do Ministério do Trabalho) mostra que, de 2000 a 2006, o rendimento daqueles que ganham entre 3 e 10 salários mínimos caiu 46%. E mais de 2 milhões de trabalhadores nessa faixa salarial estavam desempregados. Os pobres não têm trabalho, mas têm o Bolsa Família. Os ricos nunca ganharam tanto como no governo do operário Lula. Hoje a sensação de insegurança para a classe média é brutal.(LOPEZ; MOTA apud COMPARATO, 2008, p. 963.)

No início dessa década, em 2002, as mulheres representavam 46,6% na atividade econômica, ou seja, um acréscimo de 14,5 pontos percentuais em 22

anos. No caso dos homens, a participação na atividade econômica reduziu-se de 74,6 para 71,4%, no mesmo período. Em 2010, o percentual de atividade econômica feminino saltou para 51,3%, apesar de que, entre as pessoas ocupadas, elas permanecem com uma representação menor (42,6%) que a dos homens.

Comparada à década de 80, a proporção de domicílios com homem que trabalha diminuiu para 72,3% (9,9 pontos percentuais) em 2002.

A redução na proporção de domicílios com homem que trabalha está refletindo não somente a queda da participação masculina no mercado de trabalho, mas também uma proliferação de domicílios em razão das separações ou da menor frequência dos casamentos, originando domicílios sem homens na atividade econômica. De fato, o número de domicílios cresceu a uma taxa de 2,86% ao ano, entre 1981 e 2002, crescimento bem maior que o experimentado pela população no seu conjunto (1,68% ao ano). (HOFFMANN; LEONE, 2004, p. 42)

Isso acarretou a diminuição do número médio de pessoas por domicílio para 3,59.

Um dado relevante de 2002 é que

(...) a maior participação da mulher na atividade econômica ocorria entre as mulheres pertencentes às camadas não-pobres da população. A menor participação das mulheres dos estratos inferiores de renda deve-se, provavelmente, às dificuldades dessas mulheres de sair do lar para o trabalho remunerado por causa do cuidado dos filhos, associadas à falta de creches no país. (HOFFMANN; LEONE, 2004, p. 45)

Esse dado é complementado pelo fato de que

(...) nos estratos de renda não muito baixos nem muito altos é onde ocorre maior proporção de domicílios com mulher que trabalha; são as mulheres desses domicílios que mais contribuem para a renda domiciliar e são responsáveis, também, por maior parcela dos rendimentos provenientes do trabalho. Contudo, são as mulheres dos estratos inferiores de renda que conseguem maior aproximação entre seus rendimentos do trabalho e os dos homens, por causa dos baixos salários destes nessas camadas da população. (HOFFMANN; LEONE, 2004, p. 46)

Em um processo tanto histórico quanto cultural, muitas mulheres deixaram de ser aquela que complementava o rendimento familiar, para ser a responsável pelo domicílio. No Censo de 2000, 24,9% dos domicílios já eram chefiados por mulheres. Essa independência financeira contribuiu para mudanças na estrutura familiar da população brasileira. Nas últimas décadas, verificamos reduções no tamanho da

família e do número de casais com filhos, e o crescimento do tipo de família formado por casais sem filhos, resultados dos processos de declínio da fecundidade e do aumento da esperança de vida ao nascer. De 1999 para 2009, o CENSO apresentou que o número médio de pessoas na família caiu de 3,4 para 3,1. Entre as famílias mais pobres (renda mensal per capita de até ½ salário mínimo), o número médio de pessoas por família chega a 4,2. Observa-se também, neste período, no conjunto de arranjos familiares, um aumento na proporção de casais sem filhos (de 13,3% para 17%) e, conseqüentemente, uma redução de casais com filhos, passando de 55% para 47,3%, conforme demonstrado no gráfico abaixo.

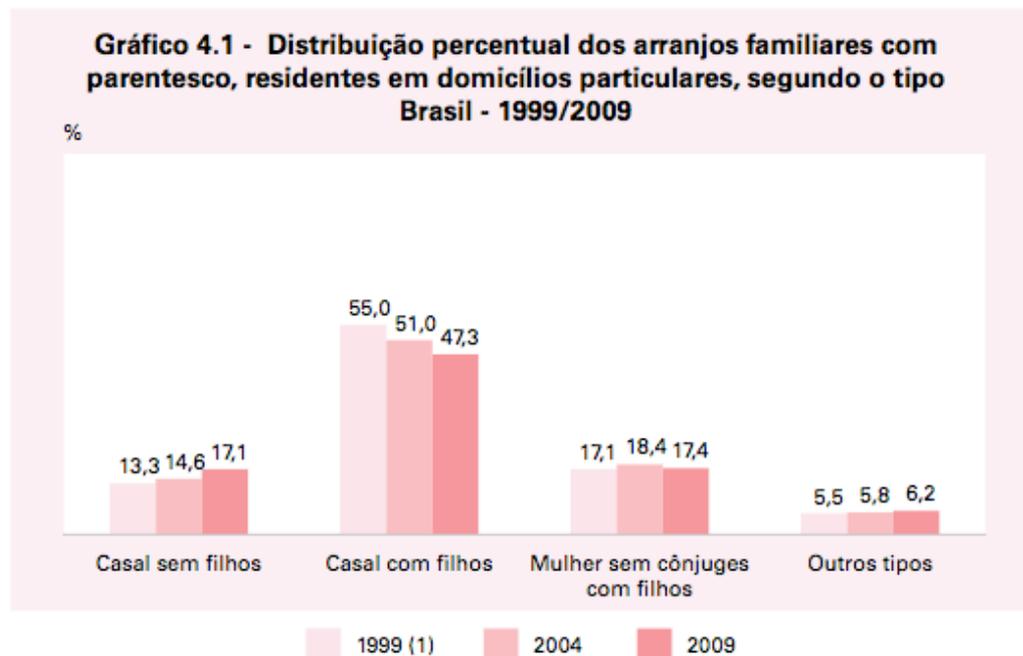


Gráfico 6: Distribuição percentual dos arranjos familiares com parentesco, residentes em domicílios particulares, segundo o tipo – Brasil-1999/2009.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: <http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 27 out. 2011.

Paralelamente, observa-se uma queda do índice de fecundidade e número médio de filhos por mulher. Em 1997, 25,8% das mulheres tinham um filho só, passando essa proporção para 30,7% em 2007, segundo o CENSO 2010. Pode-se presumir que, com menos filhos, a mulher pode desempenhar melhor seus papéis de mãe e profissional.

Na Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios – PNAD 2009, a população brasileira contava com cerca de 191,8 milhões de pessoas, com maior concentração no Estado de São Paulo, representando 21,4% do total da população do País. A diminuição das taxas de fecundidade e de natalidade pode ser observada a partir da análise da composição etária da população brasileira. O estreitamento significativo ocorrido na base da pirâmide aponta para a redução do contingente das crianças e adolescentes de até 19 anos de idade. Enquanto, em 1999, a proporção desse grupo na população total era de 40,1%, em 2009 essa participação diminuiu para 32,8%. Em 2009, a taxa de fecundidade total foi de 1,94 filho. Tal valor traduz o resultado de um processo intenso e acelerado de declínio da fecundidade ocorrido na sociedade brasileira nas últimas décadas. Essa redução significativa reflete a mudança que vem ocorrendo no Brasil, em especial com a urbanização e com a entrada da mulher no mercado de trabalho. No estado de SP, a mulher tem, em média, 1,78 filhos.

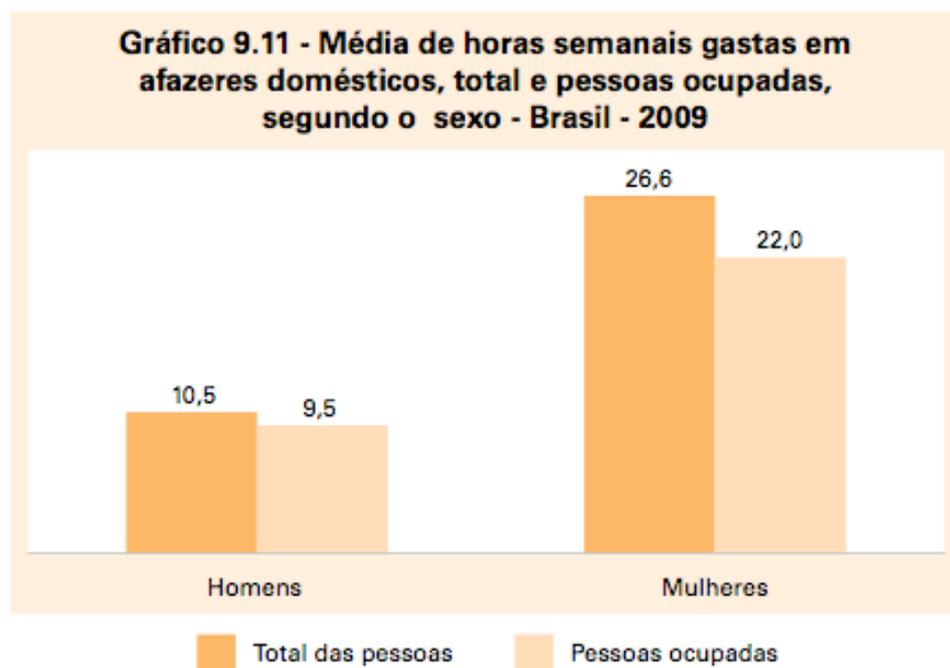
O tempo de estudo foi outra razão que contribuiu para o crescimento profissional da mulher. Segundo a PNAD de 2007, no gráfico “Número médio de anos de estudo das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por Grandes Regiões, segundo o sexo e os grupos de idade”, em todas as faixas de tempo de estudo, o nível de instrução das mulheres é maior. O PNAD 2010 apresentou que mulheres de 10 anos ou mais de idade foi de 7,4 anos e os homens, 7 anos. Em todos os grupos etários, com exceção do grupo de 60 ou mais de idade, a média de anos de estudo das mulheres foi superior à dos homens. A maior média de anos de estudo foi a do grupo etário de 20 a 24 anos (9,6 anos), ficando em 10 anos de estudo na parcela feminina e, em 9,3 anos, na masculina. Especialmente na região Sudeste, onde esse estudo está concentrado, as mulheres têm em média 9,3 anos de estudo e os homens, 8,6 anos. Ou seja, as mulheres vêm recorrendo mais à educação para o seu desenvolvimento. Esse aumento na escolaridade feminina guarda estreita relação com as reduções nas taxas de fecundidade, de forma a se situarem em patamares muito próximos, independentemente da região geográfica de residência.

Mesmo com a presença efetiva no mercado de trabalho, as mulheres continuam sendo as responsáveis pela educação dos filhos e pelo gerenciamento doméstico. É notório que o homem é mais ativo nesse processo do que antigamente, mas o domínio feminino nessa área é inquestionável. O PNAD 2010 apontou que, além da jornada de trabalho, 90% das mulheres ocupadas realizavam

tarefas referentes aos afazeres domésticos. Entre os homens ocupados, esta proporção era inferior, 49,7%.

Hoje, como ontem, a mulher é mais mãe do que o homem é pai. (...) Mesmo que as mulheres se comprometam cada vez mais com a vida profissional e mesmo que os homens assumam mais os encargos domésticos, a supremacia feminina na esfera familiar permanece como a imagem mais provável do futuro. (LIPOVETSKY, 2000, p. 251:257).

O gráfico abaixo demonstra a média de horas semanais gastas em afazeres domésticos, segundo o sexo.



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Gráfico 7: Média de horas semanais gastas em afazeres domésticos, total e pessoas ocupadas segundo o sexo – Brasil-2009.

Fonte: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Disponível em: < http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf >. Acesso em: 27 out. 2011.

O reconhecimento do trabalho feminino no Brasil propiciou à mulher não ser mais subordinada ao marido, ser independente não apenas financeiramente, mas também pelo direito de opinar e decidir igualmente em momentos importantes. Porém, tanto o homem quanto a mulher não demonstram interesse em homogeneizar, mesmo que paulatinamente, os papéis frente ao trabalho e à família em igualdade de condições e tarefas.

Enquanto essa situação existir, dificilmente haverá paridade dos cargos ocupados nos escalões mais altos das empresas, entre homens e mulheres. Na pesquisa “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil”¹, os seguintes dados foram apresentados:

No Brasil, de cada 10 cargos executivos existentes nas grandes empresas, apenas um é ocupado por mulheres. No nível de gerência, dois cargos são das mulheres e oito dos homens e, nas chefias, as mulheres são três e os homens, sete. As mulheres também estão em menor número no chão das fábricas e nos cargos funcionais e administrativos: 3,5 contra 6,5.

Diante desse cenário sociocultural, com o surgimento da internet e do celular na década anterior, e a evolução das mídias, discussões foram suscitadas e tornaram as coisas mais complexas no que diz respeito às implicações políticas, econômicas e sociais das novas tecnologias. A internet como a conhecemos hoje, aconteceu entre setembro de 1993 e março de 1994, quando uma rede até então dedicada à pesquisa acadêmica se tornou a rede das redes, aberta a todos. (BRIGGS; BURKE, 2006). Um dos principais usos era o envio de mensagens de correio eletrônico, o e-mail. Os autores comentam que, já nesse momento o e-mail era muito importante para aquelas famílias com pessoas distantes umas das outras, pois ajudava bem mais a reuni-las do que os correios.

A regulamentação do conteúdo da internet era bastante polêmica, considerando a dificuldade de vigilância sobre ela. A demanda por celulares que pudessem incorporar características multimídia, tais como câmeras digitais, tocadores de música digital e games aumentou muito. Esses dispositivos podem ter acesso à internet, capacidade de sincronização dos dados com o computador pessoal, GPS, editores de texto, planilhas eletrônicas e outras centenas de aplicativos. Surge a hipótese de que os dispositivos auxiliam nas tarefas do dia-a-dia e propiciam melhorias no gerenciamento de negócios, com a integração dos dispositivos móveis em sistemas de gestão empresarial.

Dado o contexto histórico da sociedade, em especial a mulher e sua entrada no mercado de trabalho desde a Idade Média aos dias de hoje, observa-se que, apesar de suas conquistas, ainda há muito o que se fazer. A mulher está se reciclando, se posicionando profissionalmente, se reinventando para dar conta de

¹ Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil, realizada pelo Instituto Ethos, em parceria com a

todas as tarefas. Nesse contexto, entram os dispositivos tecnológicos, em especial o celular, com a hipótese de que auxiliam o dia-a-dia e reconfiguram a mulher contemporânea.

2 A CULTURA DA MOBILIDADE E OS DISPOSITIVOS TECNOLÓGICOS

Com o objetivo de discutir a tecnologia e sua influência na cultura e sociedade, começamos pelos conceitos de Marshall McLuhan, cujas ideias têm sido resgatadas para que possamos compreender a era digital. Como afirma Braga (2008), as hipóteses teóricas do canadense, como ‘espelho retrovisor’, cultura visual versus acústica, meios quentes e frios e ‘teoria tetrádica’, hoje são testadas e utilizadas como referência para explicar o contexto tecnológico atual.

Para McLuhan (apud BRAGA, 2008), a cultura funciona como um espelho retrovisor, pela capacidade que um novo meio tem em absorver o conteúdo da mídia anterior. Por exemplo, incorporamos a escrita, a mídia visual e oral, nos dispositivos tecnológicos, seja através de vídeo, áudio ou texto. Dentro disso, a cultura visual e auditiva também andam juntas, com interação em tempo real, onde se utiliza a fala, a escrita e imagens, tudo em um único dispositivo. O próprio celular é um exemplo de plataforma que conjuga várias funções comunicativas, como TV, rádio, internet, envio e recebimento de mensagens de textos, câmeras fotográficas integradas, além é claro da função de realizar e receber chamadas de voz.

Em relação aos meios quentes e frios, McLuhan (apud BRAGA, 2008) afirma que os meios quentes seriam aqueles, como a fotografia e o rádio, que não deixam muita coisa a ser completada pelo receptor da mensagem. Trazem a informação pronta e não exigem grandes esforços por parte do receptor. Já o telefone e a fala seriam meios frios, uma vez que proporcionam maior envolvimento entre as partes. Exigem uma participação elevada para preencher lacunas de entendimento ou conhecimento. Assim, os meios quentes excluem os receptores e os meios frios os incluem. Analisando esses conceitos nos dias de hoje, vemos que o ciberespaço aglutina tanto os meios frios quanto os quentes, que até então eram utilizados distintamente. A internet, por exemplo, pode ser percebida tanto como um meio quente, quanto como um meio frio. À medida que traz uma grande quantidade de informações, pode ser considerada como um meio quente. Por outro lado, promove uma série de interações, através de e-mails, blogs, que evocam participação e envolvimento das partes. Entendemos que é possível atualizar as noções de McLuhan e que, na atualidade, não seria incorreto chamar alguns dos meios de híbridos. E sobre os meios frios e meios quentes, se no contexto de McLuhan as

análises só poderiam ser feitas em cotejo, ou seja, comparando-se um meio a outro, contemporaneamente esta avaliação pode se dar em um meio relacionado a ele mesmo. Em algumas situações o celular é um meio frio, como quando o usamos simplesmente como um telefone ou para envio de mensagens escritas. Já quando se assiste a um vídeo, ele se torna quente – podendo vir a ser quente e frio numa única situação, como em um game.

Postman (1994 apud Braga, 2008), apresenta o ‘efeito bilateral’ de qualquer inovação tecnológica.

Segundo ele:

não seria possível uma tecnologia neutra, na medida em que os usos que fazem dela são condicionados, em grande parte, pela própria estrutura da tecnologia. (...) Uma vez implementada, a tecnologia atua sem que tenhamos plena consciência do processo: introduz ideologia própria, muda significados de palavras com raízes profundas. (POSTMAN, 1994 apud BRAGA, 2008, p. 33)

Este efeito bilateral parece convergir para a conhecida máxima de McLuhan: “o meio é a mensagem”. O meio não apenas comporta um conteúdo, mas estrutura nosso modo de nos relacionar com a tecnologia e seu entorno. O meio, neste sentido, afeta a cultura e a sociedade, produzindo outros comportamentos e percepções.

Um outro ponto analisado por Postman (1994 apud BRAGA, 2008) é que, segundo ele, o próprio inventor de uma nova tecnologia não tem como prever os usos e alterações sociais consequentes de sua criação. Quando o celular surgiu, por exemplo, tinha a função apenas de colocar duas pessoas em contato. Não se pensava na possibilidade de territorialização do meio, nem tampouco da junção de tantas outras funções como aquelas próprias dos meios e funções, como TV, rádio, jornal, máquina fotográfica, e-mails, tudo com um nível considerável de interatividade. Ainda, nos termos de Postman (1994, apud BRAGA, 2008, p. 27), “a mudança tecnológica não é nem aditiva nem subtrativa. É ecológica. Refiro-me à ecológica no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas do meio ambiente. Uma mudança significativa gera uma mudança total”. Assim, um novo dispositivo tecnológico, o celular nesse caso, implica uma reorganização da cultura em diversos níveis, com diferentes formas de interação, de relações de poder, de

acesso ao outro, seja este o chefe, o marido, o filho, os avós ou a babá, no caso da mulher-mãe, objeto de estudo desta dissertação.

A cidade informacional do século XXI encontra na cultura da mobilidade o seu princípio fundamental: a mobilidade de pessoas, objetos, tecnologias e informação, sem precedentes. Segundo Lemos (2009), há três dimensões da mobilidade: o pensamento, a mobilidade física e a mobilidade informacional, sendo que todas se relacionam entre si.

Não há como separar comunicação, mobilidade, tempo, espaço e lugar. A comunicação, segundo Marcondes Filho (2008, p. 52), “é como o vento, ela passa, nos toca, nos envolve, nos faz mudar de posição, mas não a vemos, não a capturamos, ela escapa mesmo se deixando mostrar.” Ele ainda afirma que a comunicação efetiva não mantém as coisas como estavam, pois “ninguém sai ileso após um ato verdadeiramente comunicacional. Se sair ileso é porque a comunicação não se efetivou” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 53). A comunicação não é algo capturável, para que haja compreensão, é imprescindível vivenciá-la no momento em que ela efetivamente acontece.

Todas as tentativas posteriores de recuperação serão infiéis, artificiais, forçadas e forjadas, exercício a posteriori de se refazer aquilo que já não está mais ocorrendo. Por isso, a interpretação será sempre trabalho sobre um resíduo instalado, enquanto que a vivência é apreensão. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 63)

Se apreende, do pensamento de Marcondes Filho (2008), uma comunicação fenomenológica. Nela, o corpo com todos os seus sentidos operam na apreensão da experiência. Para Baitello Júnior (2010), todo processo de comunicação começa e termina em um corpo. Utilizando-se do pensamento de Harry Pross, Baitello Júnior (2010) explica que a comunicação se dá a partir da configuração em três mídias: a primária, a secundária e a terciária. A mídia primária é caracterizada pelo processo em que um corpo comunica-se em contato com outro corpo. Na secundária, o corpo utiliza um aparato mediador: há um corpo, um aparato e outro corpo. Na terciária, encontram-se o corpo, um aparato codificador, um aparato decodificador e outro corpo:

Com a eletricidade tornou-se possível um novo tipo de mediação, aquele em que não se requer mais o transporte do suporte físico da mensagem (como o jornal, a revista, o livro), mas apenas o impulso elétrico é que se

transporta por redes próprias, sendo transformado novamente em som ou imagem no aparato adquirido pelo usuário para esta finalidade. (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 110)

Baitello Júnior (2010) explica que, ao adquirir o aparato, o usuário é transformado em um co-financiador antecipado de todo o sistema de mediação terciária:

E tal sistema permite transmitir imediatamente a voz (que, em tese, sendo na própria língua, não requer a aprendizagem de habilidade decodificadora específica) ou a imagem (que igualmente dispensa a alfabetização, quando não é acompanhada de escritas) (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 110).

O autor continua sua reflexão afirmando que o esforço e o investimento da eletrificação em redes passa a um esforço único, carregado de um grande alcance e um potencial elevado de transmissão, o que permite aos fornecedores de mensagens uma grande economia de recursos, que inaugura novas relações entre tempo e espaço:

Seu tempo passa a ser, diversamente do tempo lento da escrita e da leitura, da reflexão e da decifração, o tempo da instantaneidade, mas também da transitoriedade (um tempo análogo ao tempo dos meios primários, do corpo e da fala, da presença aqui e agora). Seu espaço passa a ser o espaço da distância e do afastamento, apenas o espaço da proximidade, um espaço que traz o mundo, em imagem e som, até o mundo privado do usuário, uma ilusória proximidade absoluta (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 111).

Vale pensar, em meio a estas mediações, quais as diferentes percepções sentidas pelo corpo? Como se transforma o tempo, o espaço e a relação humana com ambos e com a cultura? O celular pode ser caracterizado como mídia terciária? E produz ou não comunicação efetiva?

No momento atual, de mobilidade e redes sem fio, temos uma relação diferente com o tempo, com o espaço e com os diversos territórios. Para a mulher contemporânea, essa nova relação com o tempo e espaço é muito presente. Sendo multi-tarefa, ela procura monitorar vários aspectos de sua vida, esteja ela no escritório, em casa, no supermercado, na academia, no trânsito etc.

Santaella (2007) discute o sentido dicionarizado de espaço como sendo “uma extensão tridimensional, sem fronteiras, na qual objetos e eventos ocorrem e têm uma posição e direção relativas.” (SANTAELLA, 2007, p. 156). Além desse, também

traz outros significados, como na filosofia pitagórica, que identificou o espaço com *kenon*, que significa vazio. *Caos* também foi uma palavra associada à espaço por Aristóteles quando este designou o universo, algo semelhante ao espaço. Isso é justificado pelo fato de que, no início do processo de criação de algo, há sempre uma certa desordem. Voltando ao conceito de comunicação de Flusser (2007), podemos entender a incomunicabilidade como um espaço vazio, a desordem e a entropia da natureza, ao passo que ao criar artifícios, ao comunicar, o que se busca é a organização do caos, a criação de um espaço de sentido, sentido compartilhado.

Já o espaço de experiência sensorial, diz Santaella (2007) é o espaço que experienciamos, é o mar, a cidade, as ruas, os edifícios. “O espaço nos aparece de uma variedade de formas e de relações entre espaço e lugar, em que os lugares não podem ser separados de seu contexto de experiência.” (SANTAELLA, 2007, p. 164).

Há o espaço primitivo, associado ao movimento do corpo e dos sentidos, realizados instintivamente.

O espaço perceptivo é onde se dão os encontros afetivos e emocionais, adquirindo conteúdos específicos derivados de nossas intenções ou imaginações.

Os espaços de existência são aqueles definidos e construídos pela cultura, com vários níveis, do mais para o menos amplo. Os continentes e regiões são os espaços geográficos. A interação humana com o ambiente é o espaço das paisagens. O espaço urbano é aquele construído, resultante dos esforços e propósitos urbanos. A experiência com a cidade é o espaço das ruas, seguido pelo espaço da casa, ponto de referência para a existência humana. (SANTAELLA, 2007)

Os espaços deslizantes da hipermodernidade trouxeram os conceitos de lugares-não-lugares. Para Augé (apud SANTAELLA, 2007), o não-lugar é o aeroporto, as estações de metrô e ônibus, os parques de lazer, ou seja, locais de passagem.

Já o ciberespaço, segundo Santaella (2007, p. 178),

é o espaço informacional das conexões de computadores ao redor do globo, portanto um espaço que representa o conceito de rede e no qual a geografia física não importa, pois qualquer lugar do mundo fica à distância de um clique.

No ciberespaço são disponibilizados notícias, imagens, textos, vídeos e é também onde as pessoas têm a oportunidade de se expor. Os blogs, termo derivado

de *web log*, permitem aos indivíduos, instituições ou organizações, a rápida atualização, estilo jornalístico na escrita, além do caráter mais personalista de seu conteúdo. Além dos blogs, há também as redes de relacionamento, Orkut e Facebook, entre outros, que misturam exposição pessoal e interação, com um número crescente de usuários no Brasil. A possibilidade de troca e compartilhamento de arquivos, além do conteúdo colaborativo no ciberespaço, são outras duas características desse espaço.

Por fim, Santaella (2007) define os espaços de hipermobilidade, múltiplos processos de mobilidade que se interconectam, onde se intensificam os espaços de fluxos, os não-lugares, e os espaços de lugar, os espaços de convívio. Com o surgimento das tecnologias móveis, estes permitiram a conexão local e remota multipessoal, enquanto as pessoas se movem no espaço urbano. “Enquanto na internet fixa os servidores e roteadores representam os nós fixos da rede digital, em uma rede móvel, os celulares se tornam os nós, carregados por usuários que se deslocam por espaços físicos.” (SANTAELLA, 2007, p. 186)

Para Santos (1978), espaço é um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. O espaço é organizado socialmente, com formas e funções definidas historicamente, pois se trata da morada do homem e do lugar de vida que precisa ser constantemente reorganizado. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares” (SANTOS, 1978, p.122). O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas, faz parte do cotidiano dos indivíduos. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução.

A formação de um espaço pressupõe uma acumulação de ações localizadas em diferentes momentos. Santos (1985) afirma, portanto, que espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história, mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade.

O território antecede o espaço, segundo Santos (1978). Para ele, a utilização do território pelo povo cria o espaço. O território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma

gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e muda historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais num jogo de poder cada vez mais complexo. O território, como recorte especial, está contido no espaço e o espaço no território, num movimento dialético. Esse conceito de território é renovado por Santos (1996), que afirma que o espaço contém o território modelado, configurado; o território corresponde aos complexos naturais e às construções/obras feitas pelo homem: estradas, plantações, fábricas, casas, cidades.

Do ponto de vista de Guattari; Rolnik (1986), o território pode ser analisado no sentido animal, psicológico, sociológico e geográfico. Além disso, território é um conceito fundamental da Filosofia:

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323)

Tem-se por território, definido por Lemos (2006), a ideia de controle de processos que se dão no interior das fronteiras, sejam elas físicas, sociais, simbólicas, culturais ou subjetivas. Fronteira, segundo o autor, é o limite que separa dois territórios. Na etimologia da palavra, “território” remete ao domínio da terra, direito de posse. Outra definição traz o “terror”, no sentido de aterrorizar, como uma ameaça a qualquer pessoa que vem de fora para esse território. (LEMOS, 2006)

Por essas duas interpretações, há uma certa ambiguidade no termo. Segundo Silva (2009, p. 3) “a discussão do território surgiu na geografia política do século XIX (na época da consolidação dos Estados-Nações) e definiu o território como um espaço de poder demarcado, controlado e governado e, assim, fixo.” É o que chamamos de território físico. Porém, é nesse espaço físico onde acontecem as relações sociais e culturais, como um importante suporte para o desenvolvimento de uma dada nação. Ainda segundo Silva (2009, p. 7):

As relações de poder são geradas por aspectos que podem ser consideradas tanto materiais, pois em casos de encontros diaspóricos pode se tratar de influências econômicas que alguns grupos culturais possuem sobre o todo, quanto de relações não-materiais, com seus aspectos simbólicos, culturais e psicológicos. Inclui-se nessa visão também a perspectiva relacional, como a própria representação que um grupo possui do outro e de si mesmo, que é determinada pelas relações de poder que delimita e permite o interagir dos grupos com suas identidades, representações e ações.

Além dos aspectos físicos, sociais e culturais, há de se considerar o significado simbólico dos territórios, uma vez que as relações entre os indivíduos são permeadas pelos sentimentos e simbolismos.

Por exemplo, quando as pessoas se apegam às suas casas ou à cidade onde vivem, uma vez que esses lugares trazem uma série de sentimentos e lembranças, que as fazem não querer deixar aquele lugar, como se criassem raízes. Não é diferente quando, por exemplo, a mulher sai de casa para trabalhar, com o sentimento de querer sair e, ao mesmo tempo, ficar em casa com os filhos. Uma forma de minimizar esse sentimento é tentar levar um pouco da casa consigo. No ambiente de trabalho é comum vermos porta-retratos da família e outros objetos, que customizam o ambiente, deixando-o menos impessoal. Além do ambiente de trabalho físico, a mulher também leva consigo, através do celular, imagens da família que podem promover a sensação de reterritorialização e se misturam com a esfera profissional.

A questão sobre a multiplicidade do território também é abordada pelo geógrafo Raffestin (apud, SILVA, 2009, p. 108) quando diz que, para ele “o território apresenta um caráter relacional e por isso sempre vai além da base material sendo embutido numa complexa rede de relações e ações de indivíduos heterogêneos”. A essas relações e ações os autores chamam de “campo de poder” que, pode ser subentendido como um território, ou seja, um espaço delineado por relações de poder. Ele ainda procura deixar claro que o território é formado pela vivência das pessoas, expressas nas relações simbólicas-significativas.

Quando diferentes grupos se encontram, as territorialidades se confrontam e estabelecem, por causa das suas tensões de diversidade, um campo de forças, resultando em outras relações de poder entre elas.

Desterritorializar, segundo Lemos (2006) é se movimentar nessas fronteiras, é sair da terra de origem, é se re-significar o território. Aqui entram em jogo crises de

fronteiras: do sujeito, da identidade, do espaço geográfico, da cultura, da política, da economia.

A sensação, na globalização atual, é de perdas de fronteiras, de desterritorialização, mas também de novas territorializações. Lemos (2006, p. 7) ressalta que “Não existe desterritorialização sem reterritorialização e não há formação de território que não deixe aberto processos desterritorializantes.”

Para Guattari; Rolnik (1986, p. 323)

o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais.

Guattari; Rolnik (1986) também afirmam que a deterritorialização e a reterritorialização são processos indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, haverá também um movimento de reterritorialização. Ou seja, a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos. A dinâmica mais comum no cotidiano é passarmos de um território para outro, é uma desterritorialização onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado. A própria mulher contemporânea pode ser um exemplo, à medida que transita entre o território familiar e o território do trabalho, cotidianamente.

As tecnologias sem fio estão transformando as relações entre pessoas, e espaços urbanos, criando outras formas de mobilidade e, ao mesmo tempo, nos colocando em meio a formas de controle e vigilância. Para Attali (apud LEMOS, 2009), o e-mail e, depois, o número de telefone celular, foram os primeiros endereços não territoriais. As metrópoles estão se tornando um ambiente generalizado de conexão sem fio, envolvendo o usuário em plena mobilidade, interligando máquinas, pessoas e objetos urbanos. É por essa mobilidade sem fio, que estamos cada vez mais conectados.

Nas cidades contemporâneas, os tradicionais espaços de lugar estão, pouco a pouco, se transformando em ambiente generalizado de acesso e controle da informação por redes telemáticas sem fio, criando zonas de conexão permanente. É

a interface entre o espaço eletrônico e o espaço físico, os chamados territórios informacionais, segundo o autor.

Em se tratando de rede, se faz necessária a discussão sobre o Rizoma, uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade. Expressa os agenciamentos que se produzem nos acontecimentos, sem uma estrutura previamente definida, constituindo novas formas a todo instante. Deleuze; Guattari (2000) apresentam os seis princípios do rizoma, que visam reafirmar a falta de uma configuração prévia.

O primeiro princípio trata da conexão: um ponto pode se ligar ao outro independente de pertencer a uma linhagem e o outro a uma outra, não existindo no rizoma nenhum esquema de oposição ou binaridade que não possam ser conectados. As entradas de um rizoma são múltiplas, fazendo com que ele seja acentrado e que ele tome qualquer direção e forma.

Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muitos diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc.,..., colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatuto de estado de coisas. Os agenciamentos coletivos de enunciação funcionam, com efeito, diretamente nos agenciamentos maquínicos, e não se pode estabelecer um corte radical entre os regimes de signos e seus objetos. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.15)

O segundo princípio é o da heterogeneidade, que afirma que o rizoma não se reduz à linguagem, vai além, sendo atravessado por cadeias biológicas, políticas, materiais, culturais, econômicas, em todas as suas modalidades, não existindo superioridade de uma em relação à outra.

O terceiro princípio é o de multiplicidade, cuja inexistência de unidade seria sua característica principal. As multiplicidades são linhas, nunca pontos fixos. “Um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões.” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 17).

O quarto princípio é o de ruptura a-significante, que dizem respeito aos processos de territorialização e desterritorialização. Implica que, no rizoma, estão contidas não só linhas de fuga e rupturas, mas também árvores e raízes. Assim

sendo, o rizoma pode tanto acabar produzindo uma árvore numa linha de fuga, quanto produzindo linhas de fuga em sistemas hierarquizados.

O quinto princípio, da cartografia, é metodológico, diz respeito ao mapa traçado. Mapear significa acompanhar os movimentos e as retrações, os processos de invenção e de captura que se expandem e se desdobram, desterritorializando-se e reterritorializando-se no momento em que o mapa é projetado, não seguindo nenhuma espécie de protocolo normalizado.

O decalque, sexto princípio, é empregado pelo sistema arborescente e o sistema radícula, já que será a partir dele que os processos de hierarquização poderão ser produzidos, podendo paralisar um rizoma. Em síntese, uma foto do mapa.

O decalque já traduziu o mapa em imagens, já transformou o rizoma em raízes e radícula. Organizou, estabilizou, neutralizou as multiplicidades segundo eixos de significância e de subjetivação que são os seus. Ele gerou, estruturalizou o rizoma, e o decalque já não reproduz senão ele mesmo quando crê reproduzir outra coisa. Por isso ele é tão perigoso. Ele introjeta redundâncias e as propaga. O que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente os impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou pontos de estruturação. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.23)

Devemos ter ciência que o decalque é apenas um momento do mapa que já nasce obsoleto, servindo como uma referência que temos daquele momento estudado. A utilidade posterior do decalque é justamente o de ser colocado em cima do mapa, para que possamos avaliar que movimentos de expansão e de contenção foram criados, assim como as árvores e as linhas de fuga. Se não tivermos isto como parâmetro, ao invés de produzirmos rizomas, estaremos produzindo grades que aprisionam as multiplicidades e clausuras capazes de obstruir novos agenciamentos.

Lemos (2010) conceitua e diferencia mídias de função massiva e as novas mídias de função pós-massiva nesse contexto de mobilidade. Segundo o autor, função massiva compreende o fluxo centralizado da informação. A emissão da informação é feita por grandes empresas de comunicação, com fluxo unidirecional, com total controle editorial e financiadas pela publicidade. Além disso, possuem importante papel social e político na formação do público e da opinião pública na modernidade. Já as mídias de função pós-massiva, funcionam a partir de redes telemáticas, nas quais as pessoas podem produzir informação, permitindo a

personalização, a publicação e a disseminação de informação, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás. Trabalha com fluxos bidirecionais (todos-todos) e, com a utilização de ferramentas, como *blogs*, *websites*, *podcasts* e fóruns de discussão, mostram o potencial das mídias de função pós-massivas.

As mídias de função pós-massiva insistem em três princípios fundamentais da cibercultura: a liberação da emissão, a conexão generalizada e a reconfiguração das instituições e da indústria cultural de massa.

Na comunicação massiva, o acesso à informação se dá através de dispositivos, tais como TV e rádio, em espaços privados – carro, casa, escritório, e também através dos meios impressos que permitem mobilidade – jornais e revistas. Apesar do acesso e de poder escolher como e que tipo de informação receber, não se tem a possibilidade de emitir e de circular a informação. A atual configuração comunicacional nos coloca em meio a processos pós-massivos que, segundo Lemos (2010) permitem emitir e se mover ao mesmo tempo. O desenvolvimento da computação móvel e das novas tecnologias sem fio (internet móvel sem fio, *laptops*, *palm*s, celulares) permitiram o acesso pessoal e móvel à informação, pois envolvem o usuário, quando este se locomove de um lugar para outro.

Castells (2006 apud LEMOS, 2010), quando diz que a dinâmica dos três princípios da cibercultura (emissão, conexão e reconfiguração), pode modificar a prática política e as relações sociais em meio às novas tecnologias da mobilidade. Na atualidade, com outras formas de tornar a informação pública, que o autor espanhol chama de “comunicação de massa pessoal”, novas formas políticas e sociais emergem. Por exemplo, quando uma mãe cria um *blog* para contar sobre sua experiência em relação à maternidade, interage com outras mães que estão vivendo a mesma experiência, estabelecendo uma forma de socialização e territorialização. Nesse caso, o *blog* é o território. Além disso, os dispositivos móveis – smartphones e tablets, permitem que a informação seja publicada em tempo real nesse espaço.

Castells (2006 apud LEMOS, 2010) ainda afirma que esses dispositivos móveis permitem maior intervenção e controle, sendo o celular um dispositivo com grande poder de capilaridade, possibilitando outros tipos de relações sociais por contato imediato, seja por meio de voz, SMS, fotos ou vídeos. Observamos que as pessoas, mesmo em mobilidade física, através das tecnologias wi-fi, celular etc,

procuram a todo o momento se reterritorializar através desses mesmos dispositivos e tecnologias. Inclusive, Lemos (2006) associa mobilidade e desterritorialização, quando diz:

A desterritorialização está associada a processos de mobilidade, a partir de mobilidades internas e externas. Estas são as mais facilmente identificáveis, já que constituem como deslocamento de corpos e informações. As internas são processos de impulso vital levando a mobilizações externas. Para Deleuze, o pensamento é a desterritorialização absoluta, engendrando mobilidades internas e externas. Como a mobilização externa remete a distensões de controle no espaço, elas são frequentemente associadas a processos de desterritorialização. No entanto, se considerarmos as mobilidades internas e externas, podemos ter processos de territorialização móvel e de desterritorialização imóvel, a depender da dinâmica. (LEMOS, 2006, p. 9)

Por essa razão, temos os dispositivos móveis, tanto como desterritorializadores, por criar deslocamentos de corpos e informação, além da perda de controle, como territorializadores, por permitirem exercer um maior controle sobre o espaço e o tempo. Por exemplo, a mulher, quando sai de casa para trabalhar está em mobilidade, desterritorializada em relação ao espaço do lar, não apenas porque não está lá, mas porque perde o controle sobre o que está acontecendo ali, com os filhos, com a família. Através do uso de tecnologias, tais como celulares, webcams, SMS, e-mails e webmessengers ela é reterritorializada, a medida que pode encontrar ou ser encontrada pelas pessoas, pelo controle informacional do espaço físico e digital. Ter o celular à mão oferece a ilusão de controle deste espaço simbólico perdido.

Mulheres que se ausentam, viajam, passam dias longe de casa, utilizam desses dispositivos tecnológicos para receberem informações da rotina doméstica e diminuir a sensação de ausência. Como Lipovetsky (2000) afirma, a mulher sempre foi e sempre será a responsável pelo lar, pois ela deseja isso. E, mesmo que hoje em dia, haja mulheres que deleguem à outras pessoas as atividades de seus lares, ainda sim a responsabilidade continua sendo mais dela do que do homem.

Interessante observar, também, que há a necessidade de ancorar a experiência em um contexto local, como por exemplo, quando se pergunta “onde você está”, pois toda comunicação é delimitada pelo território. Apesar da frequente pergunta a resposta nem sempre pode ser provada. Com isso, a sensação de controle é uma sensação, ilusão territorial, guiada pelo relato do outro. A própria

mulher, que é controlada pelo mesmo dispositivo, pode dar noções falsas de seu território, como por exemplo: “estou chegando”, “estou a caminho”, quando isso não necessariamente é verdadeiro.

As tecnologias de comunicação móveis são tidas, portanto, como desterritorializantes, justamente por permitir deslocamentos de corpos e informação. A mulher contemporânea usa a tecnologia para se reterritorializar, já que utiliza esses dispositivos com um objetivo muito claro: o controle informacional do espaço físico e eletrônico.

Em pesquisa realizada com 100 mulheres, analisada no capítulo 3 dessa dissertação, fica claro o uso da tecnologia, especialmente o celular, para se reterritorializar. As tecnologias móveis permitem exercer esse controle, agindo também como ferramentas de territorialização. Então, a mulher tanto é responsável pela formação de um novo território com o uso das tecnologias móveis, assim como é territorializada ao ser localizada através dos mesmos dispositivos.

As tecnologias móveis, especialmente o celular, redefinem as relações sociais e os sentidos de lugar e desenvolvem-se em diversos campos: as relações de trabalho, no campo da arte e do lazer, na coordenação das relações familiares, estimulando o contato permanente entre as partes. Um exemplo possível é quando a mulher, saindo do escritório, a caminho de uma reunião externa, liga do celular para casa para saber se está tudo bem ou passar alguma instrução. Manda uma mensagem de texto para o marido lembrando-o de algum compromisso. Ou ainda, publica um tweet reclamando da situação do trânsito. Várias dimensões de mobilidade são aplicáveis: o deslocamento físico e também a informacional, acesso à informação, com possibilidades de emissão e produção de conteúdo. É a mobilidade da mulher sendo potencializada pela mobilidade informacional em um objeto também móvel.

Esse processo de territorialização e desterritorialização abriu espaço para o teletrabalho. Castells (2004, p. 79) enfatiza que a entrada da mulher no mercado de trabalho “constitui a base indispensável do desenvolvimento da nova economia, fato que tem consequências duradouras para a vida familiar e para a estrutura social em geral”. Como estudioso da “sociologia da internet”, aborda o contexto da rede como facilitador para o surgimento do trabalho autônomo ou em tempo parcial, temporário e até mesmo prestação de serviços através de consultorias.

Por definição, segundo Olson (1983), teletrabalho remete a trabalho remoto, ou seja, o trabalho realizado fora do espaço e tempo normal de trabalho, suportado por tecnologias da informação. O “teletrabalho” ou “trabalho em movimento” permite novas configurações no que diz respeito ao espaço de trabalho, que pode passar a ser em casa, no carro, na rua, de madrugada, ou seja, 24 horas por dia, 7 dias por semana. É estar em alerta permanentemente, disponível em todos os aspectos de sua vida. A dificuldade de locomoção - por motivos de violência ou trânsito das grandes cidades, a busca por uma melhor qualidade de vida e o desemprego são os impulsionadores do teletrabalho. Além desses, o processo de globalização, a dispersão geográfica das empresas e a própria evolução tecnológica contribuíram para que o teletrabalho se tornasse mais efetivo no ambiente de negócios.

Do ponto de vista da mulher, o teletrabalho é uma interessante alternativa para se manter no mercado e, ao mesmo tempo, ficar próxima aos filhos. Ela não precisa necessariamente ser autônoma, existe também a possibilidade de ser funcionária de uma determinada empresa, porém trabalhar (mesmo que em tempo parcial) à distância.

Por outro lado, o teletrabalho não apresenta apenas vantagens e não garante, necessariamente, o aumento na qualidade de vida do trabalhador. Em tese, o teletrabalho proporciona uma conciliação entre vida profissional e a vida familiar, ou seja, permite que os trabalhadores respondam às suas responsabilidades profissionais ao mesmo tempo em que mantêm as suas relações familiares e pessoais. Porém, também pode haver interferência da vida familiar na vida profissional e vice-versa, devido à dificuldade em definir os limites entre o profissional e o pessoal.

Ainda segundo Olson (1983), o teletrabalho pode também reduzir o stress associado ao deslocamento casa-trabalho, mas pode também causar stress por conta do ritmo de trabalho excessivo, isolamento social, aumento da carga horária de trabalho e até a falta de autonomia na tomada de decisões. Até mesmo a flexibilidade em termos de tempo e espaço pode ser ilusória, devido à disponibilidade ilimitada para trabalhar. Muitas vezes, a própria empresa, representada pelos gestores e até mesmo pessoas do mesmo nível hierárquico, não respeitam o horário do teletrabalhador e invadem o tempo e a vida privada do profissional. O trabalhador deixa de ter um horário fixo de trabalho e também um tempo indefinido de trabalho. A internet possibilita o acesso à empresa a partir de

qualquer lugar. O celular, por sua vez, permite à empresa acessar o colaborador, acabando assim o limite entre a esfera do trabalho e da vida privada. Ou seja, os limites flexíveis, que aparentemente seria uma vantagem, também apresentam problemas. A questão é como gerenciar essa condição, considerando tanto os pontos positivos quanto os negativos, de se trabalhar remotamente.

Para minimizar esses efeitos, a Presidente do Brasil, Dilma Russef, assinou a Lei nº 12.551/2011, que regulamenta o trabalho à distância no Brasil. Inclusive, o uso do celular, e-mail ou qualquer outro meio eletrônico, fora do horário de expediente, serão considerados horas extras. As empresas, por sua vez, estão adotando medidas para regularizar essa questão, exigindo que os funcionários mantenham a mesma carga horária estabelecida previamente, sem direito a qualquer flexibilidade de horário de trabalho. Hoje, existem cerca 19,9 milhões de teletrabalhadores no Brasil, segundo matéria publicada no 'O Globo' em 02 de Maio de 2012.

O perfil do teletrabalhador deve apresentar algumas características peculiares. Ele deve ter capacidade de trabalhar sozinho sem se sentir isolado ou distante da empresa (mesmo que esteja geograficamente a milhares de quilômetros de distância), deve impor limites de tempo e espaço tanto para a empresa quanto para a família, além de uma enorme capacidade de gerenciamento do tempo e muita organização. Novas formas de trabalho exigem, assim, novas formas de aprendizagem das relações espaço/tempo. Mesmo estando distante, o trabalhador deve criar um ambiente comunicacional (BAITELLO, 2010), permitindo-se envolver pelas capilaridades potencializadas pelos meios.

Considerando a amostra das 100 mulheres pesquisadas para essa dissertação, observa-se que, no Brasil, a prática do teletrabalho é ainda pouco adotada. A predominância é o trabalho fora de casa, representado por 79% das respondentes. 13% trabalham parte do tempo remotamente e apenas 8% trabalham exclusivamente de modo remoto. Das que trabalham em tempo parcial ou total em casa, argumentaram que o fazem, pois a empresa apoia a prática do *home office*, ou ainda que o tempo dentro da empresa não é suficiente para dar conta de todas as tarefas e, por isso, complementam esse tempo de trabalho em casa. Algumas afirmaram também que trabalham em casa, pois a natureza do negócio exige, ou seja, são profissionais liberais, professores, que utilizam de sua residência ou outro local, para desenvolver suas atividades.

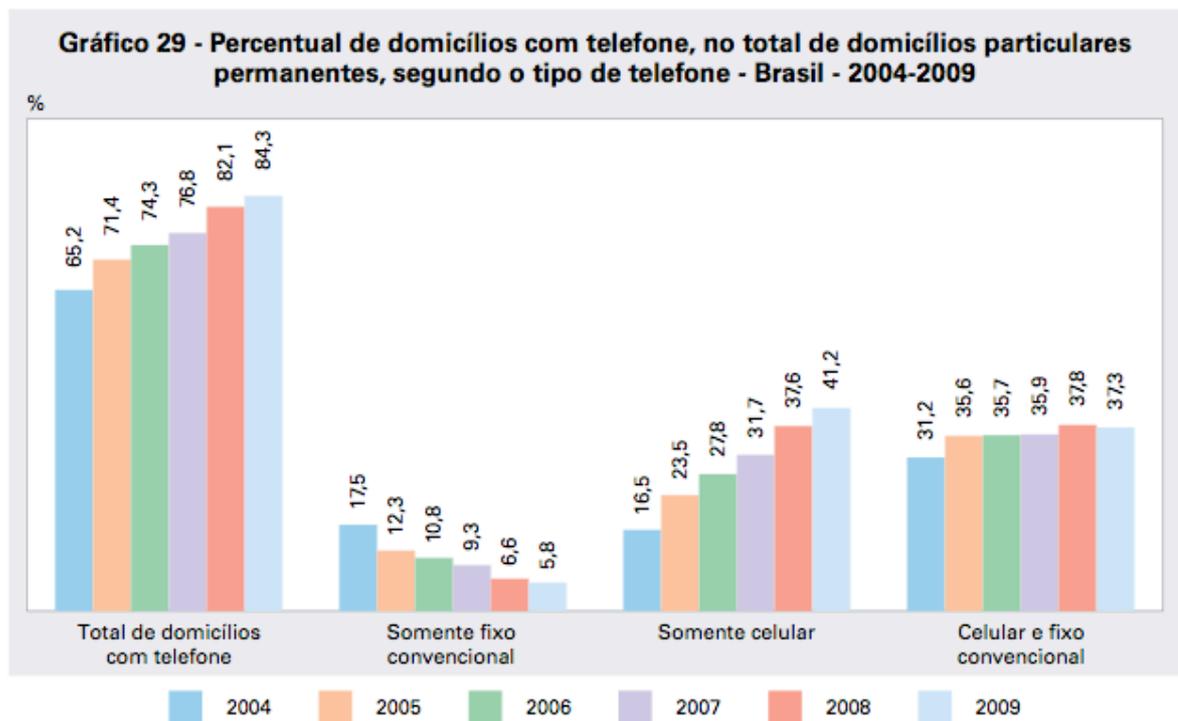
Muitas empresas ainda têm uma cultura corporativa conservadora, nem sempre confiam nesse modelo de trabalho. Assim, observa-se que o teletrabalho, apesar de criticado por algumas organizações que ainda acreditam que a presença física é fundamental, dá forma ao processo de reterritorialização, facilitado pelos suportes tecnológicos e como uma oportunidade para a mulher multi-tarefa.

2.1 O acesso à telefonia e o uso do celular

O celular pode representar um dispositivo para o desenvolvimento de várias práticas no espaço urbano como produção, consumo ou circulação de informação, pois se constitui num objeto caracterizado pela portabilidade, conectividade e mobilidade. Surgiu em 1973, nos Estados Unidos, quando foi efetuada a primeira chamada de um telefone móvel para um telefone fixo. Mas somente dez anos depois, em 1983, a Motorola comercializou o modelo DynaTAC 8000x para o público em geral. No Brasil, o celular surgiu em 1993, inicialmente no Rio de Janeiro, seguido de Salvador, Brasília e São Paulo. Na década de 90, além de voz, passa a ser possível também o envio de mensagens de textos, o SMS. Com o passar dos anos, surgem as mensagens multimídias (MMS), a inclusão de câmeras para fotos e vídeos no aparelho, reprodução de arquivos MP3 e acesso à internet.

O PNAD 2010 – Painel Nacional de Amostras por Domicílios, apresentou uma expressiva evolução no acesso à telefonia, impulsionada pelo crescimento da telefonia móvel celular. De 2004 para 2009, a proporção de domicílios que tinham telefone no total de domicílios investigados passou de 65,2% para 84,3%.

Os domicílios que possuem somente telefone fixo vêm reduzindo ano a ano. Em 2004 17,5%, possuíam somente telefone fixo, em 2009 esse percentual caiu para 5,8%. Dos que possuíam somente telefone móvel celular subiu de 16,5% em 2004 para 41,2% em 2009. O percentual de domicílios tanto com telefone fixo como celular se manteve estável ao longo dos anos, e hoje é representado por 37,3%.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2004-2009.

Gráfico 8: Percentual de domicílios com telefone, no total de domicílios particulares permanentes, segundo o tipo – Brasil-2004-2009.

IBGE, Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio. **Síntese de indicadores 2009**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>>. Acesso em: 27 out. 2011.

Em Março de 2012, dados da Anatel indicaram 250,8 milhões de celulares no Brasil, sendo 81,83% com planos pré-pagos. São Paulo é o estado com maior densidade de aparelhos, totalizando 61.436.000 unidades.

Observa-se, portanto, expressivo crescimento pois, em 2009, 94 milhões de pessoas da população de 10 anos ou mais de idade (57,7%) declararam possuir telefone móvel celular para uso pessoal, correspondendo a um aumento de 8,7% em relação a 2008 ou, em termos absolutos, 7,6 milhões de pessoas. Em 2005, eram 55,8 milhões de pessoas, que representavam 36,6% da população de 10 anos ou mais de idade. No que diz respeito ao sexo, não há diferença significativa entre homens (63%) e mulheres (65%).

O perfil dos usuários de celular na região Sudeste brasileira² se caracteriza por 53% que usam o dispositivo para mandar e/ou receber mensagens SMS. 22%

²Fonte: TELECO, Inteligências em telecomunicações. **Perfil do usuário de celulares no Brasil**. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/ncel_usu.asp>. Acesso em: 03 mai. 2012.

enviam e/ou recebem fotos e imagens. 27% acessam músicas, 18% vídeos e 6% a internet.

O grau de instrução também interfere no uso de funcionalidades específicas. Quanto maior a escolaridade, maior o acesso à internet, vídeos e afins. Por exemplo, 75% das pessoas com ensino superior completo enviam mensagens SMS, ante 63% de quem possui ensino médio. Isso também acontece quando falamos de classes sociais – 74% da classe A envia mensagens via SMS, 67% da Classe B e 49% da Classe C. Além do interesse, há também de se considerar o poder aquisitivo para a compra de celulares e smartphones que possuem mais recursos de conectividade. Ainda segundo a Teleco, empresa de Inteligência em Telecomunicações, 48% dos usuários utilizam tanto voz quanto mensagens de texto. Apenas 11% utiliza somente voz. Ou seja, o uso de celular no Brasil vai muito além de só fazer ligações. O Estado de São Paulo representa 24% do acesso móvel do país.

O surgimento desse dispositivo tecnológico acarretou mudanças de comportamento na sociedade contemporânea e seu uso é frequentemente determinado pelo ambiente social e cultural local. Como bem afirma Paraguai (2007, p. 2):

A possibilidade de conexão constante, característica dos dispositivos móveis, permite a estabilidade da comunicação durante e independente de qualquer deslocamento físico dos usuários. Estes permanecem de alguma forma presentes/atuentes no seu espaço físico em torno, enquanto as informações são acessadas e/ou transmitidas. A diluição de limites entre espaços físicos e a possibilidade de compor com os informacionais vem sugerir outras dimensões para a interação social e para o espaço urbano; esta relação entre percepção e ação (modos de relacionamento) apresenta-se enquanto uma experiência fenomenológica, pois o indivíduo e o ambiente estão implicitamente considerados. Pode-se pensar que este espaço híbrido de atuação apresenta-se então como um “local de comunicação”.

Se antes, o telefone fixo era utilizado de forma coletiva por toda a família, o uso do celular é individual. Assim, há diminuição do controle das chamadas. Os filhos se comunicam com amigos sem que os pais saibam e todos podem falar em espaços sem que maridos, esposas, pais e mães possam ouvir a conversa. Por outro lado, permite que a pessoa seja permanentemente encontrada, o que pode acarretar em perda da privacidade e maior controle social, caso o usuário não saiba

gerenciar os limites. Apesar da opção de não atender, o sentimento de atenção contínua pode gerar angústia, quando não atendem.

O telefone celular permitiu separar a comunicação falada do espaço onde a pessoa se encontra, ou, dito de outra forma, para localizar uma pessoa não é preciso saber onde a pessoa está localizada. (SORJ, 2003, p. 25)

3 A MULHER CONTEMPORÂNEA, A MATERNIDADE E O USO DO CELULAR COMO UM DISPOSITIVO DE CRIAÇÃO DE VÍNCULOS

Com todo o histórico social e cultural apresentados nos capítulos anteriores, é notório que a entrada da mulher no mercado de trabalho influenciou na maternidade. Independentemente da razão pela qual ela decide ser mãe, seja essa biológica, afetiva ou até mesmo pressão da sociedade, a mulher também tem outros interesses, como investimentos na formação e na carreira, viagens, compra de bens etc, concomitantemente à decisão de ter, ou não, um filho.

A questão profissional é, sem dúvida, a mais difícil de ser equacionada, quando essa mulher decide pela maternidade. Se antes, a mulher tinha a escolha de trabalhar ou não, hoje não é bem assim. Além de contribuir financeiramente em casa e muitas até chefiar a família, a mulher de hoje é pressionada pela sociedade para ser profissional. Além de tudo isso, há de se considerar também a realização pessoal no âmbito profissional, que faz parte da vida de toda mulher multi-tarefa.

Após o advento da maternidade, a mulher tem que aprender a como gerenciar todas as suas atribuições. Aquelas que têm trabalho formal, assalariadas, podem contar com alguns meses de licença-maternidade. Já as autônomas, precisam definir como será o período após o nascimento do filho, e o retorno ao trabalho, um momento de realização e ao mesmo tempo pode ser acompanhado de um sentimento de culpa e muitas dúvidas.

O dia-a-dia não é fácil, 24 horas é muito pouco tempo para a mulher multi-tarefa. Ela acredita que tem que dar conta de tudo: dos filhos, do marido, da casa, da empregada, da compra no supermercado, dos cursos de atualização profissional, além, é claro, de cuidar de si mesma. Um bom gerenciamento do tempo e estabelecimento de prioridades são fatores críticos de sucesso para essa mulher.

Para dar conta de tudo, na verdade, ela tem que admitir que sozinha é muito difícil e dispor de uma infra-estrutura considerável. Escola, empregada, babá, marido e os avós dão um bom suporte à multi-mulher-mãe.

Mas há outro fator que auxilia, e muito, a vida da mulher: a tecnologia e a mídia social. A “mãe digital”, como definida pela pesquisa “*Digital Moms*”³, gerencia

³A pesquisa “*Digital Moms*” realizada pela *Razorfish* em Outubro de 2008 nos EUA, coletou 1500 pesquisas respondidas online por mulheres com filhos entre 18-64 anos. Outro pré-requisito era que essas mulheres

sua vida fazendo *downloads* de vídeo/*podcasts* para aprender e se divertir, relaxa jogando *games online*, usa o celular para enviar mensagens, acessa *e-mails* e *websites* em geral, e se mantém conectada com os amigos que faz na rede ou fora dela, assim como qualquer outro indivíduo conectado. São as formas encontradas de ampliar as capilaridades de sua vida, como afirma Baitello Junior (2010), e também de se expressar, obter auxílio de outras pessoas ou apenas se divertir.

A internet, especialmente, propicia um nível de interação maior, a partir do momento que permite ao usuário iniciar e interromper a navegação a qualquer momento, o que Lippman (1998) denomina “*não-default*”, e também intervir no que é proposto e, acima de tudo, produzir conteúdo.

Nos EUA, as “mães digitais” representam 84% das mães com filhos com menos de 18 anos que moram na mesma casa, com acesso à internet. Isso demonstra o quanto as mulheres estão atualizadas no quesito tecnologia.

Em pesquisa realizada aqui no Brasil, com 100 mulheres, mães de crianças até 12 anos, para embasar especificamente essa dissertação, observou-se que 100% utilizam dispositivos tecnológicos, tais como celular e *e-mail*, e canais *online*/redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, sites de busca etc. Maiores detalhes sobre esse levantamento serão apresentados mais adiante.

As tecnologias utilizadas dependem de vários fatores, inclusive a idade da mãe e da criança. Mães com menos de 35 anos são mais dispostas a experimentar novas plataformas de comunicação, como redes sociais, SMS e *download* via celular; enquanto mães com 45 anos ou mais utilizam mais conteúdos informativos como sites de notícias. Mães com filhos acima de 12 anos utilizam com mais frequência jogos *online*, até para interagir mais com eles, além de monitorá-los na web.

Portanto, tratar todas as “*digital moms*” da mesma forma em termos de uso da tecnologia, pode ser um erro, é necessário que haja segmentação adequada de acordo com o comportamento das mesmas. Como diz Castells (1999, p. 422).

O fato da audiência não ser objeto passivo, mas sujeito interativo, abriu o caminho para sua diferenciação e subsequente transformação da mídia que, de comunicação de massa, passou à segmentação, adequação ao

tivessem acessado nos últimos três meses canais como redes sociais, SMS, vídeos online, RSS, *instantmessaging* (MSN), jogos online, blogs e navegado em websites de pelo menos um dos doze mercados: Cuidados para Bebês e Crianças, Serviços Bancários, Corretagem, Automotivo, Vestuário, Eletro-Eletrônico, Alimentação, Saúde, Seguros, Serviços Médicos, Telecomunicações e Viagem/Lazer.

público e individualização, a partir do momento em que a tecnologia, empresas e instituições permitiram essas iniciativas.

Muito se engana quem pensa que essas mulheres se relacionam apenas com amigos, filhos, parceiros e família que convivem com elas de modo *offline*. Elas também têm bastante contato com pessoas que conheceram na própria rede, através da participação em redes sociais, principalmente. São o que, segundo Castells (1999), se constituem os “laços fracos”, caracterizados por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade em termos de sociabilidade. Apesar de ‘fracos’, esses relacionamentos não podem ser desprezíveis, pois são fontes de informação, de comunicação e de divertimento.

3.1 Mulher: consumidoras e produtoras

Moda, culinária, Saúde/Fitness e Viagens atraem as mulheres em geral, independente da idade da mãe ou dos filhos. Porém, em outras categorias como eletroeletrônicos, carros e telecomunicações, o nível de interesse varia bastante de acordo com a idade das crianças. À medida que elas crescem a procura por outro tipo de informação também aumenta.

Quando buscam informação a respeito de algum produto, canais de busca e websites lideram, quando comparados à busca através de amigos/família, revistas, TV, e-mail etc. Uma pesquisa realizada pelo Ibope Nielsen Online em Junho de 2009 mostra que o Brasil lidera em tempo de conexão à internet, com uma média de 69 horas e 55 minutos mensais per capita. Os comunicadores instantâneos (MSN) ocupam 7 horas e 15 minutos da navegação média mensal dos brasileiros. Em segundo lugar aparecem as comunidades sociais, com 4 horas e 17 minutos e, em terceiro, o e-mail, com 2 horas e 47 minutos. Projeta-se que no Brasil há cerca de 62 milhões de usuários com acesso à internet em qualquer ambiente (residência, escola, trabalho e lan-houses).

Conforme dito anteriormente, mães acessam redes sociais por várias razões, por recreação ou para obter mais informações. Mas hoje em dia não são apenas consumidoras “passivas” lendo *blogs* ou vendo perfis de outras pessoas na web.

Elas são participantes ativas: lançam seus próprios *blogs*, publicam fotos, projetam páginas pessoais, interagem com outras pessoas em *chats*, participam de grupos de discussão, jogam *online* e iniciam novas comunidades baseadas em seus interesses.

Para Kerchkove (2003, p. 18)

O computador traz uma total recuperação do controle sobre a tela de modo que agora, quando usamos um computador, compartilhamos a responsabilidade de produzir significado. Produzimos significado junto com a máquina e com as pessoas.

O autor complementa ao afirmar que

estamos agora em uma situação conectiva, em que podemos cultivar e manter uma identidade privada, mas também compartilhar o processamento de informações com um grupo seletivo sem sermos eliminados pela identidade do grupo. (KERCHKOVE, 2003, p. 26)

Através da “permanência e repetição” nos grupos sociais (Recuero, 2005), essas mulheres constroem o que a autora define como o Capital Social da internet, ou seja, o conteúdo das relações sociais, construído a partir das conexões entre os indivíduos de um determinado grupo, que deve ser reforçado continuamente para garantir sua existência. “Sem investimento, os laços sociais tendem a enfraquecer com o tempo, depreciando o capital social de um determinado grupo”. (RECUERO, 2005, p. 8)

Muitos fatores influenciam o comportamento das mães nas redes sociais. Seus valores pessoais e motivações, experiências de vida e o uso da tecnologia, moldam o comportamento destas em redes sociais. O uso que fazem das redes resulta em múltiplas capilaridades, com resultados únicos, pessoais, distintos, na vida de cada uma delas.

3.2 Pesquisa de Campo

Como objetivo de embasar melhor esse trabalho, foi realizada uma pesquisa⁴ pela internet, através do “SurveyMonkey” (www.surveymonkey.com), solução web para elaboração de questionários e coleta de dados. Foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, com tamanho da amostra igual a 100. A pesquisa foi respondida por mulheres mães de crianças até 12 anos de idade, das cidades de Campinas, São Paulo e Sorocaba e, como pré-requisito, deviam trabalhar fora.

Das 100 mulheres pesquisadas, 25% possuem de 18 a 34 anos, 70% 35 a 44 anos e 5% com 45 anos ou mais. Ou seja, a predominância de mulheres com filhos entre 0 e 12 anos de idade, está entre 35 e 44 anos.

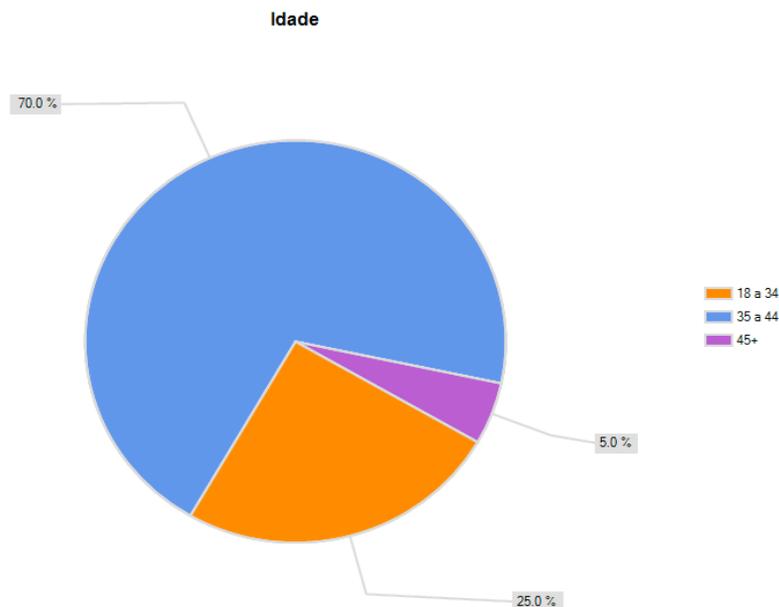


Gráfico 9: Idade.

Fonte: Elaboração própria.

A predominância em relação à localização geográfica se deu em Campinas, com 44% das respostas, seguido por Sorocaba com 29% e São Paulo com 27%. A grande maioria, 46%, tem alto grau de instrução, com MBA/Pós-Graduação concluídos, 27% com Superior Completo, 20% com Mestrado, 1% com Doutorado e 2% com Pós-Doutorado. Apenas 4% das respondentes possuem Superior Incompleto.

⁴O relatório completo da pesquisa encontra-se no Apêndice A.

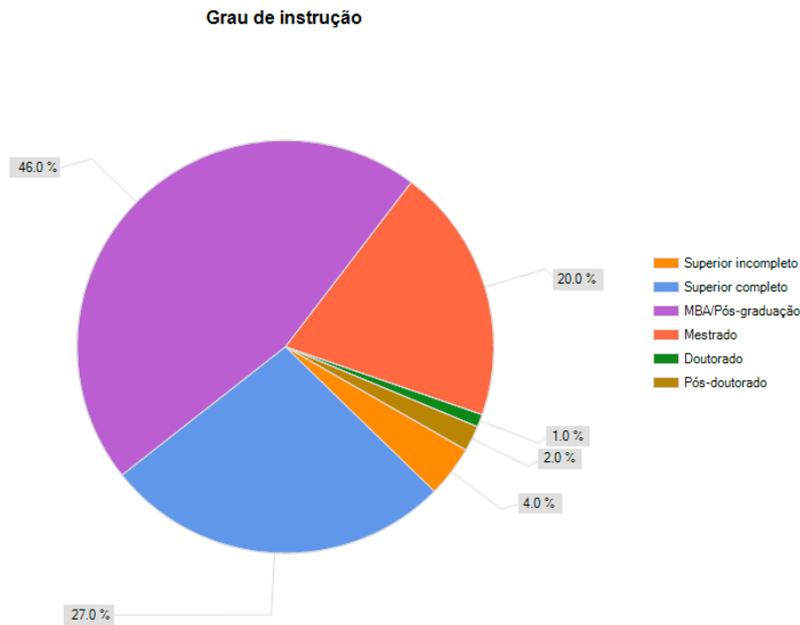


Gráfico 10: Grau de instrução.
Fonte: Elaboração própria.

A predominância foi de mulheres casadas, 91%, separadas 8% e solteira 1%. Quanto ao número médio de filhos, a predominância é de 1 (51%) e 2 filhos (46%). Apenas 3% possuem 3 filhos. Esse dado demonstra a diminuição do número de filhos por mulher na atualidade.

No total, a soma do número de filhos das mulheres pesquisadas, foi de 143 crianças, com média de idade de 5,3 anos. Dividindo por faixas etárias, têm-se:

- 46 crianças (32,2%) entre 0 e 3 anos (média 1,74 anos)
- 61 crianças (42,6%) entre 4 e 7 anos (média 5,4 anos)
- 36 crianças (25,2%) entre 8 e 12 anos (média 9,75 anos)

Há predominância do trabalho fora de casa, com 79% das respostas. 13% trabalham em tempo parcial e apenas 8% trabalham em tempo integral em casa. Das que trabalham em tempo parcial ou total em casa, argumentaram que o fazem, pois a empresa apoia a prática do *home office*, ou ainda que o tempo dentro da empresa não é suficiente para dar conta de todas as tarefas e, por isso, complementam esse tempo de trabalho em casa. Apenas uma entrevistada respondeu que a empresa onde trabalha oferece esta opção, porém ela prefere trabalhar no escritório.

Escolha o perfil que melhor retrata sua atividade profissional:

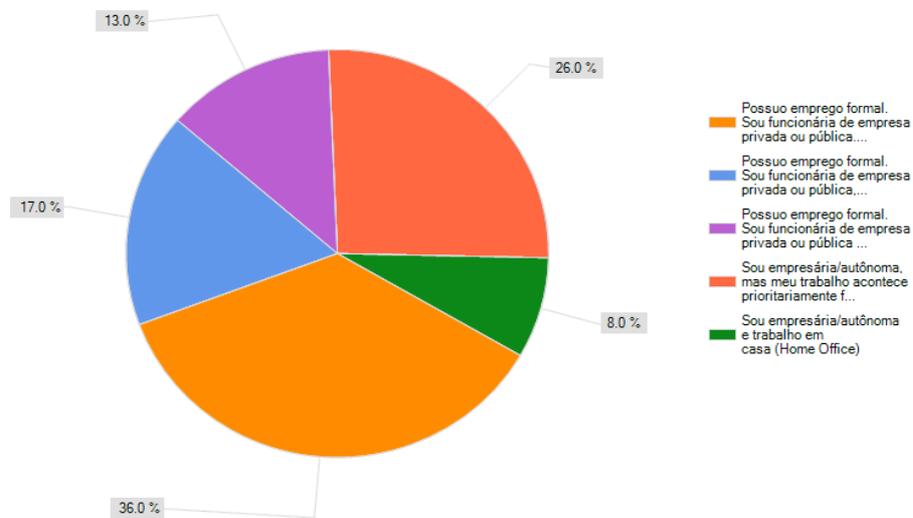


Gráfico 11: Perfil da atividade profissional.

Fonte: Elaboração própria

As mulheres representadas na pesquisa são conectadas, usam dispositivos tecnológicos, como o próprio celular, e também em relação ao acesso a outros canais *online* e redes sociais, tais como, *blogs*, e-mail, *websites* de busca, *YouTube*, *Twitter*, *Facebook* e *MSN*.

Quando questionadas sobre a intensidade do uso, os dispositivos/canais *online* citados como sempre utilizados, em ordem de importância, foram: e-mail com 96%, sites de busca 95%, ligação telefônica 91%, *Facebook* 60% e *MSN* 41%. Além de terem a opção de dizer quais canais utilizavam frequentemente, havia também a alternativa para dizer que utilizavam com frequência todos os meios citados anteriormente. 30,7% afirmaram que utilizam tanto o celular, como redes sociais e sites de busca com bastante frequência.

Quais são os canais online/dispositivos tecnológicos que você utiliza?

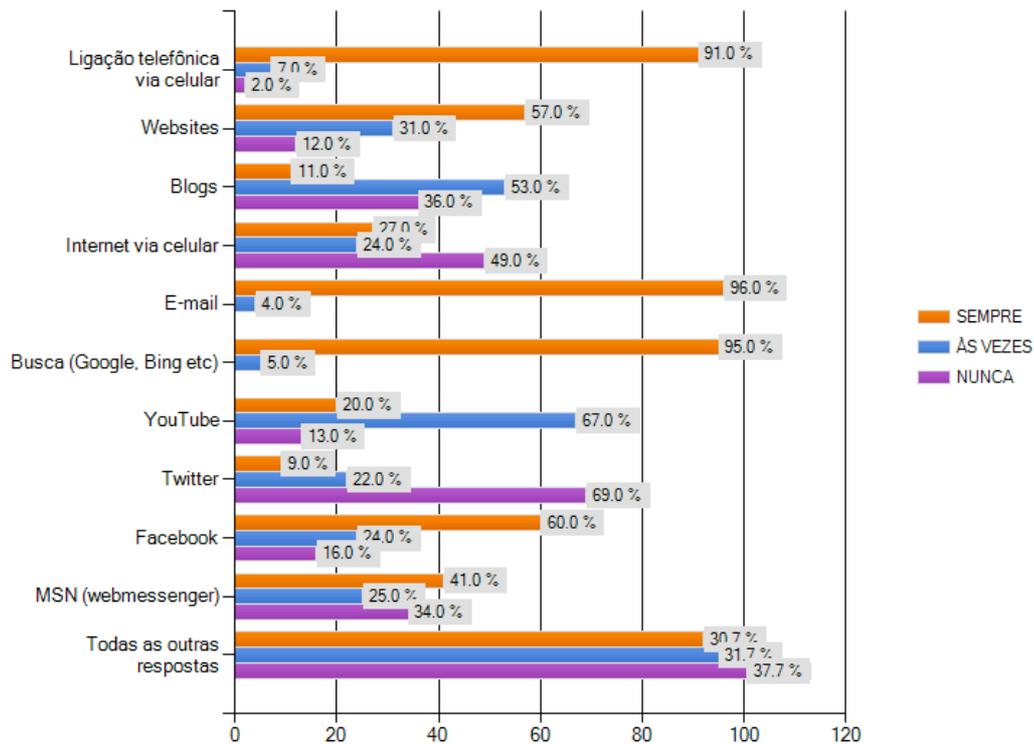


Gráfico 12: Quais são os canais *online*/dispositivos tecnológicos que você utiliza?

Fonte: Elaboração própria.

A hipótese, antes da realização da pesquisa, é que as mulheres usavam com bastante intensidade os canais *online* e, principalmente, os dispositivos tecnológicos (leia-se celular), para se comunicar e obter informações dos filhos. Porém, essa hipótese não se confirmou.

Pessoas relacionadas à atividade profissional, amigos e marido/companheiro apareceram em maior destaque, com 78%, 77% e 60% respectivamente, afirmando que se comunicam com bastante frequência.

Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais online/dispositivos tecnológicos?

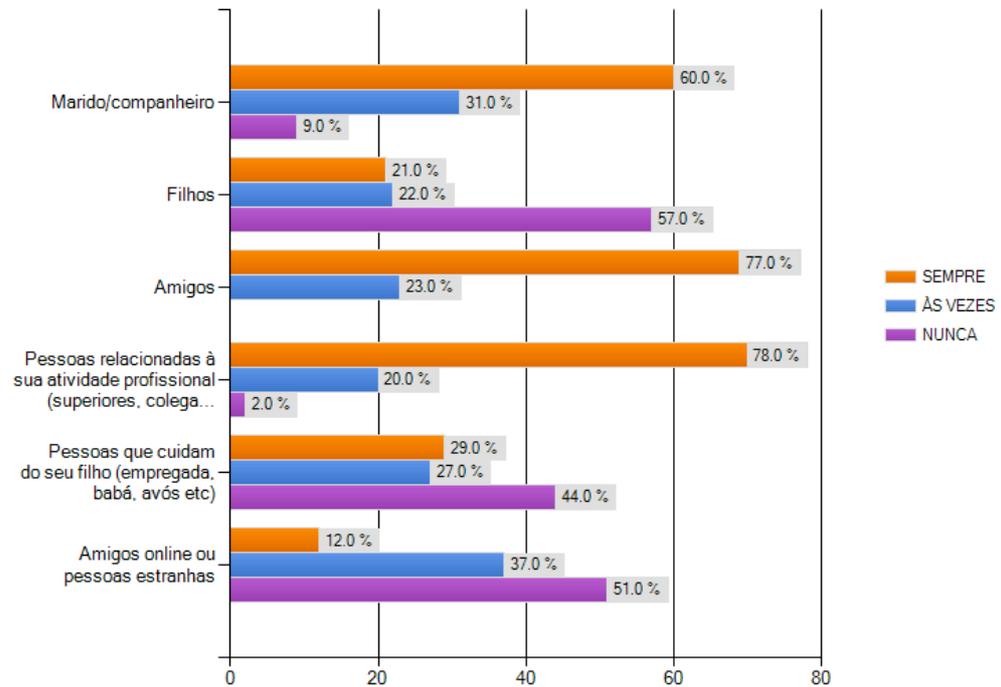


Gráfico 13: Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais *online*/dispositivos tecnológicos?

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às pessoas que cuidam de seus filhos, como empregada, babá e avós, 44% das mulheres responderam que ‘nunca’ se comunicam através dos dispositivos tecnológicos, 29% ‘sempre’ e 27% ‘às vezes’. E, surpreendentemente, 57% afirmaram que ‘nunca’ se comunicam diretamente com os filhos através dos canais online e dispositivos, 22% ‘às vezes’ e 21% ‘sempre’.

Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com o cônjuge, babá, avós, escola, empregada etc), quando fora de casa?

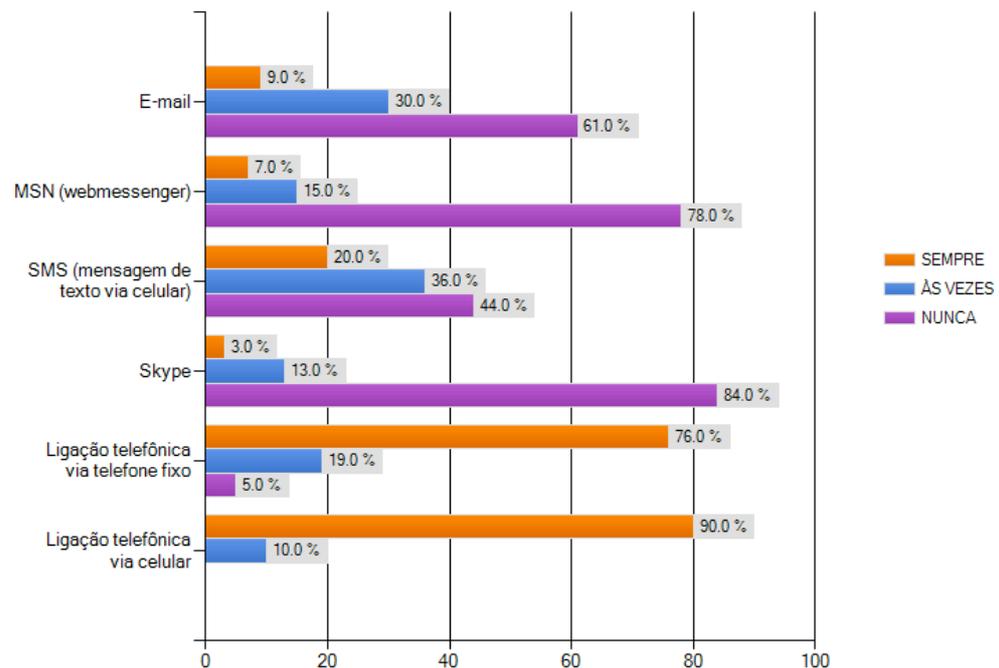


Gráfico 14: Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com o cônjuge, babá, avós, escola, empregada, etc), quando fora de casa?

Fonte: Elaboração própria.

Acredita-se que essa baixa frequência com que as mulheres se comunicam diretamente com seu filhos seja porque a idade média dessas crianças, 5,7 anos, ainda é baixa e, portanto, ainda não se comunicam através dos aparatos tecnológicos. Outra razão poderia ser o fato de que as mulheres acreditam que podem ser facilmente encontradas pelo celular e, por isso, não precisam entrar em contato com eles com tanta frequência. Além disso, pode ter havido um equívoco no entendimento da pergunta realizada. Pensa-se que talvez as mulheres tenham entendido que o outro lado da conversa (filhos, babás, avós, maridos etc) deveriam também utilizar os aparatos tecnológicos para se comunicar com ela, o que não era o caso. E ainda, de acordo com as respostas, ficaram dúvidas se elas consideraram o celular como um dispositivo tecnológico. Se realmente houve esse engano, certamente as respostas também sofreram algum viés. Porém, esse possível equívoco não invalida a pesquisa, dadas as outras perguntas e respostas.

A mulher, quando quer ter notícias sobre seus filhos, seja com o marido, babá, avós, escola, empregada doméstica etc, utiliza prioritariamente o celular, com 96% das respostas e 76%, ligações via telefone fixo. *Skype*, *MSN* e e-mail

raramente são utilizados, tendo a maioria, mais de 70%, respondido como ‘nunca’ utilizam esses meios. Isso demonstra que o celular é a forma encarada por essas mulheres, como o meio mais fácil e rápido de obter informações sobre as crianças.

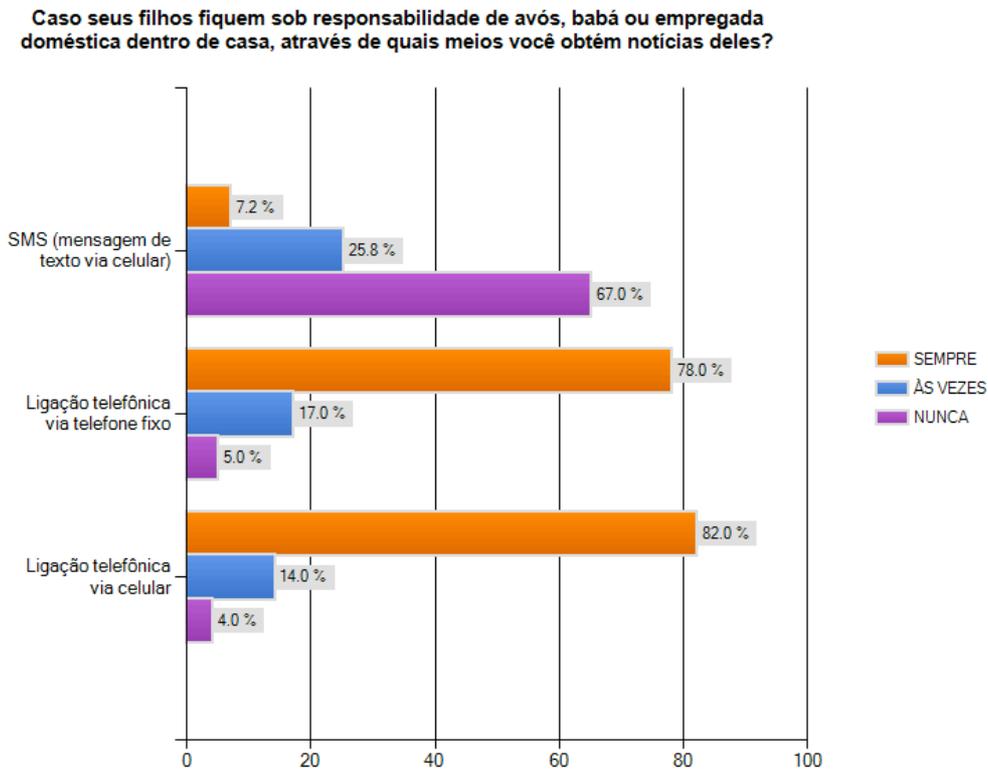


Gráfico 15: Caso seus filhos fiquem sob responsabilidade de avós, babás ou empregada doméstica dentro de casa, através de quais meios você obtém notícias deles?

Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa também questionou essas mulheres sobre qual a forma para que elas sejam encontradas com maior facilidade. 82% responderam que ligando para o seu celular e 15% ligando para a empresa onde trabalham ou em casa, nos casos daquelas que trabalham no sistema *home office*. Apenas 2% e 1% citaram a mensagem de texto via celular e *Skype*, respectivamente.

Quando seu cônjuge e/ou filhos precisam encontrá-la, através de qual meio eles te acharão com maior facilidade?

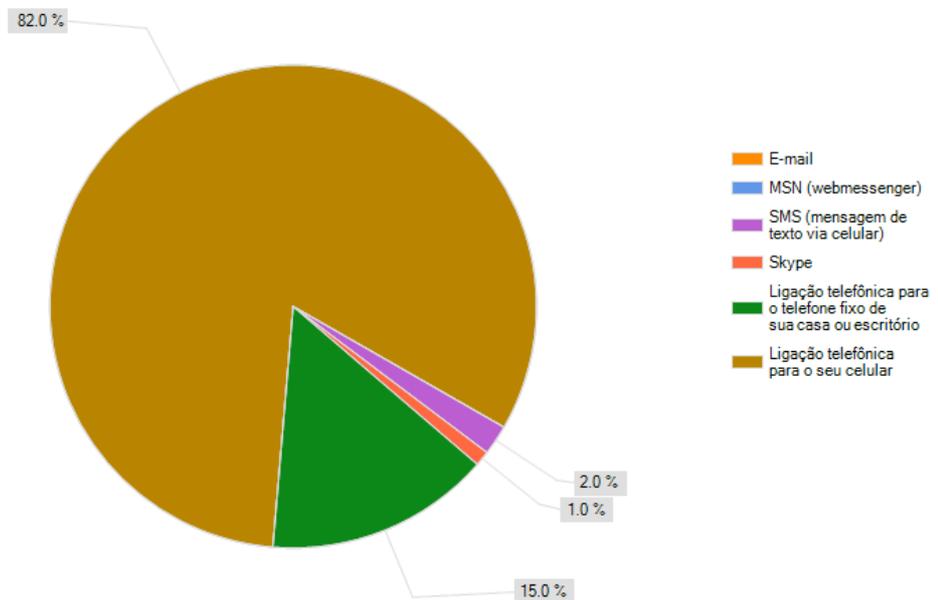


Gráfico 16: Quando seu cônjuge e/ou filho precisam encontrá-la, através de qual meio eles te acharão com maior facilidade?

Fonte: Elaboração própria.

Esses dados mostram que o celular é o dispositivo que mais auxilia no processo de reterritorialização da mulher que trabalha fora. Cerca de 72% disseram que o utilizam para realizar e receber ligações/mensagens tanto de pessoas relacionadas ao trabalho, como o cônjuge e filhos. 22% utilizam prioritariamente para realizar e receber ligações/mensagens do cônjuge e filhos e apenas 6% utilizam prioritariamente para realizar e receber ligações/mensagens do trabalho.

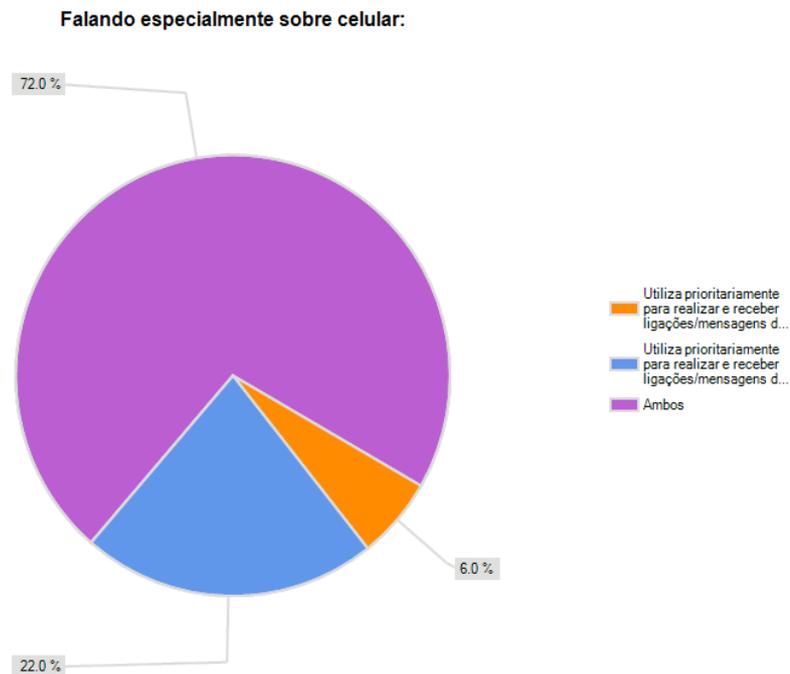


Gráfico 17: Falando especialmente sobre celular.
 Fonte: Elaboração própria.

60% das mulheres afirmam utilizar o celular para manter contato com os filhos, pois se sentem seguras que, caso eles necessitem, elas poderão ser encontradas facilmente. 1% respondeu que o celular é uma forma de controlar onde os filhos estão e que isso dá uma sensação de segurança. Outras 39% responderam que essas duas situações condizem com a realidade delas. Interessante observar que esses dados demonstram claramente que a mulher faz uso do celular, com maior predominância para ser 'controlada/vigiada', do que para 'controlar/vigiar'. É importante ressaltar também que a média de idade dos filhos das pesquisadas é 5,7 anos, ou seja, ainda não possuem autonomia para saírem sozinhos e, portanto, ainda não trazem esse tipo de preocupação para as mães.

Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos: (Marque a frase que condiz melhor com a realidade)

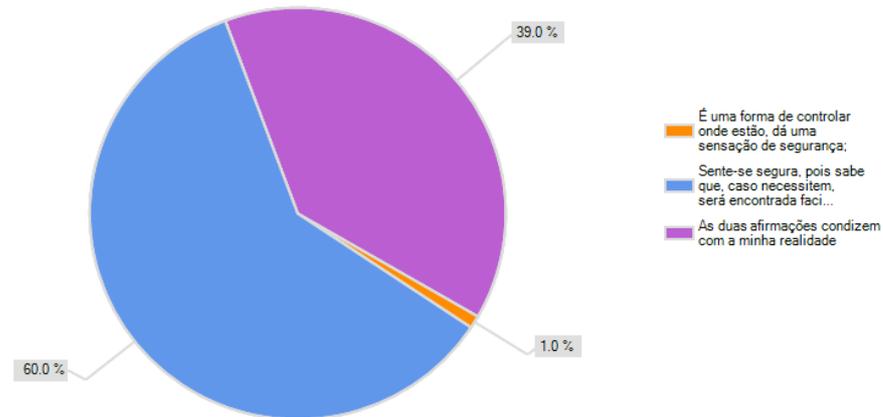


Gráfico 18: Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos.
Fonte: Elaboração própria.

100% das mulheres presentes na pesquisa de campo responderam que o uso de dispositivos tecnológicos facilitam muito suas vidas. Argumentam que esses dispositivos auxiliam a encontrar as pessoas rapidamente e a qualquer hora e em qualquer local, a não perder o contato, a obter notícias imediatamente, principalmente em situações de emergência. Além disso, ganham tempo, pois conseguem fazer várias coisas via celular, agilizam a tomada de decisões, ao possibilitarem estar disponíveis, caso alguém precise encontrá-las. Podem se manter conectadas, mesmo que distantes do computador. Algumas dizem inclusive que são altamente dependentes de seus aparatos, sem os quais parecem não viver. Graças ao acesso à rede, sentem-se *online* permanentemente. A resposta de duas mulheres ilustram bem essa situação:

- (A tecnologia) facilita, muitíssimo! Trabalho longe da minha casa, meu esposo é vendedor externo, ficamos longe da nossa filha o dia todo. Não existe um meio de comunicação mais fácil e mais rápido do que o celular, até para informar pequenas coisas do nosso cotidiano, como por exemplo: "Hoje chegarei mais tarde!" ou "Tal coisa acabou em casa, passe no mercado!". O celular da pediatra então, aff!!!! Agora, profissionalmente a tecnologia é tudo, rápida, prática e em tempo real faz toda a diferença para seus clientes.

- *“(Os dispositivos tecnológicos) Facilitam muito, pois possuo apenas celular, não possuo telefone fixo. Internet facilita para encontrar qualquer assunto e amigos.”*

Um fato de bastante relevância na pesquisa foi a questão de estar disponível, caso alguém precise encontrá-la. Acreditam que o celular é o que facilita o contato e a localização de quem as procura ou são procurados por elas.

Dizem que os dispositivos ajudam a encurtar distâncias, reduzem a necessidade de deslocamento, que dão segurança e que as permitem estar em vários lugares ao mesmo tempo, que podem se comunicar com amigos, filhos e ainda se mantêm atualizadas. Uma das mães resumiu da seguinte forma:

- *“(Os dispositivos tecnológicos ajudam) Sim, sem dúvida! Profissionalmente, nos oferecem rapidez nos processos, no caso da família nos deixam em segurança “psicológica” e quanto aos amigos, facilita a proximidade”.*

Elas mesmas deixam claro em seus comentários que a sensação de segurança é apenas uma sensação, pois não há nenhum dispositivo tecnológico ou canal *online* que garanta isso. Esse sentimento surge, pois acreditam que, se alguém precisar, saberá como encontrá-las e que também podem informar onde estão e quando chegarão. Isso traz tranquilidade, segundo elas.

Algumas poucas mulheres também apresentaram algumas desvantagens em relação ao uso, especialmente em se tratando de celular. Apesar da maior segurança e agilidade nas tarefas do dia-a-dia, disseram que não gostam do uso excessivo e, principalmente, do excessivo controle e invasão que as pessoas exercem sobre seu dia-a-dia, citando, por exemplo, mensagens via SMS e e-mails não desejados, os conhecidos *spams*. Uma inclusive afirmou que, se tivesse a opção de não usar, certamente não usaria. Outra disse que o uso facilita, sim, e muito, porém sem ‘neurose’. Acredita que as coisas podem ser bem combinadas ‘pessoalmente’, para que não se torne refém da tecnologia. O bom funcionamento dos aparatos também interfere na percepção das usuárias, sendo que uma delas comentou:

- *“(Os aparatos) tornam a comunicação mais rápida e fácil, quando funcionam”.*

Nesse contexto de controlar e ser controlada, de estar à disposição a qualquer momento para quem quer que seja, traz-se à tona a discussão do “estar em alerta permanentemente”. O celular, quando não desligado, ou seja, quando a mulher opta por estar disponível, traz uma série de vantagens já colocadas aqui

anteriormente, porém traz também uma série de desvantagens. O fato do celular estar constantemente ligado, não quer dizer que possa ser atendido a qualquer instante. Numa reunião de negócios, por exemplo, a etiqueta corporativa diz que o celular deve estar desligado ou em modo silencioso, justamente para não haver interrupção da conversa. Isso também acontece em outras situações, tais como durante cursos, consultas médicas, apresentações, palestras etc. Outro fator a ser considerado é que, se a cobertura da operadora de telefonia celular for deficitária, a ligação não será completada e, portanto, a pessoa não poderá ser encontrada. Então, esse estado de alerta permanente traz, de certa forma, um sentimento de angústia para essa mãe, que não abre mão do uso do celular para estar à disposição, mas que, quando isso não é possível, se sente um tanto insegura.

A última questão da pesquisa foi para as mulheres responderem se acreditam se o uso do celular aproxima ou afasta as pessoas umas das outras. 76% responderam que acreditam que o uso do celular aproxima as pessoas. 20% disseram, ponderadamente, que depende do uso que se faz do celular. Os outros 4% responderam que não sabiam ou se abstiveram. Nenhuma mulher respondeu que o uso do celular afasta as pessoas.

Das que responderam que o celular aproxima as pessoas, argumentaram que o uso do celular permite-lhes ser encontrada facilmente, de se fazer presente, e manter contato frequente com pessoas que estão à distância. E esse contato não é apenas utilizando o recurso de voz do celular. A possibilidade de acesso à internet e redes sociais potencializa o uso do meio para dar a sensação de aproximação entre as pessoas.

A instantaneidade do meio também foi bastante citada, pois com a disponibilidade do celular, não é necessário esperar chegar em casa ou no escritório para ligar para outra pessoa. Isso pode acontecer a qualquer momento, assim que se percebe a necessidade, ou simplesmente a vontade de conversar com alguém. Segundo uma das mães, *“estar conectado é estar próximo!”*

Outro depoimento reforça essa percepção:

- (O uso do celular) Aproxima. Atualmente damos conta de tantas tarefas ao mesmo tempo que o uso do celular permite que não percamos contato com as pessoas, o que, se dependesse de deslocamento e coincidência de horários/disponibilidade, talvez não ocorresse.

Nas respostas, muitas delas utilizaram os termos 'aproximar' e 'encontrar' entre aspas. A justificativa para isso apareceu nos comentários das próprias mulheres. Apesar do celular 'aproximar' as pessoas, segundo elas, acreditam que o contato pessoal é muito melhor do que à distância através do uso do celular, como afirmam três delas:

- (O uso do celular) Aproxima. Entretanto, creio que muitos assuntos devam ser tratados pessoalmente. O celular impulsiona o contato, mas para mantermos principalmente uma relação familiar e de amizade, esta tecnologia não substitui o contato presencial. Além disso, muitos assuntos profissionais devem ser tratados pessoalmente.

- "(O uso do celular) Aproxima, pois as pessoas são mais facilmente localizadas quando se precisa falar. Isso não substitui um encontro pessoal quando ele se faz necessário. Por isso (o uso do celular) não afasta".

- "Com a realidade atual, acho que aproxima, pois não temos mais a possibilidade de estarmos tão próximos como gostaríamos".

Os argumentos daquelas mulheres, cerca de 20%, que responderam que a questão da aproximação depende do uso que se faz do celular, foram embasados em alguns fatos. Disseram que o celular facilita a conversação formal e informal, mas superficialmente, pois afasta a companhia das pessoas, provocando um 'abismo' entre elas, perdendo assim a vivência social, o olho no olho, o contato físico.

Outras afirmaram que o celular não afasta nem aproxima, pois a finalidade de seu uso deve ser para agilizar a troca de informações nas questões cotidianas, e só. Além desses fatos, reclamaram da perda de privacidade, justamente por poderem ser encontradas a qualquer momento.

- "Não me aproximo de pessoas por usar celular, nem me afasto pelo mesmo motivo. Mesmo com quem tenho contato pessoalmente, ou todos os dias, continuo utilizando o celular como meio 'prático', quando não estamos próximos."

- "É uma facilidade tecnológica que deve ser usada sem neurose. Não podemos ser reféns disso. Conseguimos nos comunicar, nos achar de maneira 'saudável', sem a dependência desta tecnologia".

- "Apenas estabelece comunicação, uma vez que comunicação mediada pela máquina não pode aproximar as pessoas".

- O celular é apenas mais uma ferramenta de mediação que pode vir a afastar ou a aproximar, de acordo com a utilização que se faça dele. No meu caso, especificamente, é sem dúvida uma forma de me aproximar daqueles que desejo estar próxima e também de me afastar daqueles que não desejo aproximação em determinadas situações.

E, por fim, duas das mulheres disseram que o uso do celular não aproxima nem afasta, que isso é indiferente. É fato que facilita a comunicação, mas que não se trata de um medidor de afetividade, que as pessoas se afastam por mera falta de tempo, e não pelo aumento do uso do celular propriamente dito.

A partir dos conceitos de rizoma de Deleuze; Guattari (2000), como uma maneira de expressar as multiplicidades sem ter que ligá-las à unidade, e o princípio da conexão, de forma que um ponto pode se ligar ao outro independente de pertencer a uma linhagem e com entradas múltiplas, pode-se fazer uma analogia à mulher contemporânea. Através do uso do celular, ela pode estar, em conexão permanente, que a possibilita estabelecer contato com as pessoas, tanto do trabalho, quanto da família ou amigos, a partir de qualquer local. Assim como o celular pode provocar uma ruptura ou uma linha de fuga, também pode provocar a reterritorialização da mulher, à medida que ela também pode ser encontrada em qualquer local. Utilizando-se o princípio rizomático da cartografia, cujos processos são desterritorializados e reterritorializados, não seguindo nenhum protocolo normalizado, têm-se que a mulher também é desterritorializada e reterritorializada constantemente, através de seus deslocamentos físicos e ao mesmo tempo, disponível, através do uso do celular. Para ambos os casos, parte-se do princípio que o dispositivo esteja ligado e com cobertura de sinal.

4 CONSIDERAÇÕES

Dadas todas as pesquisas e informações levantadas, analisadas, confrontadas e criticadas, acredita-se que a mulher contemporânea é bastante conectada e não se vê mais sem os dispositivos tecnológicos para gerenciar o seu dia-a-dia de múltiplas funções e tarefas.

O celular é o meio utilizado para reterritorializá-la de forma a permitir ser encontrada em qualquer lugar, desde que ela o mantenha ligado e acessível. Seu uso a reconfigura na medida em que, além de reterritorializá-la, também a deixa em alerta permanente, ou seja, não é mais a mesma mulher de antigamente, que sempre esteve em casa e era facilmente encontrada.

A partir do momento em que a mulher sai para o mercado de trabalho e surgem os aparatos móveis, especialmente o celular, faz com que ela o utilize para trazer sensação de segurança e controle. Diz-se sensação, pois o celular não pode ser responsabilizado por trazer segurança nem para a mulher, nem para as pessoas ao seu redor.

Segundo Bauman (2011), há dois valores essenciais que são absolutamente indispensáveis para uma vida satisfatória, recompensadora e relativamente feliz: a segurança e a liberdade. Na opinião do autor, não é possível ser feliz e ter uma vida digna na ausência de um deles, pois, segurança sem liberdade é escravidão e, liberdade sem segurança é um completo caos, incapacidade de fazer nada, planejar nada, nem mesmo sonhar com isso.

Entretanto, segundo Bauman (2011), o problema é que ninguém, até o momento, encontrou a mistura perfeita entre segurança e liberdade. Cada vez que você tem mais segurança, você entrega parte da sua liberdade. Não há outra maneira. Cada vez que você tem mais liberdade, você entrega parte da sua segurança.

A mulher contemporânea também vive essa dicotomia. Ela sempre quis liberdade, entrou no mercado de trabalho, lutou pelos seus direitos, sem abrir mão de suas escolhas pessoais e familiares.

Mas ela também quer segurança, quer ter a vida sob seu controle, quer dar conta de tudo, quer eficiência. Para isso, recorre aos aparatos tecnológicos, que trazem essa sensação de proximidade, de poder monitorar o que está acontecendo

em vários lugares, mesmo sem estar presente fisicamente.

É o jogo constante de desterritorialização e reterritorialização. Em certos momentos, fica feliz em poder contatar as pessoas e também ser contatada a qualquer momento. Em outros, sente que sua privacidade é invadida e seu desejo passa a ser justamente desligar o celular.

Mas aí surge a insegurança de não poder ser encontrada caso algo urgente aconteça. Acredita que o celular facilita, e muito, sua vida, mas também acredita que o olho-no-olho é insubstituível. É realizada profissionalmente, mas às vezes o que ela mais quer é ficar em casa curtindo os filhos. Querem estar conectadas '*full time*', mas também querem uma vida mais simples, longe da tecnologia e com mais liberdade, sem o sentimento de estar sendo 'vigilada' a todo instante. Enfim, é a busca constante do equilíbrio entre segurança e liberdade.

Outro fator a ser analisado é a questão da aproximação, que a grande maioria das mulheres respondeu na pesquisa que sim, o celular aproxima as pessoas. Partindo do princípio de que aproximação implica em proximidade física, o celular efetivamente não aproxima, porém traz sim uma sensação de aproximação, na medida em que facilita o contato entre as pessoas a qualquer momento e em tempo real.

Por outro lado, devido a essa mesma facilidade de contato a qualquer momento, não somente o uso do celular, mas também os canais *online*, redes sociais etc, podem tornar as relações um tanto superficiais, afastando fisicamente as pessoas de convívio diário.

É muito comum hoje em dia, pessoas de uma mesma família se falarem com maior frequência através dos aparatos tecnológicos do que pessoalmente, mesmo morando na mesma residência. Acredita-se que o celular, de certa forma, dá a sensação de aproximar quem está fisicamente longe e afasta quem está fisicamente perto.

Sobre como o celular pode transformar a cultura, valemo-nos da descrição de Flusser (2007) sobre a fotografia, ao conceituar as ferramentas, as máquinas e os aparelhos. O autor destaca a complexidade dos aparelhos, em relação às ferramentas e às máquinas. Com as ferramentas, o homem era o sujeito, ocupava o centro e detinha o domínio na ação ao transformar as coisas a sua volta. Com a era industrial, cercado pelas máquinas, de alto custo, o homem é guiado por elas, que detêm o seu destino. Com o aparelho, o homem passa a jogar, como parte de um

programa pré-estabelecido. Ele está dentro do aparelho e deve explorar as suas potencialidades. Baitello Júnior (2010), ao discutir Flusser, afirma sobre o aparelho:

Com ele só é possível jogar, brincar com suas possibilidades. Mas ele é um brinquedo complexo, porque seus programas foram produzidos por meta-aparelhos (a indústria que programa aparelhos; o parque industrial que programa a indústria; o aparelho econômico social que programa o parque industrial; o aparelho político-cultural e assim por diante, em uma sequência sempre aberta para cima). (BAITELLO JÚNIOR, 2010, p. 56)

Coerente afirmar, portanto, que os celulares encontram-se na categoria dos aparelhos, na medida em que são resultado de uma complexa rede de funções e de meta-aparelhos: as operadoras e os limites, de custos, de cobertura; a taxação fiscal, sendo a brasileira uma das mais altas do mundo, portanto, o Estado; as finalidades para operá-lo. Enfim, trata-se de um brinquedo complexo que, sobretudo, está carregado simbolicamente. Possuir um celular é investir em símbolos: status, poder, segurança, confiança, proximidade.

Na comunicação terciária, mediada por aparatos e possível em função da eletricidade, nos relacionamos com uma energia, uma potência, ou um signo. O signo, segundo Peirce (1995), é a presença de uma ausência. Com o que nos relacionamos então? Com ausências. Temos a ilusão de controle, de presença, mas o que temos são ausências.

Baitello (2010, p. 83) explica ainda que “estar em um ambiente significa estar integrado a ele, configurando-o e sendo configurado por ele”.

Parece que, mais do que criar um território, reterritorializações e desterritorializações etc, o que o uso do celular proporciona, não apenas, mas especialmente para a mulher em questão, é a criação de um ambiente – talvez não um espaço, mas um ambiente sim, no sentido em que o define Baitello (2010, p. 83):

temos de verificar que cada coisa ou pessoa gera em torno de si um ambiente saturado de possibilidades de comunicação, podendo ser vista em qualquer dos papéis ou funções simultaneamente e de modo não excludente. Assim, um ambiente comunicacional constitui uma atmosfera saturada de possibilidades de vínculos de sentido e vínculos afetivos em distintos graus.

Para Baitello (2010), o ambiente comunicacional é a atmosfera gerada pelas pessoas, com a intenção de estabelecer vínculos. Segundo o autor, a cultura da palavra escrita constrói ambientes adequados às temporalidades da leitura. Já uma

cultura da imagem visual construirá os ambientes voltados para a hegemonia da visão, com todas as consequências que dela decorrem. Também me parece que o celular cria alguns ambientes: o da disponibilidade; por exemplo. Ou da ilusão desta disponibilidade.

Baitello (2010) explica que, se toda comunicação começa e termina em um corpo, cai por terra a idéia de comunicação como simples conexão. Comunicação é criação de vínculos:

Se os vínculos comunicativos primordiais na ontogênese se podem traduzir por amor materno, não demorará muito para esta primeira tipologia de vínculos ser capturada pelo pequeno ser em alimentar com carícia e calor, com gestos de satisfação e saciedade que respondem e retribuem o primeiro ato” (BAITELLO, 2010, p. 106).

Nessa linha de pensamento, o celular pode ser o objeto que cria um ambiente de extensão dessa ontogênese, do vínculo primordial, que é o amor materno. Talvez seja esse amor que dá a segurança e um certo conforto de crer, que o dispositivo em questão, presentificará a ausência, quer do filho, quer da própria mãe.

Baitello (2010) consegue, com propriedade, sintetizar o poder das mídias terciárias, no que tange a permeabilidade e capilaridade do meio:

Assim se aperfeiçoa a permeabilidade do homem aos poderes da mídia terciária que, com o aperfeiçoamento de seus aparatos técnicos que não se desligam nunca e de suas linguagens cada vez mais rarefeitas, instaura uma capilaridade eólica, como o vento que entra por todas as frestas e buracos permanentemente. É evidente que tal quadro tende a suprimir definitivamente, agora também na esfera dos consumidores, a tecla *off*. (BAITELLO JÚNIOR, p. 113).

O celular, enquanto mídia terciária, também promove essa sensação de permeabilidade. Cada aparato comunicacional é capaz de gerar capilaridades, segundo Baitello (2010), ou seja, criar ambiências e relações. O celular, por estar carregado de funções múltiplas, como TV, música, texto, voz, e de intenções de uso também múltiplas, como localizar e ser localizado pelas pessoas, além de divertir e entreter, cria múltiplas capilaridades, uma ambiência de grande complexidade.

Após todas as leituras, fica um comentário da autora. Essa dissertação é apenas um decalque, um momento que já nasce obsoleto, servindo como referência daquele momento estudado, como bem afirmam Deleuze; Guattari (2000). Um olhar da mulher contemporânea, partindo do meu ponto de vista e dos autores escolhidos.

Que essa discussão não acabe aqui, que os movimentos de expansão e de contenção sejam continuamente avaliados, para que sejam produzidos rizomas e não grades, que aprisionam as multiplicidades. Que não haja clausuras capazes de obstruir novos agenciamentos.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Fronteiras do Pensamento**. Vídeo on-line. Londres, 2011. Entrevista. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POZcBNo-D4A>>. Acesso em: 7 mai. 2012.

BRAGA, Adriana. **Personas Materno-Eletrônicas**: feminilidade e Interação no Blog Mothern. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BRASIL, Previdência social. **Salário-maternidade**. Acesso em 11 de Maio de 2012. Disponível em: <<http://www.previdencia.gov.br/conteudoDinamico.php?id=24>>. Acesso em: 11 mai. 2012.

BRETAS, B. Interações cotidianas. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. **Na mídia, na rua**: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CASTELLS, Manuel. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: _____. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999. p. 413-466.

_____. **A Galáxia Internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 2000. v.1.

DIGITAL MOMS 2009. **A two-part report published by Razorfish and CaféMom**. 2009. Disponível em <<http://d27vj430nutdmd.cloudfront.net/4248/12003/12003.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE, Eugênia Troncoso. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, MG. mai. 2004.

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.sepm.gov.br/noticias/documentos-1/SintIndicadoresSociais_2010_Embargo.pdf>. Acesso em: 20 out. 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Censo 2000**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

IBGE, Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio. **Síntese de indicadores 2007**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/default.shtm>>. Acesso em: 27 out. 2011.

IBGE, Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio. **Síntese de indicadores 2009**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>>. Acesso em: 27 out. 2011.

IBOPE, Nielsen Onlinel. **Tempo de navegação do brasileiro alcança mais uma marca inédita**. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&nome=home_materia&db=caldb&docid=0C603C3C20140371832575F3004B038C>. Acesso em: 14 jul. 2009.

KERCKHOVE, Derrick de. A arquitetura da inteligência: interfaces do corpo, da mente e do mundo. In: **Arte e Vida no Século XXI**. Diana Domingues (org.) p.15-26. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

LEMOS, André. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, Curitiba, PR, v. 2, n. 2, p. 155-166, jul/dez. 2010.

_____. Ciberespaço e tecnologias móveis. Processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 15., 2006. Bauru, SP. **Anais...** Bauru, SP: Universidade Estadual Paulista, 2006. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos>>. Acesso em: 11 mai. 2012

_____. Cultura da mobilidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, RS, n. 40, p. 28-35, dez. 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIPPMAN, Andrew. O arquiteto do futuro. **Meio & Mensagem**, São Paulo, n. 792, 26 jan. 1998. Entrevista.

LOPES, Adriana; MOTA, Carlos Guilherme. **História do Brasil: uma interpretação**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

OBSERVATÓRIO SOCIAL. Florianópolis, SC: Bangraf, ano 3, n. 5, 2004. Disponível em: <http://issuu.com/observatorio_social/docs/em_revista_05> Acesso em: 27 out. 2011

OLSON, Margrethe. Remote office work: changing work patterns in space and time. **Communications of the ACM**, New York, v. 26, n. 3. p. 182-187, mar. 1983. Disponível em: <<http://archive.nyu.edu/bitstream/2451/14621/1/IS-81-56.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012

PAIVA, Paulo de Tarso Almeida. **A Mulher no Mercado de Trabalho Urbano**. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) – Universidade Federal de Minas Gerais, 1980. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1980/T80V02A11.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

PARAGUAI, Luisa. Dispositivos móveis: espaços híbridos de comunicação. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

DA COMUNICAÇÃO, CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007. Santos, SP. **Anais...** Santos, SP.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

REVISTA ELETRONICA DA FARN. Natal, RN: FARN, v. 3, n. 1/2, 2003/2004.

Disponível em:

<<http://www.revistafarn.inf.br/revistafarn/index.php/revistafarn/issue/view/6/showToc>

>. Acesso em: 25 jan. 2012

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SILVA, Carla Holanda da. Território: Uma combinação de enfoques – material, simbólico e espaço de ação social. **Revista Geografar**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 98-115, jan/jun. 2009.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

TELECO, Inteligências em telecomunicações. **Perfil do usuário de celulares no Brasil**. Disponível em: <http://www.teleco.com.br/ncel_usu.asp>. Acesso em: 03 mai. 2012.

WIKIPÉDIA: mulheres na Idade média. Disponível em:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mulheres_na_Idade_Média/>. Acesso em: 25 jan. 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Pesquisa de campo

Pesquisa realizada pela internet, através do “SurveyMonkey” (www.surveymonkey.com), solução web para elaboração de questionários e coleta de dados. Foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, com tamanho da amostra igual a 100.

O link foi enviado à mulheres das cidades de Campinas, São Paulo e Sorocaba.

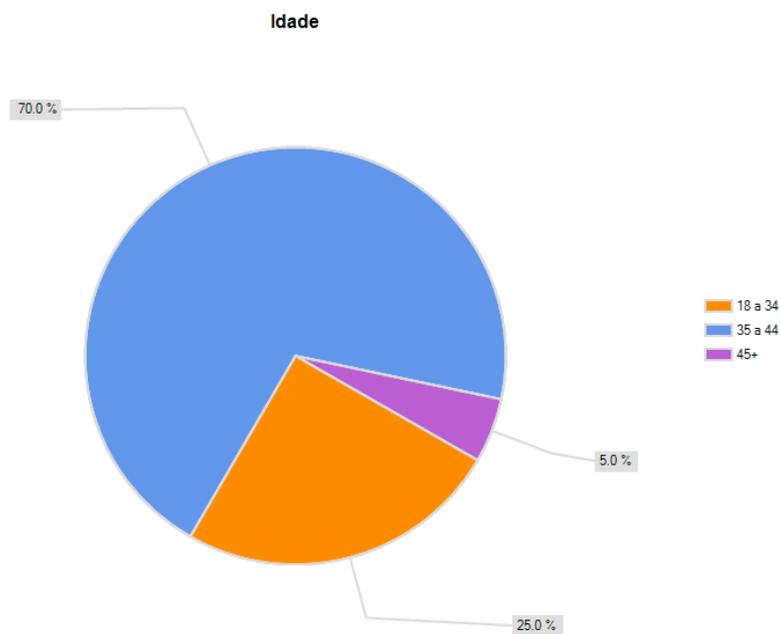


Gráfico 19: Idade

Fonte: Elaboração própria.

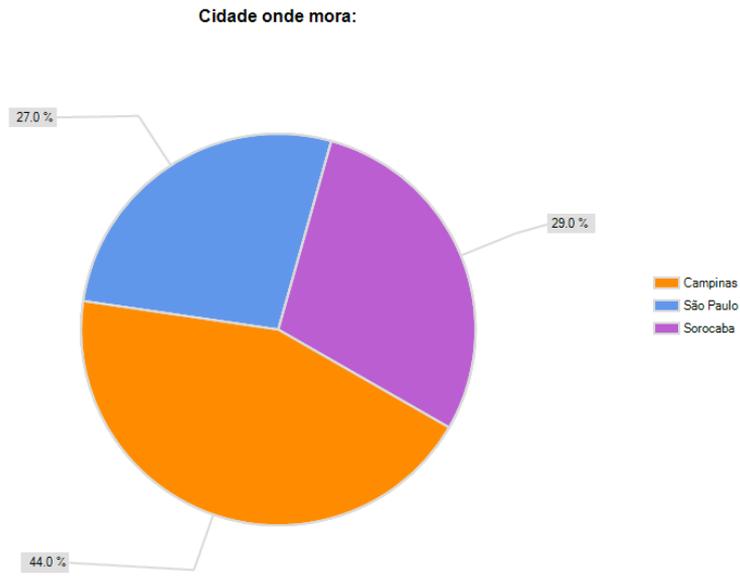


Gráfico 20: Cidade onde mora.
Fonte: Elaboração própria.

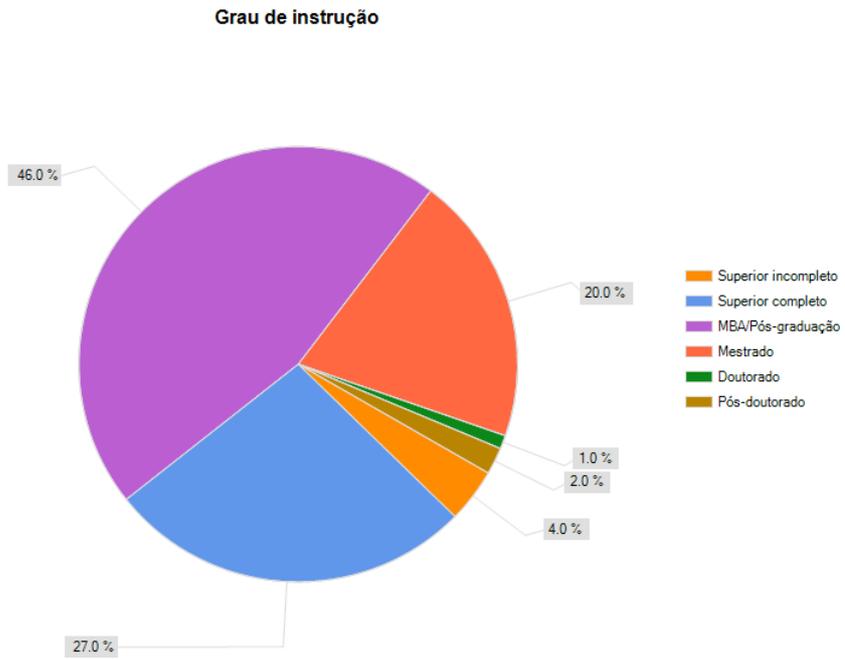


Gráfico 21: Grau de instrução.
Fonte: Elaboração própria.

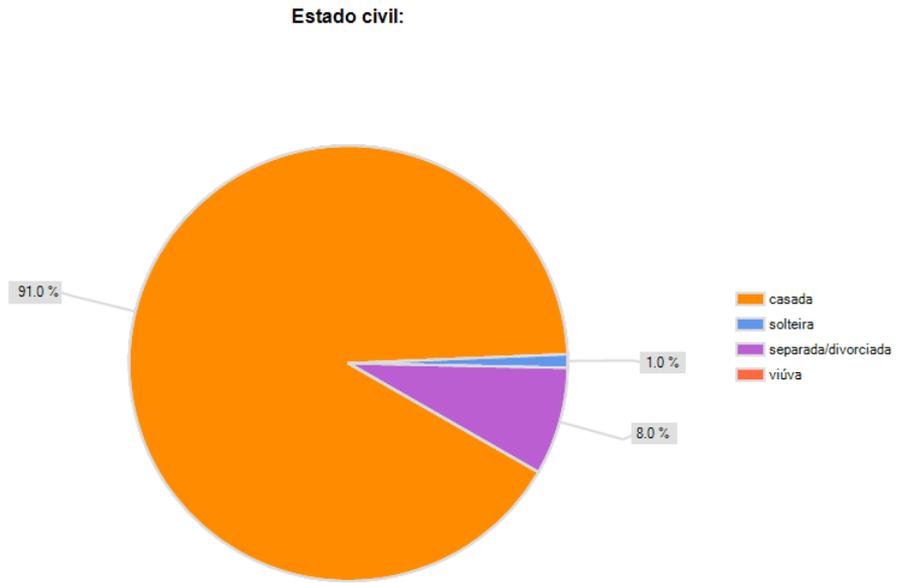


Gráfico 22: Estado civil.
Fonte: Elaboração própria.

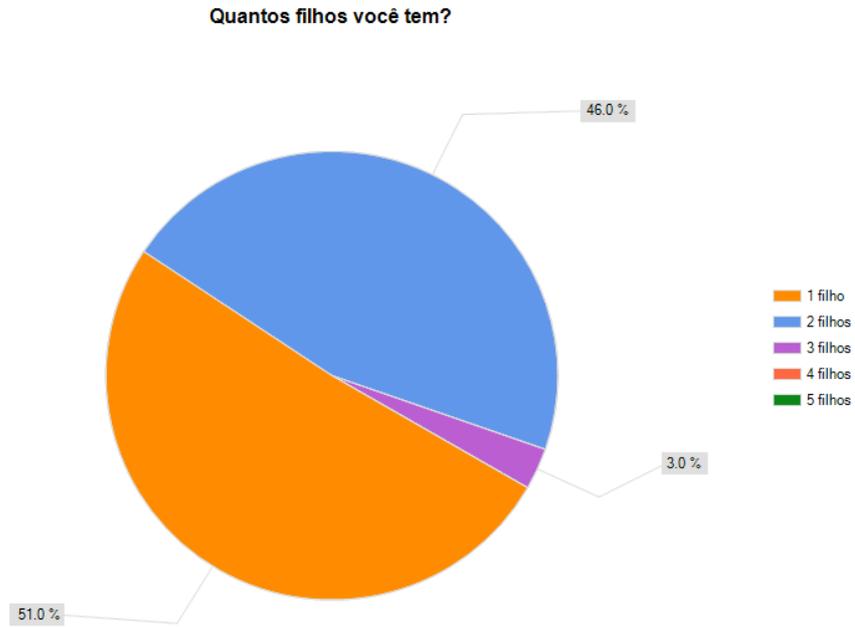


Gráfico 23: Quantos filhos você tem?
Fonte: Elaboração própria.

Página 3, Q1. Qual é a idade dele(s)?

1. 8 anos
2. 12 e 05 anos
3. 2 ano e meio
4. 6 anos e 4 anos
5. 3 anos
6. 4 anos e 2 anos
7. 3 anos
8. 6 anos
9. 5 anos
10. 2 anos
11. 6 meses e 7 anos, respectivamente
12. 4 anos
13. 11 anos
14. 10 meses e 4 anos
15. 05 meses e 05 anos
16. 10 e 16 anos
17. 2 e 5 anos
18. 12 anos
19. 5 e 7
20. 2 e 6
21. 1 ano e 6 meses
22. 2 anos e 8 meses
23. 1 ano.
24. 1 ano e 4 meses
25. 12
26. 9 meses e 4 anos
27. 11
28. 1 ano e 5 anos
29. 5
30. 3 anos
31. 9 e 5
32. 1
33. 11 e 8 anos
34. 9 e 4 anos
35. 16 e 8
36. 3 anos E 2 meses

37. 4 e 7 anos
38. 4 anos
39. 11 e 3
40. 4 e 11 anos
41. 12 anos
42. 2 anos
43. 6 anos
44. 11
45. 2 anos e meio
46. 9 e 15 anos
47. 8 e 4
48. 5 anos e 1 ano
49. 6 anos
50. 7 anos
51. 11 e 7 anos
52. 2 anos e meio
53. 9 anos
54. 6 anos
55. 7 meses
56. 5 anos
57. 1 ano
58. 2 anos e 6 meses
59. 7 e 9 anos
60. 3 meses 5 anos
61. 6 anos
62. 5 anos e 16 anos
63. 6 e 3
64. 2 e 6
65. 5 anos/ 1 mês
66. 2 e 6
67. 5 e 1
68. 6 e 3
69. 3
70. 8
71. 8 meses
72. 1 ano
73. 5 anos

74. Gêmeas de 2 anos
75. 6 anos e 3 1/2 anos
76. 11 anos / 2,5 anos
77. 2 anos
78. 8 anos
79. 8 e 4
80. 6 anos
81. 5 e 8
82. 6 anos
83. 8 anos
84. 9 anos e 7 anos
85. 10 e 09 anos
86. 7 anos
87. 6 anos
88. 4 ANOS
89. 10 e 6 anos
90. 9 e 11
91. 1 ano e 5 anos
92. 10 e 3 anos
93. 5 e 2 anos
94. 7 e 11 anos
95. 4 anos
96. 7 anos 4 anos
97. 9 e 6
98. 5 anos
99. 6 anos
100. 3 e 5

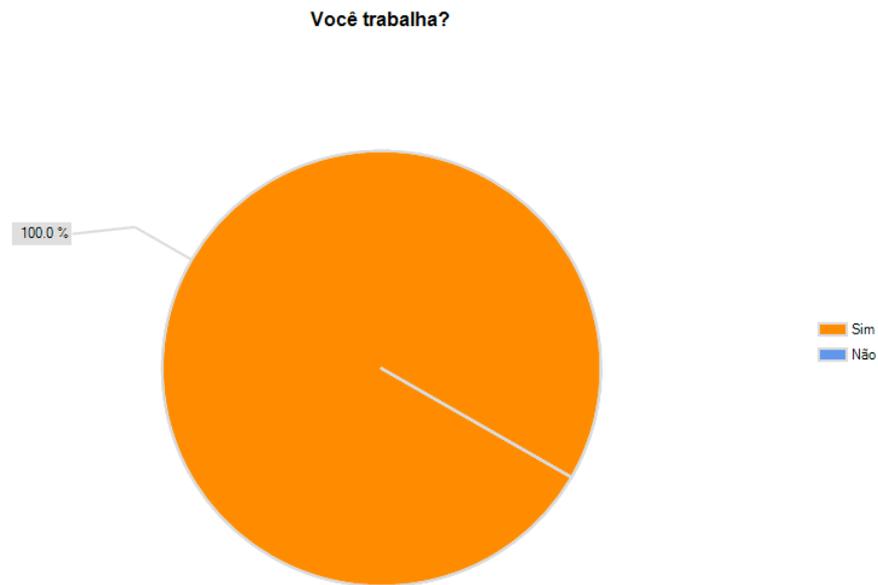


Gráfico 24: Você trabalha?
Fonte: Elaboração própria.

Escolha o perfil que melhor retrata sua atividade profissional:

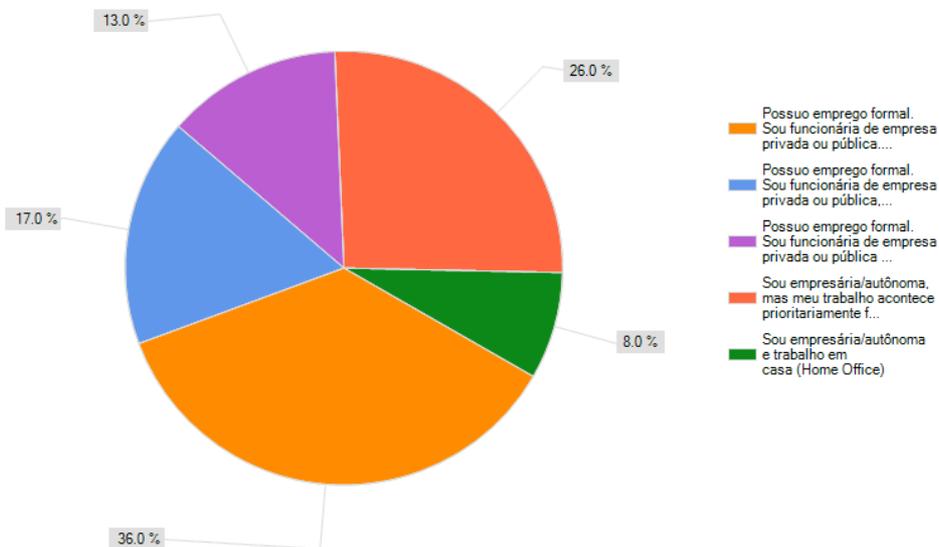


Gráfico 25: Escolha o perfil que melhor retrata sua atividade profissional.
Fonte: Elaboração própria.

36% - Possuo emprego formal. Sou funcionária de empresa privada ou pública. Saio de manhã e volto à noite.

17% - Possuo emprego formal. Sou funcionária de empresa privada ou pública, mas tenho horários flexíveis.

13% - Possuo emprego formal. Sou funcionária de empresa privada ou pública e parte do meu tempo trabalho em casa.

26% - Sou empresária/autônoma, mas meu trabalho acontece prioritariamente fora de casa.

8% - Sou empresária/autônoma e trabalho em casa (Home Office)

Página 5, Q1. Você trabalha em tempo parcial ou total em casa? Qual(is) razão(ões) motivaram essa escolha?

1. Sim, não há necessidade de estar na empresa, e sim disponível por e-mail, ferramenta ou telefone (celular). A empresa incentiva a prática do Home-office, uma vez por semana para todos os funcionários, independente do sexo.

2. Tenho a liberdade de trabalhar em casa quando necessário ou conveniente.

3. Realizo também tarefas em casa pois só o tempo na Universidade não é suficiente para correção de provas elaboração de projetos etc.

4. Sou professora e trabalho como consultora, saio para alguns trabalhos porém são horários flexíveis.

5. Sou dentista.

6. Porque o patrão nao deixa.

7. Trabalho em casa nos projetos à noite, depois que as crianças dormem.

8. Em alguns momentos em situações ocasionais, orçamento, fechamento mensal.

9. Só fico na empresa no período vespertino e necessito de algumas horas de trabalho em casa, devido ao grande volume de trabalho.

10. (Não está permitindo resposta múltipla..) e também pois eu gosto da tranquilidade de trabalhar em casa.

11. Embora a empresa ofereça esta opção, ressalto que opto em estar no escritório a maioria dos dias. Raramente trabalho em casa. mas, desejando tenho toda estrutura para isto

Quais são os canais online/dispositivos tecnológicos que você utiliza?

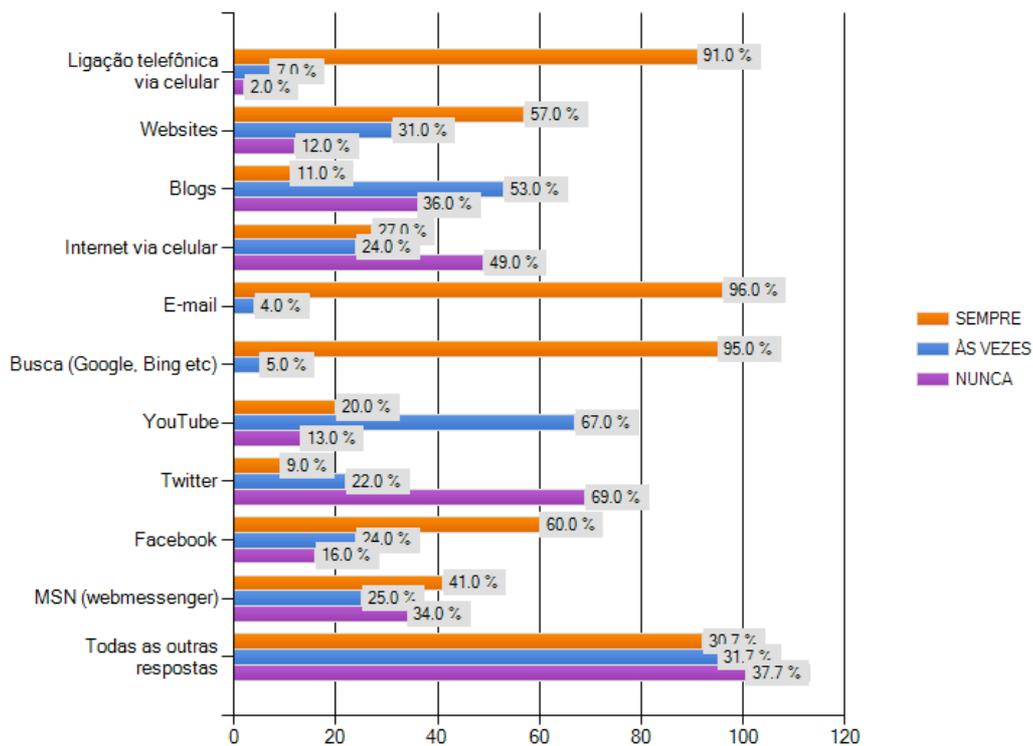


Gráfico 26: Quais são os canais online/dispositivos tecnológicos que você utiliza?

Fonte: Elaboração própria.

Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais online/dispositivos tecnológicos?

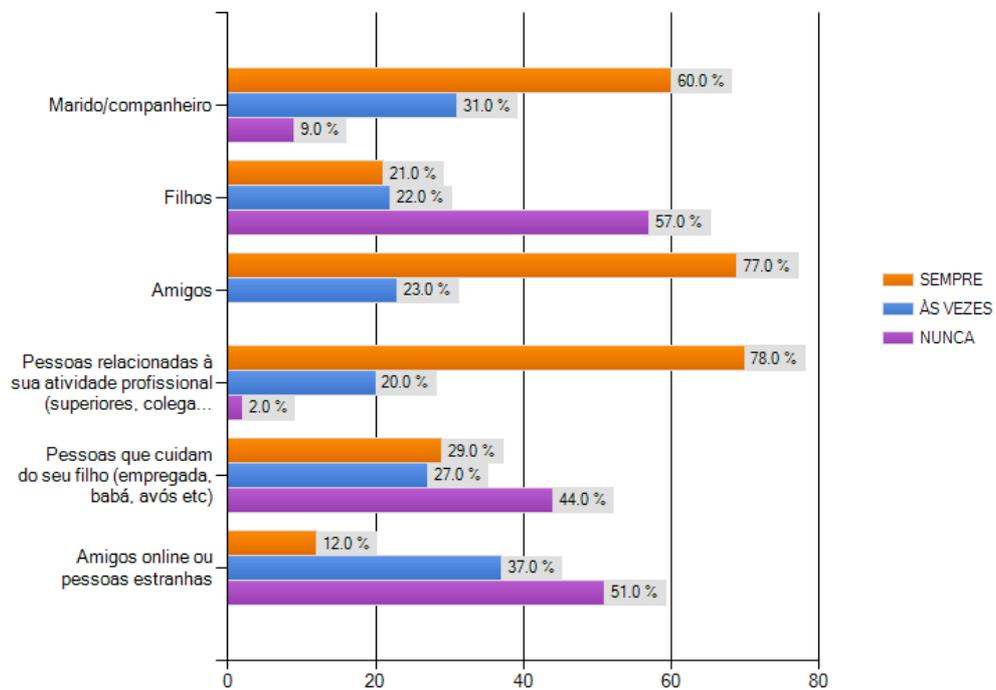


Gráfico 27: Com quem você se comunica com maior frequência através dos canais online/dispositivos tecnológicos?

Fonte: Elaboração própria.

Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com o cônjuge, babá, avós, escola, empregada etc), quando fora de casa?

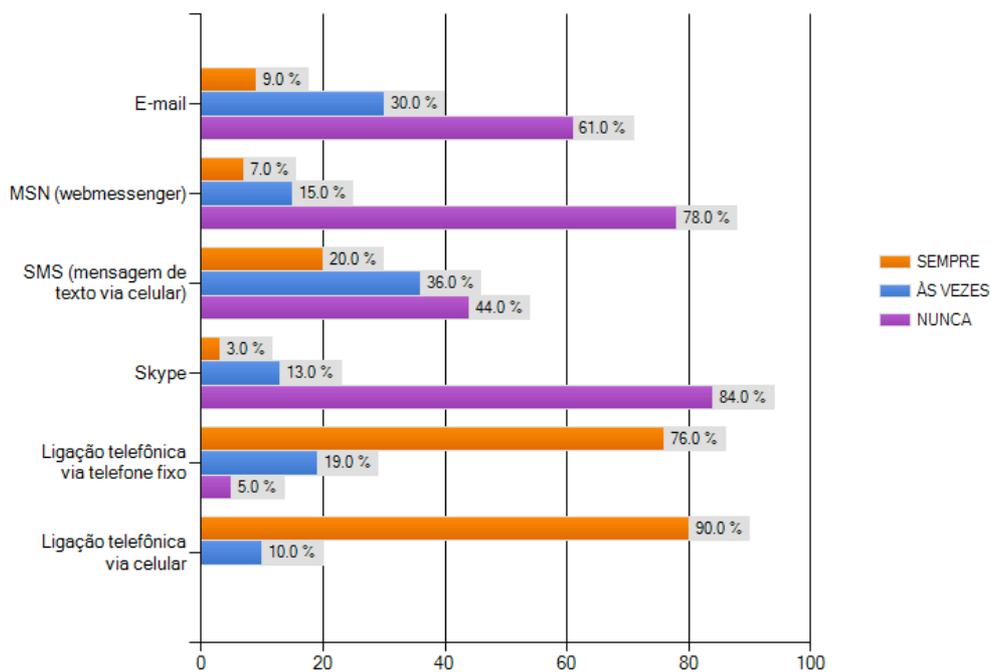


Gráfico 28: Quais canais/dispositivos você utiliza com maior frequência para saber notícias de seus filhos (com cônjuge, babá, avós, escola, empregada etc), quando fora de casa?

Fonte: Elaboração própria.

Caso seus filhos fiquem sob responsabilidade de avós, babá ou empregada doméstica dentro de casa, através de quais meios você obtém notícias deles?

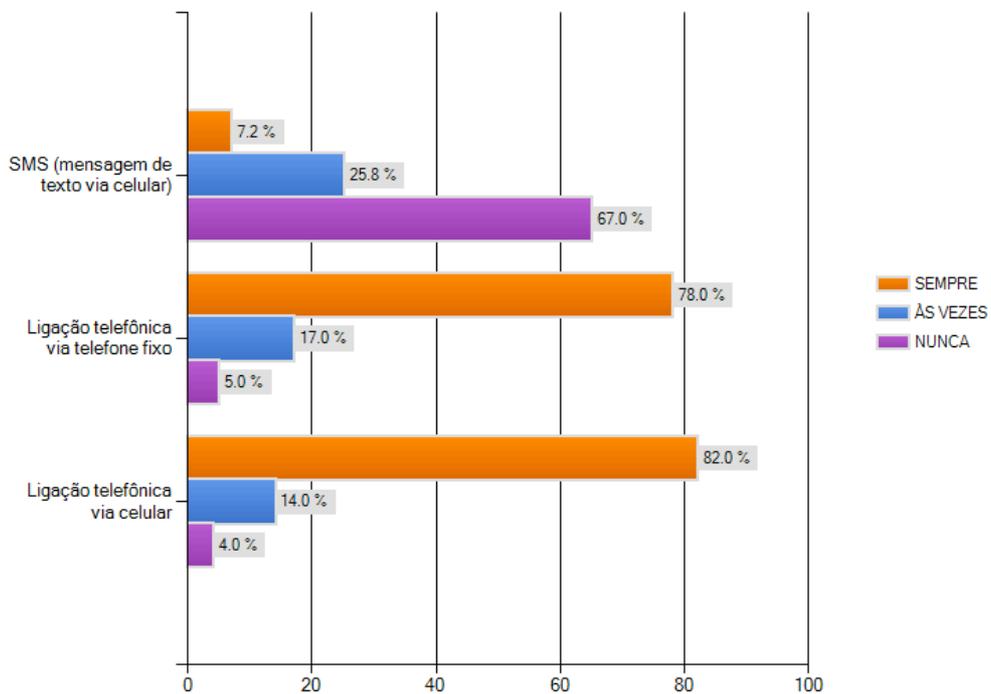


Gráfico 29: Caso seus filhos fiquem sob responsabilidade de avós, babá ou empregada doméstica dentro de casa, através de quais meios você obtém notícias deles?

Fonte: Elaboração própria.

Quando seu cônjuge e/ou filhos precisam encontrá-la, através de qual meio eles te acharão com maior facilidade?

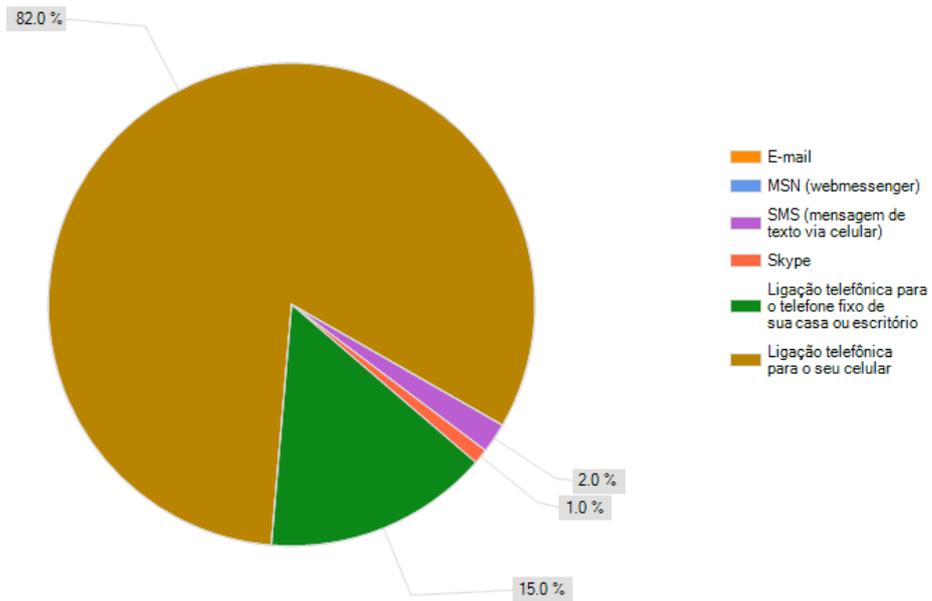


Gráfico 30: Quando seu cônjuge e/ou filhos precisam encontrá-la, através de qual meio eles te acharão com maior facilidade?

Fonte: Elaboração própria.

Falando especialmente sobre celular:

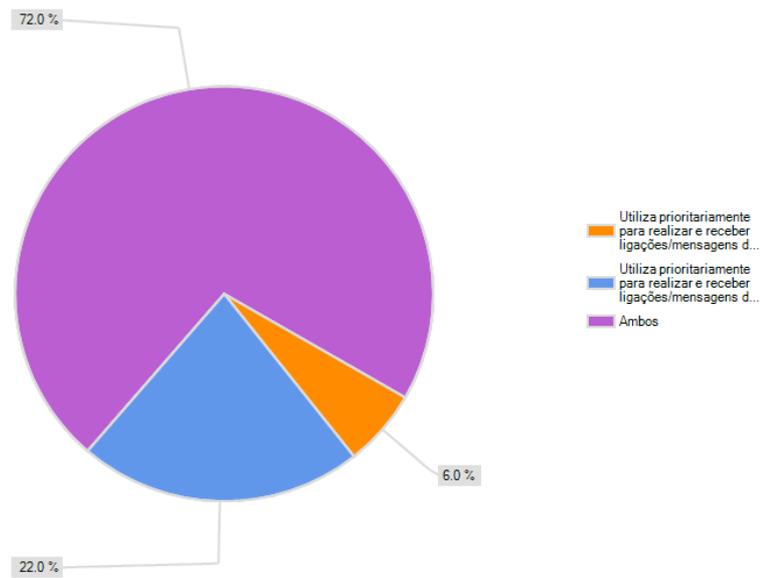


Gráfico 31: Falando especialmente sobre celular.

Fonte: Elaboração própria.

6% - Utiliza prioritariamente para realizar e receber ligações/mensagens do trabalho

22% - Utiliza prioritariamente para realizar e receber ligações/mensagens do cônjuge e filhos

72% - **Ambos**

Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos: (Marque a frase que condiz melhor com a realidade)

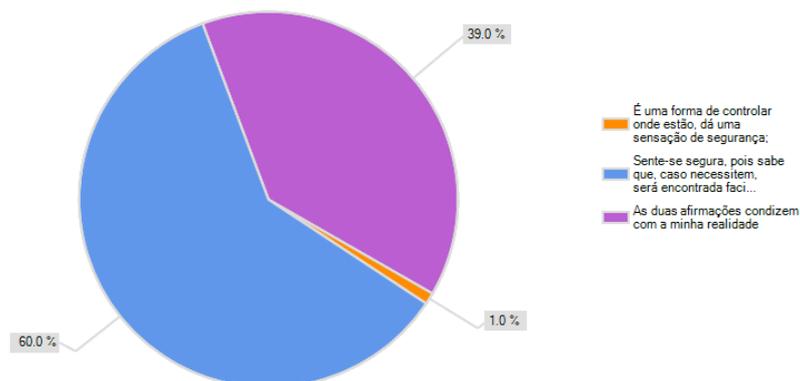


Gráfico 32: Falando especialmente sobre o uso do celular para manter contato com os filhos: (Marque a frase que condiz melhor com a realidade).

Fonte: Elaboração própria.

Página 10, Q1. Você acredita que o uso de dispositivos tecnológicos (celular, e-mail, internet etc) facilitam a sua vida? De que forma?

1. Sim acredito pois há facilidade em encontrar pessoas, não perder contato e mais garantida
2. Sim.
3. Sim. contato mais rápido.
4. Sim, pois qualquer notícia que queira ou precise saber sobre meus filhos, meu marido, minha família, meu trabalho, faço uso do celular e do rádio.
5. Sim. Totalmente entregue à todos eles. Não fico sem nenhum deles.
6. Sim, muito, a vida se torna mais facil.
7. Sim, para me manter sempre informada.
8. Sim, todo mundo tem um celular ou internet, você encontra as pessoas ou alguém perto delas rapidamente.
9. Sim, as respostas são imediatas.
10. Sim, facilitam a comunicação principalmente em situações de emergência.
11. Com certeza! Consigo resolver várias coisas por celular e também estou sempre disponível.

12. Agilidade e maior segurança nas atividades do dia a dia, mas confesso que não gosto do uso excessivo, e do excessivo controle e invasão que as pessoas exercem sobre seu dia a dia. Se eu pudesse, eu não usaria.

13. Atualmente a facilidade e praticidade dos equipamentos nos proporcionam uma sensação de localização, ou seja conseguimos informações em qualquer local a qualquer hora.

14. Penso que esses dispositivos tem facilitado a comunicação e acesso à informação, permitindo que algumas tarefas sejam realizadas de minha própria casa e/ou trabalho.

15. Ganho tempo.

16. Diminuíram a distância entre as pessoas consequentemente aceleraram o recebimento das informações.

17. Facilita o contato com as pessoas e pesquisas.

18. Facilita e muito! Podemos "estar" em vários lugares ao mesmo tempo! Nos comunicar com amigos, filhos e ainda ficarmos atualizados.

19. Sim, agilizando minha tomada de decisões.

20. Sim, pois traz agilidade, segurança e facilidade, que são itens que nos dias atuais todos buscamos.

21. Sim, me mantém conectada, mesmo que não esteja na frente do PC.

22. Sim, pela facilidade de se manter contato.

23. Sim, pela praticidade e rapidez de contato/acesso à informações.

24. Facilita o contato, venho trabalhar mais segura sabendo que posso ser encontrada caso necessitem de mim.

25. Comunicação.

26. Facilitam muito. O e-mail permite que a comunicação ocorra de forma assíncrona e que se atinja várias pessoas de uma só vez e o celular permite encontrar e ser encontrada em qualquer momento e lugar.

27. Sim, facilita e muito, mas sem neurose. Somos bem tranquilos em relação a isso. Sempre deixamos as coisas muito bem combinadas exatamente para não ficarmos reféns da tecnologia.

28. Facilitam o acesso às pessoas a qualquer hora do dia.

29. Sim, permitindo contato rápido e em qualquer local.

30. Sim, facilitando o contato e a localização de quem me procura ou quem eu procuro

31. Sim, fácil comunicação.

32. Falo com várias pessoas ao mesmo tempo e os dispositivos vieram para facilitar o contato com eles.

33. Sim, pois a tecnologia nos coloca em contato com pessoas agregando a possibilidade de estarmos presentes no dia-a-dia.

34. Sim, ajudando a encurtar distâncias.

35. Facilita, muitíssimo! Trabalho longe da minha casa, meu esposo é vendedor externo, ficamos longe da nossa filha o dia todo. Não existe um meio de comunicação mais fácil e mais rápido do que o celular, até para informar pequenas coisas do nosso cotidiano como por exemplo: Hoje chegarei mais tarde! Tal coisa acabou em casa, passe no mercado! O celular da pediatra então aff!!!! Agora, profissionalmente a tecnologia é tudo, rápida, prática e em tempo real faz toda a diferença para seus clientes.

36. Imprescindível, como estou sempre fora de casa, preciso do celular para ter contato com eles.

37. Sim, facilitam. Dessa maneira posso me comunicar sem precisar me deslocar, resolvendo grande parte dos afazeres.

38. Sim, porque me tornam acessível a qualquer momento.

39. Sim, otimiza tempo e disponibiliza comunicação em tempo real.

40. Sim, sem dúvida! Profissionalmente nos oferecem rapidez nos processos, no caso da família nos deixam em segurança “psicológica” e quanto aos amigos facilita a proximidade.

41. Sim, e muito. Temos um ganho significativo de localização e tempo. Podemos nos comunicar em qualquer horário e local.

42. Sim. Agilizam, dinamizam, dão mobilidade maior para a comunicação.

43. Facilita muito. A rapidez.

44. Sim, me dá mais tranquilidade pensar que se precisam de mim, sabem onde me encontrar.

45. Sim, localizo as pessoas que quero falar e também sou localizada com facilidade.

46. Para ser achada/localizada e adiantar algum serviço/atividade.

47. Praticidade e rapidez de contato.

48. Sim, conseguindo me localizar facilmente.

49. Sim.

50. Sim, facilitam. O mundo de hoje é desta forma, e as crianças com mínima idade já transitam bem neste mundo tecnológico

51. Sim

52. Sim, facilitando a comunicação.

53. .

54. Sim, pela rapidez na comunicação.

55. Sim - agilidade no contato.

56. Sim, muito. Acredito que agiliza fazendo com que a informação chegue mais rápido a qualquer tempo, local e hora.
57. Sim, não me imagino sem celular e internet.
58. Sim, torna a comunicação mais rápida e fácil quando funcionam.
59. Sim. Ganho rapidez e conectividade.
60. Sim. Pela agilidade.
61. Sim, aumenta a agilidade
62. Sim, na vida pessoal, profissional etc.
63. Sim, pois a comunicação fica mais rápida e direta, porém pode também demandar muito tempo, como por exemplo, com mensagens indesejadas de email ou spam.
64. Sim, posso falar com quem preciso, de onde estou.
65. Facilitam muito a vida corrida que temos hoje pois a informação chega de forma mais rápida e segura.
66. Sim
67. Estão sempre à nossa disposição.
68. Sim. Está sempre na mão.
69. Sim, rapidez para encontrar a pessoa.
70. Acredito que facilitam, mas meu filho está com uma pessoa de minha inteira confiança.
71. Acredito que facilitam pois podemos otimizar o tempo fazendo as coisas estando em qualquer lugar mas também dá uma sensação de que sempre temos muitas coisas a fazer e pouco tempo.
72. Sim. Mantém meu acesso mais fácil às pessoas que me ajudam a cuidar dele.
73. Sim, pois consigo manter um controle das coisas e também facilita pra eu dizer onde estou e quando vou chegar.
74. Sim, fico tranquila que apesar de estar trabalhando, se precisarem de mim, conseguem falar comigo imediatamente.
75. Sim, fica mais fácil nos comunicarmos.
76. Sim. Porque é uma forma de diminuir as distâncias que nos separam, promovendo comunicação rápida e eficaz.
77. Sim. Podemos solucionar uma dúvida, ou passar um recado com mais agilidade, evitando atrasos e desencontros.
78. Auxilia a comunicação de imprevistos de maneira rápida.
79. Facilitam muito. Comunicação.
80. Facilita encontrar pessoas.
81. Sim. São formas seguras de comunicação, rápidas e eficientes.
82. Facilita muito a minha vida pois na correria do dia a dia ele acaba ajudando a

organizar minhas atividades profissionais e de dona de casa, pois a comunicação é muito rápida e fácil.

83. Facilita muito, pois possuo apenas celular, não possuo telefone fixo. internet facilita para encontrar qualquer assunto e amigos.

84. Sempre!!! onde estiver posso ligar em casa e saber noticias deles, ou ligar para o motorista para saber se já buscou, e assim por diante.

85. Sim, me dão agilidade, rapidez de informação.

86. Sim, fica mais fácil me localizar e eu posso falar em momentos de deslocamento.

87. Sim, posso estar em casa e trabalhar mando e-mail, ou telefonando p/ fornecedores.

88. SIM, FACILITAM POIS TENHO CLIENTES QUE FAZEM ENCOMENDAS POR EMAIL.

89. Muito. Poupa tempo e preocupações.

90. Muito, é muito mais prático e conveniente (principalmente o celular) não sei como minha mãe criou os filhos sem!!!

91. Agilizam resolver problemas inesperados.

92. Sim, porque é mais fácil encontrar as pessoas que quero falar, além de me sentir mais segura de saber sobre meus filhos e deles me localizarem rápido no caso de precisarem de mim.

93. COMPLETAMENTE. HOJE NÃO PODEMOS MAIS VIVER SEM ELES, PORQUE NOS SENTIMOS REALMENTE "ON LINE" COM TUDO E TODOS.

94. Sim. São mais práticos.

95. Sim. Permitem resolver problemas a distância.

96. Sim, pois de qualquer lugar posso resolver qualquer problema.

97. Sim, pela segurança, facilidade de acesso e rápida comunicação.

98. Facilitam completamente a minha vida uma vez que com eles posso estar em vários lugares, me comunicando com várias pessoas ao mesmo tempo.

99. Sim, em função do imediatismo.

100. Sim, permite informações mais rapidamente.

Página 10, Q1. Você acredita que o uso do celular aproxima ou afasta as pessoas umas das outras? Comente.

1. Acredito que aproxima as pessoas, elas sempre vão te encontrar e manter contato.

2. Aproxima.

3. Aproxima.

4. Depende. Aproxima para a conversação informal e formal, mas também afasta a

companhia das pessoas.

5. Aproxima. Muitas vezes as pessoas acabam se juntando por se comunicarem em um momento ou mesmo porque você sabe quem te procurou e pode retornar uma ligação para quem está querendo falar conosco.

6. Sim.

7. Aproxima.

8. Aproxima.

9. Acredito que aproxima.

10. Acredito que aproxima as pessoas, principalmente aquelas que moram distante e com as quais não podemos, de alguma forma, manter um contato direto mais rotineiro. Eu, particularmente, utilizo muito pouco as facilidades da internet e o celular. Prefiro mesmo o contato ao vivo, quando possível. Utilizo telefone apenas para emergências ou para falar com pessoas distantes eventualmente.

11. Aproxima muito! Apenas ressalto que, por questões de custos, o Nextel tem exercido um papel muito importante em nossa comunicação familiar.

12. Aproxima, a medida que utilizamos a internet e as redes sociais no telephone.

13. Enfim seus pontos positivos e negativos.... A tecnologia, de certa forma distancia as pessoas, pois cria um abismo entre as outras, perdendo assim a vivência social, o contato visual, físico

14. Acredito que aproxima, visto que as chances de encontrar as pessoas aumentam significativamente ao lançar mão dos telefones móveis.

15. Aproxima as pessoas.

16. Aproxima, é possível ligar no instante em que se pensa na pessoa, sem ter que esperar para chegar a um local com um telefone fixo, o que muitas vezes pode fazer com que o assunto deixe de ter a importância do momento pensado.

17. Aproxima.

18. Acredito que aproxima. É uma forma de se fazer presente. Uma ligação pra um amigo que faz tempo que não vê, por exemplo.

19. Aproxima, mantém o contato mais frequente.

20. Acredito que nem um nem o outro, a utilização do celular traz benefícios referente a agilidade de informações nas resoluções de questões cotidianas.

21. Não me aproximo de pessoas por usar celular, nem me afasto pelo mesmo motivo. Mesmo com quem tenho contato pessoalmente, ou todos os dias, continuo utilizando o celular como meio prático, quando não estamos próximos.

22. Aproxima, pela facilidade de se encontrar as pessoas.

23. Acredito que o uso do celular aproxima as pessoas, uma vez que podemos estar em contato (mesmo que por voz) várias vezes, a qualquer hora do dia e/ou da noite,

quaisquer que sejam os lugares em as pessoas se encontrem.

24. Aproxima. Sempre que precisamos de algo é só ligar que encontramos a pessoa, assim podemos conversar sempre que necessário.

25. Só tende a aproximar.

26. Aproxima as pessoas, pois facilita a comunicação entre elas.

27. É uma facilidade tecnológica que deve ser usada sem neurose. Não somos reféns disso. Conseguimos nos comunicar, nos achar de maneira saudável, sem a dependência desta tecnologia.

28. O uso do celular é uma via de mão dupla. Aproxima as pessoas, mas também acaba com a privacidade, uma vez que a pessoa pode ser localizada a qualquer hora e em qualquer lugar.

29. Aproxima. Atualmente damos conta de tantas tarefas ao mesmo tempo que o uso do celular permite que não percamos contato com as pessoas, o que, se dependesse de deslocamento e coincidência de horários/disponibilidade, talvez não ocorresse.

30. Aproxima, pois facilita que se mantenha um contato maior, aproximando-as.

31. Aproxima, você pode se comunicar mais.

32. Aproxima. Você acaba encontrando a pessoa onde ela estiver.

33. Aproxima. Entretanto, creio que muitos assuntos devam ser tratados pessoalmente. O celular impulsiona o contato, mas para mantermos principalmente uma relação familiar e de amizade, esta tecnologia não substitui o contato presencial. Além disso, muitos assuntos profissionais devem ser tratados pessoalmente.

34. A tecnologia vem sempre para ajudar as pessoas, depende muito da maneira que é utilizada.

35. Aproxima, pelo contrário do que muitas pessoas dizem que antes você ia até a casa da pessoa ao invés de dar apenas um telefonema, eu continuo indo a casa das pessoas só que maneira correta ligando antes, convidando os amigos e familiares para reuniões fraternas da mesma maneira.

36. Aproxima, pois posso falar e saber deles, não importa onde eu esteja.

37. Aproxima, visto que nem sempre podemos nos encontrar com as pessoas e com o uso do celular podemos ao menos saber como elas estão.

38. Aproxima, uma vez que podem se comunicar a qualquer momento.

39. Apenas estabelece comunicação, uma vez que comunicação mediada pela máquina não pode aproximar as pessoas.

40. Acredito que aproxima.

41. Sem dúvida, aproxima. A facilidade com que as pessoas "se encontram" é evidente.

42. O celular é apenas mais uma ferramenta de mediação que pode vir a afastar ou

a aproximar, de acordo com a utilização que se faça dele. No meu caso, especificamente, é sem dúvida uma forma de me aproximar daqueles que desejo estar próxima e também de me afastar daqueles que não desejo aproximação em determinadas situações.

43. Em meu caso, aproxima. Tenho família que mora em outra cidade, e com estas promoções que as operadoras oferecem, é mais fácil e mais barato comunicar-me.

44. Aproxima.

45. Aproxima, pois nem sempre temos tempo de ligar para uma amiga quando se chega em casa, muitas vezes vc está lamoçando, fazendo compras etc, e facilita poder ligar.

46. Num primeiro momento aproxima, porém, como é tudo muito rápido mantemos uma relação superficial.

47. Aproxima de amigos, pois são atualmente a única forma de contato que temos.

48. Aproxima, pois a qualquer hora e qualquer momento, você fala com quem desejar.

49. Aproxima.

50. Aproxima, pois em qualquer lugar que você esteja, consegue falar com qualquer pessoa. Às vezes você está na fila de um banco, supermercado, viajando...pega o telefone e liga, não importa de onde.

51. Sim.

52. Acredito que nem afaste nem aproxime, celular hoje é um meio de comunicação rápido para várias ocasiões.

53. .

54. Aproxima, pois você tem notícia das pessoas com maior facilidade, não precisa esperar que elas cheguem em casa ou no trabalho.

55. Sim, pois o contato pessoal muitas vezes é substituído.

56. Aproxima.

57. Aproxima. Pois sempre temos contato e informações de quem gostamos.

58. Pode aproximá-las ou afastá-las, depende do uso que cada um faz desse produto.

59. Aproxima, pois a facilidade de comunicação independe do local onde você se encontra.

60. Aproxima, pois as pessoas são mais facilmente localizadas quando se precisa falar. Isso não substitui um encontro pessoal quando ele se faz necessário. Por isso não afasta.

61. Aproxima, pela agilidade de informação.

62. Aproxima. Hoje podemos falar com qualquer pessoa a qualquer tempo e em qualquer lugar.

63. Aproxima, pois fica mais fácil o contato.
64. Não sei.
65. Aproxima aquelas com as quais não podemos ver sempre, pois as pessoas têm uma vida muito agitada, quase não ficam em casa e o celular ajuda no contato.
66. Aproxima.
67. Acredito que aproxima, quando você pensa naquela pessoa, já pega o celular e na mesma hora liga, independente de onde você esteja.
68. Aproxima, pois se meu marido está viajando posso falar com ele a qualquer momento.
69. Aproxima, estar conectado é estar próximo!
70. Acredito que ajuda a aproximar as pessoas.
71. Acredito que depende da pessoa que utiliza. Vejo que a tecnologia tem mais distanciado do que aproximado as pessoas, cada pessoa se comunica com as
72. Aproxima!
73. Acredito, pois você consegue efetuar uma ligação de qualquer lugar ou uma mensagem de texto.
74. Aproxima.
75. Com a realidade atual, acho que aproxima, pois não temos mais a possibilidade de estarmos tão próximos como gostaríamos.
76. Afasta quando a comodidade transforma este meio de comunicação em único. Valorizo muito a comunicação olho no olho, o abraço através do contato físico e no meu caso utilizo o celular apenas para comunicações e informações objetivas.
77. Não.
78. Aproxima, quando não é possível o encontro das pessoas é possível a comunicação.
79. Aproxima, fica mais fácil encontrar as pessoas e ser encontrado.
80. Aproxima, já que podemos nos comunicar quando queremos.
81. Aproxima. Creio que aproxima devido a velocidade na resposta e eficiência.
82. Depende da ocasião. Há casos em que a correria faz com que você dê uma ligadinha ao invés de ir visitar alguém mas também é muito prático quando se tem uma pessoa querida longe e você quer matar a saudade.
83. Depende do uso. Se as pessoas só ficam falando ao celular o tempo todo pode afastar as pessoas que convivem sempre e incomodando a essas pessoas.
84. Aproxima!!! Adoro falar no celular com pessoas. Quando trabalhava em Sampa, passava a estrada falando no celular assim passava rápido, quando via, chegava ao destino.
85. Aproxima e afasta! Aproxima ao permitir a comunicação imediata! Afasta por

substituir o contato tête a tête.

86. Depende, algumas pessoas substituem o contato direto pelo uso do celular, outras usam apenas para facilitar o encontro ao vivo.

87. Aproxima. É o meio mais fácil de encontrar as pessoas.

88. O CELULAR FACILITA BASTANTE O CONTATO COM DETERMINADA PESSOA, É A MANEIRA MAIS FÁCIL DE FALAR DIRETAMENTE COM QUEM SE QUER.

89. Aproxima.

90. Depende de como se usa. No meu caso aproxima - sempre que não posso estar próxima aos meus filhos ligo para saber como eles estão.

91. Aproxima.

92. Aproxima. O relacionamento é sempre mais rápido. Não nos sentimos preocupados em ligar para o trabalho de um amigo. Temos o número direto dele....

93. APROXIMA. VOCÊ ESTA EM QUALQUER LUGAR E PODE SE COMUNICAR. NÃO PRECISA SE DESLOCAR ATÉ UM TELEFONE PARA SE COMUNICAR. ESTAMOS SEMPRE ON LINE

94. Aproxima. As pessoas são mais facilmente encontradas.

95. Considero indiferente. Acho que o propalado afastamento das pessoas é muito mais uma questão de disponibilidade de tempo.

96. Aproxima, pois nos falamos com mais frequência.

97. Nem uma das duas coisas. Só facilita comunicação. Não se trata de um medidor de afetividade.

98. Com certeza aproxima. Você pode usá-lo enquanto está na fila do banco, na espera do médico etc. Você não precisa chegar em casa para falar com alguém e por isso pode falar com mais pessoas.

99. Acredito que aproxima as pessoas, pois o contato é muito mais fácil.

100. Não.